

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

YVES FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**ENUNCIÇÃO PROVERBIAL E ARGUMENTAÇÃO POR AUTORIDADE
EM CARTAS DO LEITOR.**

**VITÓRIA
2011**

YVES FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**ENUNCIÇÃO PROVERBIAL E ARGUMENTAÇÃO POR AUTORIDADE
EM CARTAS DO LEITOR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Carvalho.

VITÓRIA

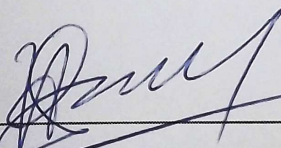
Yves Figueiredo de Oliveira

*Enunciação proverbial e argumentação por
autoridade em cartas do leitor.*

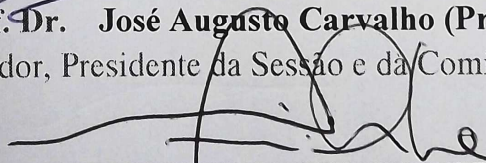
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Lingüísticos.

Aprovado em 23 de setembro de 2011.

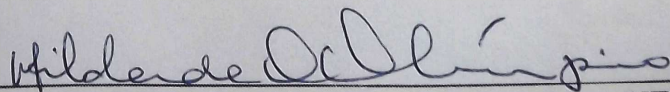
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. José Augusto Carvalho (Presidente) – UFES
Orientador, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora



Profª Drª Mônica Oliveira Santos (UNICAMP)
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora



Profª Drª Hilda De Oliveira Olímpio – UFES
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

O48e Oliveira, Yves Figueiredo de, 1983-
Enunciação proverbial e argumentação por autoridade em
cartas do leitor / Yves Figueiredo de Oliveira. – 2011.
114 f.

Orientador: José Augusto Carvalho.
Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Oratória. 2. Provérbios. 3. Semântica geral. I. Carvalho,
José Augusto, 1940-. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

AGRADECIMENTOS

A Deus, socorro bem presente na hora da angústia.

Ao orientador, professor doutor José Augusto Carvalho, pela acolhida e apoio nesta jornada de pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES), pela compreensão e suporte.

Aos membros da banca do exame de qualificação, professora doutora Hilda de Oliveira Olímpio e professor doutor Luciano Novaes Vidon, pelas valiosas sugestões.

Aos membros da banca da defesa, professora doutora Mônica Oliveira Santos, professora doutora Hilda de Oliveira Olímpio e professor doutor Luciano Novaes Vidon, que muito gentilmente cederam seu tempo para a leitura deste trabalho.

À minha esposa, Karla Martins, pelo incentivo e encorajamento nos momentos mais difíceis.

*vozes a mais
vozes a menos
a máquina em nós
que gera provérbios
é a mesma que faz poemas,
somas com vida própria
que podem mais que podemos*

Paulo Leminski, *La vie en close*.

RESUMO

Estudamos nesta dissertação a ocorrência de provérbios empregados como argumento de autoridade em cartas do leitor. A partir do *corpus* constituído de cartas da seção “Dos Leitores”, no jornal carioca *O Globo*, publicadas no período compreendido entre 01-01-2010 a 01-01-2011, foram selecionados 83 (oitenta e três) textos com a presença de provérbios, numa abordagem representativa que permitiu estudar o processo de construção da argumentação por autoridade nesses contextos. A hipótese defendida é a de que os enunciados proverbiais podem figurar como argumentos por autoridade a fim de embasar as teses dos autores das supramencionadas cartas do leitor, e as teorias que dão suporte a este estudo baseiam-se nos estudos empreendidos pela Semântica Argumentativa, de Ducrot (1987), e a Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (2005), além das teorias relacionadas aos gêneros jornalísticos, de Melo (1994), entre outros. A análise dos dados nos permite afirmar que os enunciados proverbiais estudados constituem um primoroso recurso argumentativo, sobretudo concernente à argumentação por autoridade em cartas do leitor, dado, entre outros fatores, o seu carácter mnemônico e seu status de verdade consensual.

Palavras-chave: argumentação, provérbios, carta do leitor.

RESUMÉ

On étudie dans cette dissertation l'occurrence de proverbes employés comme argument d'autorité dans les lettres du lecteur. À partir du *corpus* constitué par des lettres de la section "Dos leitores", dans le journal de Rio *O Globo*, publiées dans la période comprise entre le premier janvier 2010 et le premier janvier 2011, furent sélectionnés 83 (quatre-vingt-trois) textes avec des proverbes, dans une approche représentative qui permet d'étudier le procès de construction de l'argumentation par autorité dans ces contextes. L'hypothèse plaidée ici est celle selon laquelle les énoncés proverbiaux peuvent tenir lieu d'argument par autorité pour appuyer les thèses des auteurs des lettres citées, et les théories qui fournissent la base de cette étude se fondent dans les études de la Sémantique Argumentative de Ducrot (1987) et la Nouvelle Rhétorique de Perelman et Tyteca (2005), outre les théories qui se rapportent aux genres journalistiques, de Melo (1994), entre autres. L'analyse des données nous permet d'affirmer que les énoncés proverbiaux étudiés constituent un excellent appui d'argumentation, surtout en ce qui concerne l'argument par autorité dans les lettres des lecteurs, étant donné leur caractère mnémonique et leur statut de vérité consensuelle.

Mots-clés: argumentation, proverbes, lettre du lecteur

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 09 |
| CAPÍTULO 1 - PROVÉRBIOS: A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS | 13 |
| 1.1 CARACTERIZANDO PROVÉRBIOS..... | 15 |
| 1.2 PROVÉRBIOS E ARGUMENTAÇÃO..... | 18 |
| CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS: SACO VAZIO NÃO PARA EM PÉ | 20 |
| 2.1 ANÁLISE DO DISCURSO: REFLEXÕES | 22 |
| 2.2 DIÁLOGOS BAKHTINIANOS: DIALOGISMO | 24 |
| 2.3 POLIFONIA E HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA | 27 |
| CAPÍTULO 3 - ARGUMENTAÇÃO E AUTORIDADE: EM TERRA DE CEGO QUEM TEM UM OLHO É REI | 34 |
| 3.1 PANORAMA RETÓRICO | 34 |
| 3.2 ARGUMENTAÇÃO POR AUTORIDADE | 41 |
| 3.2.1 Perspectiva de Perelman & Olbrechts-Tyteca | 43 |
| 3.2.2 Perspectiva de Ducrot | 50 |
| CAPÍTULO 4 - GÊNEROS TEXTUAIS: NEM TUDO QUE RELUZ É OURO | 55 |
| 4.1 ASPECTOS GERAIS | 55 |
| 4.2 SUPORTE E GÊNEROS JORNALÍSTICOS | 58 |
| 4.3 CARTA DO LEITOR: A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS | 64 |
| 4.3.1 Seção “Dos Leitores” – Jornal <i>O Globo</i> | 69 |
| CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA E <i>CORPUS</i> | 72 |
| CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>: QUEM PROCURA ACHA | 77 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 89 |
| REFERÊNCIAS | 92 |
| ANEXOS | 97 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Todo ato comunicativo visa a persuadir o interlocutor a aceitar o que está sendo comunicado. É com essa premissa que Fiorin (2004) constata o que encontramos em situações cotidianas de uso da língua. O mencionado autor defende que “o ato de comunicação é visto como um jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite” (FIORIN, 2004, p. 52).

Conhecer os mecanismos de persuasão e convencimento significa ser capaz de utilizar de forma eficaz os elementos linguísticos de que a língua dispõe. Tais elementos são variados. Por isso mesmo é preciso selecionar os mais convenientes e adequados para expressar ideias, nas situações de interação sociocomunicativa, objetivando o efeito de sentido desejado.

Em certos domínios discursivos por vezes necessitamos lançar mão de recursos estratégicos, objetivando o convencimento e/ou a persuasão do(s) interlocutor(es) envolvido(s) no processo discursivo. Um desses recursos, e um dos mais utilizados nessas circunstâncias, mesmo que involuntariamente, é conhecido como argumentação por autoridade.

Nessas situações geralmente fazemos referências a especialistas em suas respectivas áreas de conhecimento, ou até mesmo a publicações consagradas, como a Bíblia, por exemplo, sendo que, quanto mais respeitada e conhecida for a autoridade citada, maior o crédito a ser dado ao discurso, assim como maior o poder persuasivo da proposição.

A temática principal abordada neste trabalho reside na pergunta que constitui o fio condutor da pesquisa: os provérbios, caracterizados como discurso de ensinamento, de conselhos, portadores de um saber consensual, são utilizados como argumentos de autoridade no discurso? A partir desse ponto, outras questões nos sobrevieram: Quais os provérbios mais empregados? Como eles são aplicados? De que modo são introduzidos no texto? Notamos, assim, que o caminho a seguir estava aberto. Nossa hipótese é a de que os provérbios podem ser empregados como argumentos

por autoridade a fim de embasar as teses dos autores das cartas do leitor estudadas.

Portanto este trabalho justifica-se pela intenção de contribuir para a ampliação dos estudos acerca da argumentação, estudando os efeitos do emprego de provérbios como argumentos de autoridade em textos do gênero carta do leitor, com análises que possam fornecer novos reflexos para as atuais e futuras pesquisas na área.

Tendo em vista que os provérbios utilizados discursivamente são amplamente recorrentes na modalidade oral da língua, fez-se necessário coletar um *corpus* escrito que se aproximasse desse foco de ocorrência, uma vez que a coleta via gravação e posterior transcrição de diálogos se tornaria praticamente inviável, dado o tempo disponível para a pesquisa.

Dessa forma, lançamos um olhar minucioso para os gêneros textuais presentes nos jornais diários – de fácil acesso e com circulação constante de informações novas – em busca de textos que possuíssem a flexibilidade da oralidade e, ao mesmo tempo, obedecessem ao padrão formal da língua. Encontramos o gênero textual carta do leitor, que se mostrou extremamente eficiente para o estudo em tela, pois (I) apresenta postura opinativa, portanto argumentativa; (II) está sempre em constante atualização, dada a efemeridade jornalística; (III) constitui um gênero abundante em determinados periódicos brasileiros; (IV) alia o padrão formal da língua ao tom de informalidade, já que as cartas são produzidas por leitores “comuns”.

Optamos, então, pela seção “Dos Leitores” do jornal carioca *O Globo*, pois é um dos periódicos que mais dedicam espaço aos leitores, com média de 25 (vinte e cinco) cartas publicadas diariamente. Procedemos à coleta da mencionada seção no período compreendido entre os dias 01-01-2010 a 01-01-2011. O *corpus* básico que serviu de campo de trabalho, constituiu-se de uma seleção de 83 (oitenta e três) cartas do leitor, relacionadas na íntegra, no Anexo 1, ao final deste trabalho. No Anexo 2, em ordem alfabética, consta a relação dos provérbios utilizados nas cartas

selecionadas, assim como o índice de repetição desses provérbios e a sigla do pesquisador que considera o enunciado proverbial como provérbio.¹

Ao encontrar uma carta com um provérbio utilizado como argumento de autoridade, pareceu-nos válido verificar se ele estava registrado em alguma coletânea. Desse modo, adotamos três obras de autores que em suas pesquisas compilaram enunciados que consideram como provérbios propriamente ditos: Valle (1997), Steinberg (1985) e Lacerda (1999). O resultado dessa checagem está elencado no Anexo 2, onde a sigla AV representa Álvaro Valle; MS, Marta Steinberg; e RL, Roberto Lacerda. A numeração ao lado das abreviaturas dos nomes refere-se à numeração dos provérbios que constam da classificação dos autores ou das páginas onde são encontrados.

Destarte, a metodologia de pesquisa foi definida pelo levantamento inicial de literatura nacional e estrangeira relativa aos provérbios, seu histórico e suas características fundamentais. Posteriormente, procedemos à pesquisa bibliográfica acerca dos estudos no campo da retórica, da argumentação, das teorias enunciativas, assim como dos gêneros textuais. Na sequência analisamos as edições diárias da seção “Dos Leitores”, do jornal *O Globo*, selecionando as ocorrências de provérbios com função de argumento por autoridade. Finalmente, após estudo do referencial teórico, analisamos o *corpus* selecionado e conduzimos a elaboração da conclusão.

Este trabalho constitui-se de 06 (seis) capítulos discriminados a seguir:

- Capítulo 1: Possui três partes principais: a primeira é centrada na definição dos provérbios, assim como na sua trajetória histórica; a segunda faz uma abordagem de suas características estruturais, sintáticas, semânticas e pragmáticas; e a última encaminha a discussão para seus aspectos argumentativos.

¹ Dada a dificuldade de distinguir satisfatoriamente o provérbio de seus parassinônimos (adágio, aforismo, ditado,...), consideramos as obras em que os autores compilaram os que acreditam ser provérbios propriamente ditos.

- Capítulo 2: Gira em torno dos fundamentos teóricos relacionados à Análise do Discurso, ao dialogismo bakhtiniano e, por fim, à noção de polifonia e heterogeneidade enunciativa.

- Capítulo 3: Indica a fundamentação teórica que fornece critérios para a análise. Inicialmente partimos de uma perspectiva histórica, seguindo o percurso retórico desde a Grécia Antiga, passando pelos estudos da Nova Retórica, com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), até a Semântica Argumentativa de Ducrot (1987).

- Capítulo 4: Abordamos mais detalhadamente a discussão acerca dos gêneros textuais, tendo como aporte teórico os estudos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2008), Bazerman (2005), entre outros. Discursamos acerca dos suportes e demais gêneros jornalísticos, sob a ótica de Melo (1994), abordando mais especificamente o gênero textual em foco, isto é, a carta do leitor.

- Capítulo 5: Expomos a metodologia empregada nas análises, assim como destacamos as 05 (cinco) cartas de leitores selecionadas para aplicação do aporte teórico.

- Capítulo 6: É a análise propriamente dita. Como já mencionado, dos 51 (cinquenta e um) provérbios constantes do corpus, 05 (cinco) foram analisados pelo critério de recorrência.

1. PROVÉRBIOS: A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS.

O universo proverbial sempre foi objeto de várias pesquisas em diferentes campos, seja no tocante à paremiologia, área que se preocupa especialmente com a garimpagem e classificação de provérbios; seja no viés lexicográfico, fraseológico, folclórico; ou ainda, na perspectiva enunciativo-discursiva, área que concentra cada vez mais estudos relativos aos provérbios.

Existem várias pesquisas e publicações brasileiras dedicadas integralmente aos provérbios, em várias frentes de trabalho, que servem de embasamento para estudos posteriores, como é o exemplo de MASUCCI (1954), STEINBERG (1985), ROCHA (1995), VALLE (1996), SOUZA (2001), entre outras.

Independentemente do enfoque a ser dado, categorizar e formular a definição dos provérbios, para delimitar nosso objeto de estudo, resulta em uma tarefa complexa, dada as significativas variações conceituais e terminológicas.

Obelkevich (1997, p.44) tenta definir os provérbios sugerindo parecer “existir um consenso geral quanto a serem ditos populares tradicionais que oferecem sabedoria e conselhos, de maneira rápida e incisiva”. Entretanto, esclarece que, embora sejam fáceis de reconhecer, os provérbios apresentam dificuldades para a sua própria definição.

Lysardo-Dias (2001, p.40), após várias reflexões elaboradas acerca do tema em tela, propõe ser o provérbio um “enunciado genérico e codificado que denomina um conceito que se refere às relações humanas”. A autora procura distinguir os provérbios das máximas, do slogan (lema) e do dito popular, postulando três traços fundamentais definidores do provérbio: (I) é um enunciado genérico e metafórico; (II) está codificado no interior de um sistema linguístico, sendo reconhecido pelos membros de uma comunidade sociolinguística; e (III) nomeia um conceito próprio às relações humanas (LYSARDO-DIAS, 2001, p.37).

Steinberg (1985) também procura identificar as sutis características dos provérbios em relação às máximas, adágios, aforismos, etc. Segundo a autora, em relação à

estrutura, o provérbio se caracteriza pelo emprego de rimas; assonâncias; aliterações; equilíbrio; concisão; paralelismo fonético, morfológico e sintático; elipse; e paronomásia. Em se tratando do âmbito semântico, os provérbios se distinguem por encerrar uma mensagem admoestadora ou conselho, devendo ser empregados metaforicamente.

Poderíamos arrolar uma série volumosa de conceitos e definições, porém esse não é o propósito do presente trabalho. Acreditamos que o quadro de definições “curingas”, isto é, essa possibilidade múltipla de definição, é inerente ao campo proverbial.

Como esta pesquisa se volta ao estudo dos provérbios no campo discursivo, em especial, na ação retórico-argumentativa, concordamos com a definição de Xatara (2008a, p.19), que caracteriza o provérbio como uma

unidade léxica fraseológica fixa, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Xatara (2008a) esclarece que os provérbios ao mesmo tempo antigos e novos transmitem e preservam conhecimento e servem para nos mostrar que a humanidade não evoluiu em quase nada, ou seja, os sentimentos, uniões, conflitos são experiências comuns a todas as culturas e em todas as épocas.

De uma perspectiva histórica, a existência de provérbios remonta a muitos séculos passados, compondo a filosofia egípcia, grega e romana. Steinberg (1985) relata que já na Grécia antiga era costume a escrita de provérbios nas paredes das casas. Grandes pensadores e filósofos, como Pitágoras, Platão, Hesíodo e Aristóteles, valeram-se de provérbios em suas obras. Os romanos eram, como atestam as obras de Zenóbio e Diogeniano, admiradores da sabedoria propagada por meio dos provérbios. Obelkevich (1997) cita a perspectiva de Aristóteles em relação aos provérbios, ao declarar que, por intermédio deles, a sabedoria dos poetas e dos filósofos se torna a sabedoria cotidiana da população em geral, considerando os enunciados proverbiais a linguagem primitiva da humanidade.

Steinberg (1985) destaca que expressões proverbiais eram coletadas na França no século XII, e foi nesse país que o termo provérbio, originado da língua latina (*proverbium*), começou a ser propagado no século XVIII. A autoria do estudo mais antigo relacionado a provérbios é atribuída a Henri Estienne, em 1579, embora seja de 1526 a coleção mais antiga, pertencente ao inglês John Heywood. Em 1859, com a publicação do *Livre de proverbes français*, na França, tiveram origem os estudos paremiológicos modernos.

Xatara (2008a) explica que a impossibilidade de resgate de toda essa gama informacional se deve, entre outras razões, à tradição oralizante que permeou as relações humanas ao longo dos anos. Muitos relatos conseguiram passar pela Idade Média, chegando até a contemporaneidade.

1.1 CARACTERIZANDO PROVÉRBIOS

Em relação à forma e sentido, os provérbios constituem, conforme Greimas (1975), um domínio semântico independente e apresentam características peculiares entre os quais o autor ressalta:

(I) caráter arcaico de suas construções gramaticais, no tocante à ausência de artigo e de antecedentes, além da não observância da ordem convencional das palavras, como nos exemplos abaixo:

*Asno que a Roma vá, asno volta de lá.
Quem mulher tem, guerra tem.
O abade onde canta daí janta.
Enquanto disputam os cães, come o lobo a ovelha.*

O autor destaca que os traços arcaicos do provérbio podem remeter à época de sua formação, sendo que um estudo histórico mais profundo constataria que essa forma arcaizante lhe seria necessária exatamente por constituir seu traço distintivo.

(II) o emprego dos verbos no presente, no imperativo em menor escala, na maioria dos provérbios, como em:

As grandes dores são mudas.

*A união faz a força.
Faze o bem, não olhes a quem.*

(III) a estrutura rítmica binária, com palavras repetidas, ora em oposição, como verificadas nos seguintes exemplos:

*Mudam os tempos, mudam os pensamentos.
Come para viver, não vivas para comer.
Do nada, nada se faz.
Hoje sou eu, amanhã serás tu.*

O autor salienta que a repetição de um mesmo elemento lexical nas duas partes da estrutura proverbial – *Longe dos olhos, longe do coração* – permite o estabelecimento de correlação entre as duas sequências, e essa articulação transmite a ideia de aproximação das coisas e dos comportamentos que se parecem; e essa ideia “tende para a constituição de grandes classes de correlações e contribui de forma relevante para a *ordenação* do mundo moral que se supõe reger uma sociedade” (GREIMAS, 1975, p.295, grifo do autor).

Xatara (2008a, p.24) sintetiza as características proverbiais, adotando os horizontes sintáticos, semânticos e pragmáticos. Evidentemente, não encontramos necessariamente todos os traços distintivos agrupados em um só provérbio. Em relação à (I) sintaxe, a autora aponta cinco evidências substanciais: (a) apresenta-se de forma concisa e conotativa; (b) prefere os tempos verbais no presente; (c) é geralmente impessoal; (d) possui enunciado completo, dispensando especificações de sujeitos ou complementos verbais; e (e) pode combinar vários recursos estilísticos (rima, assonância, elipse de artigo, trocadilho, etc.).

Sob a perspectiva (II) semântica, o enunciado proverbial (a) representa uma verdade geral, resumindo experiências vividas por mais de um indivíduo, seja sentimentos – raiva, decepção, carinho, saudade etc –, seja posicionamentos – sobre classe social, idade, raça, sexo, religião etc; (b) tem pretensões de ser válido universalmente, mas às vezes apresenta um valor peculiar restrito a uma região.

Por fim, a autora menciona que, do ponto de vista (III) pragmático, o provérbio deve ser (a) atemporal e de maior recorrência na modalidade oral do que na escrita; (b) deve ser aprovado pela coletividade e transmitido de geração a geração; (c) não possuir autoria, visto que sua condição de produção foi apagada; (d) objetiva

comprovar a ideia do usuário, argumentar, aconselhar, persuadir ou controlar condutas; (e) pode ser compreendido isoladamente, mas muitas vezes revela intertextualidade e é empregado em função de um contexto; (f) funciona como aporte de orientação do homem em relação a si mesmo, aos outros e às futuras gerações; (g) é reconhecido e consagrado por uma determinada comunidade linguística.

Cerquiglino (1976), em seu estudo sobre a escrita proverbial, discorre acerca das modalidades de inscrição do provérbio no discurso, o que facilitaria seu reconhecimento. O mencionado autor afirma que a inscrição do provérbio se realiza, em sua maioria, por uma sequência linguística, uma estrutura enunciativa que se decompõe em marca de separação, locutor, sintagma verbal assertivo, alocutário e modalidade discursiva, que se combinam entre si.

A introdução do provérbio no discurso pode ser revelada por meio das marcas de separação como, por exemplo, *porque, ora, meus, cujo*, entre outros. Entretanto, esses elementos podem ser nulos, isto é, o provérbio pode ser inserido, também, sem as marcas supracitadas.

Cerquiglino (1976) destaca que, semanticamente, a modalidade assertiva de autoridade dos provérbios é reforçada pela natureza do locutor (filósofo, sábio, autoridade, etc.) ou por sua concorrência com uma marca de separação como *por isso, cujo, que, porque*, etc. “A introdução toma assim um andamento de um raciocínio, afirmação sub-reptícia e autoritária da verdade” (CERQUIGLINI, 1976, p.363, tradução nossa).

Cohen (1991) realiza um estudo detalhado sobre a ligação dos provérbios ao inconsciente freudiano. Segundo ele, a utilização de três figuras linguísticas, que considera mais próprias dos provérbios, aumenta a eficácia da enunciação proverbial. São elas (I) a metáfora, como em

*Águas passadas não movem moinho.
Quem não pode com pote não pega na rodilha.
Cesteiro que faz um cesto faz um cento.*

(II) a hipérbole, como nos exemplos a seguir:

*Quem se faz de mel, as abelhas o comem.
Antes que o mal cresça, corta-lhe a cabeça.
Aos afortunados até os galos põem ovos.*

Por fim, (III) o paradoxo:

*A roda da fortuna tanto anda quanto desanda.
Acender uma vela a Deus e outra ao Diabo.
Casar é bom, não casar é melhor.*

1.2 PROVÉRBIOS E ARGUMENTAÇÃO

Do ponto de vista discursivo, o uso de provérbios é cotidiano e socialmente utilitário para reprodução e perpetuação de atitudes, valores e ações, como ao dizer a outras pessoas o que fazer ou não fazer ou que atitude tomar ou não tomar em relação a uma determinada situação. Obelkevich (1997, p.45) declara que os provérbios se constituem em “‘estratégias para situações’, mas estratégias com autoridade”.

Assim, o uso de um provérbio sempre está ancorado no discurso, é contextualizado, nunca isolado. Xatara (2008b) assevera que a menção a um provérbio, normalmente se dá posteriormente a uma sequência de raciocínios ou de falas, explicando seu surgimento repentino quando é exigido. A autora, apoiada nos estudos de Vellasco,² declara que o “uso das expressões linguísticas padrão faz com que nossa comunicação flua com mais facilidade e eficiência, pois evita que a todo momento tenhamos que ser criativos – algumas delas vêm, inclusive, em nosso socorro nos momentos em que não sabemos o que dizer” (XATARA, 2008b, p. 42).

Os provérbios também representam um estratagema valioso na argumentação. Ao citá-lo, colocamo-nos em uma posição privilegiada pela posse da sabedoria universal que, conhecida e aceita pelo corpo social, proporciona respaldo àquilo que argumentamos. Outro fator apreciável referente ao uso de provérbios em contextos argumentativos reside em seu caráter impessoal.

² VELLASCO, A. M. S. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Eds.) *Estudos de linguística textual do português*. Frankfurt am Main: TEM, 2000. p. 267-313.

Rocha (1995) expõe que a citação de um provérbio resulta, em determinados casos, numa estratégia em que o locutor se exime de dizer algo, usando como escudo um provérbio, que, por sua natureza de verdade geral, não faz referência explícita a um indivíduo em especial. O locutor, no emprego de um provérbio no discurso, necessariamente terá a intenção de atingir um determinado alvo. Logo, essa natureza genérica origina uma

“[...] ‘dubiedade’ em termos de referência a alvos específicos, o que é aliás vantajoso para ambos os parceiros do ato de fala, já que permite ao alocutário todo o jogo do ‘dizer e não dizer’ (para lembrar Ducrot), e também do ouvir sem escutar ou receber sem receber, da parte do alocutário” (ROCHA, 1995, p.150).

Em razão do “dizer sem dizer”, de sua condição de verdade incontestável, advinda de uma fonte de sabedoria admitida como indefectível, assim como de suas características mnemônicas, é que para a referida autora o provérbio se define como uma “arma apreciada na argumentação” (ROCHA, 1995, p.151).

Cerquiglioni (1976) concorda que a impessoalidade proverbial permite ao locutor diferenciar sua fala. Então, essa fala “coletiva” pode funcionar como suporte e máscara para afirmação de algo, o que não ocorreria sem o provérbio, e tal afirmação passa a ser garantida pela autoridade proverbial. Para o autor, “o provérbio [...] em uma aparente digressão, libera uma voz até lá proibida. E essa tomada de fala é uma tomada de poder” (CERQUIGLINI, 1976, p.370, tradução nossa).

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS: SACO VAZIO NÃO PARA EM PÉ

O estudo sobre provérbios, como vimos no capítulo anterior, não se restringe à contemporaneidade. Desde a Antiguidade, vários autores se dedicaram ao garimpo e compilação de provérbios, assim como à formalização dos enunciados proverbiais e suas descrições, gerando obras essencialmente descritivas de cunho histórico-cultural.

Contudo, considerando que os estudos linguísticos nas últimas décadas se têm voltado de forma constante às esferas enunciativas e discursivas, tal fato nos instiga a integrar os provérbios em uma dimensão de análise sob uma perspectiva social e interativa da linguagem, considerando-a como acontecimento discursivo, envolvendo relações de ordem intersubjetiva, social e cognitiva.

Inicialmente faremos um resgate do percurso histórico da linguística, apresentando de forma resumida os diferentes vieses do pensamento linguístico, começando com o estruturalismo saussuriano, passando pela visão enunciativa benvestiniana da linguagem e chegando aos estudos linguísticos considerados sociointerativos.

Ferdinand de Saussure é considerado o ponto inicial da história da linguística moderna, apesar de existirem vários estudos e estudiosos da língua antes dele. Saussure inaugura no início do século XX uma nova perspectiva de análise da língua. O seu pioneirismo abriu espaço para uma discussão até então renegada a outras áreas. A linguística começa, então, a se consolidar como ciência, com objeto, metodologia e terminologia próprios.

Todavia, o estruturalismo saussuriano necessitou assumir um objeto de estudo específico, homogêneo, ou seja, a língua (*langue*). Em suma, a linha saussuriana trabalha a língua como objeto científico, desvinculando-a de fatores sociais e dos processos de significação.

Como consequência desse olhar sobre a língua, houve a desconsideração do sujeito, assim como de todo conjunto de aspectos referentes a sua exterioridade,

das agendas de estudos linguísticos. O sujeito é visto como desistoricizado e descontextualizado. Durante os anos seguintes, os estudos estruturalistas ganhariam cada vez mais força e teriam continuidade nas obras de Bloomfield e Harris.

Em 1957 emerge do seio estruturalista americano a Teoria Gerativa de Chomsky, que aproxima a linguagem da biologia e orienta a linguística para a psicologia cognitivista. A teoria chomskyana considera a figura de um sujeito idealizado, assim como sua comunidade de fala.

Os estudos linguísticos começam a lançar luz sobre o sujeito na língua em 1963, a partir dos questionamentos de Labov a respeito da desvinculação social chomskyana. Em seus trabalhos Labov introduz a noção de variáveis não linguísticas como sexo, idade e classe social, características que, segundo ele, poderiam influenciar na fala de determinados grupos, resultando diferentes configurações de fala. Dessa forma, a sociolinguística laboviana emerge, demonstrando que o caráter homogêneo de língua pode ser contestado, assim como a ideia de ouvintes e falantes ideais, e, claro, a exclusão do sujeito na língua.

No entanto, é necessário perceber que linguistas como Bréal, Benveniste, Culioli, Jakobson, Sapir, Ducrot, entre outros, também se engajaram em um outro modo de pensar a língua, objetivando o resgate da parte até então postergada pelo estruturalismo. Destaca-se nessa linha a teoria de Benveniste, que consistia em examinar as marcas da atividade humana na língua. A partir das marcas de subjetividade encontradas no estudo de pronomes, que possibilitariam a apropriação da linguagem pelo locutor, Benveniste inicia suas reflexões que culminariam no que denominaria Aparelho Formal da Enunciação. Desse ponto em diante, seus estudos repousariam sobre os elementos que apontam para marcas temporais e espaciais, situando o locutor diante do seu interlocutor. Nota-se que os estudos evoluem para uma perspectiva inovadora, incorporando elementos linguísticos e pragmáticos.

Para Indursky (2005) os estudos de Benveniste acabam por resgatar os elementos que antes haviam sido relegados pelos estudos linguísticos anteriores. Tais elementos servirão como subsídio para diferentes estudos e abordagens linguísticas

subsequentes, como as linguísticas enunciativas, as linguísticas discursivas e as teorias pragmáticas.³ Todas elas requerem elementos subjetivos e contextuais.

Nas últimas décadas e até a contemporaneidade, os estudos linguísticos contemplam significativamente os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua, considerando a linguagem como uma atividade sociointerativa. Weedwood (2005, p.144), retomando a célebre metáfora de Saussure, ressalta que, em vez da preocupação em conhecer a partitura seguida à risca pelos diferentes músicos da orquestra, “o linguista quer conhecer precisamente em quê e por que houve diferenças na execução, de que forma elas se manifestaram e que efeito tiveram sobre o público ouvinte”.

Portanto, a fim de apresentar conceitos que apresentam maior relevância para nossa proposta, em um primeiro momento lançamos mão de algumas concepções da Análise de Discurso. Na sequência, trabalhamos com algumas reflexões teóricas bakhtinianas, sobretudo no tocante a um ponto-chave determinante para este trabalho, a saber, o dialogismo. Por fim, discutimos os vieses teóricos que versam sobre a Teoria Polifônica de Oswald Ducrot, bem como sobre a heterogeneidade enunciativa de Jacqueline Authier-Revuz.

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO: REFLEXÕES

A análise do discurso de linha francesa (AD) é um ramo de estudos linguísticos considerado relativamente recente. Para Brandão (2003), após aproximadamente quatro décadas de existência, esse ramo da linguística atingiu sua maturidade teórica e metodológica, consolidando-se como disciplina no âmbito da linguagem.

³ Para Marie-Anne Paveau & Georges-Élia Sarfati no livro *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática* (2006), “Linguísticas enunciativas” é a expressão que enquadra os seguintes teóricos e teorias linguísticas: O Aparelho Formal da Enunciação (Émile Benveniste), a Teoria da Enunciação e Polifonia (Oswald Ducrot) e as Operações Enunciativas (Antoine Culioli). Ainda para os mencionados autores, “Linguísticas discursivas” é o termo empregado para indicar as seguintes teorias linguísticas: Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Semântica de Textos. Por fim, “Teorias pragmáticas” é o termo utilizado para congrega os seguintes autores: John L. Austin, Paul Grice, Chaim Perelman, Oswald Ducrot, Dan Sperber e Deirdre Wilson.

Na primeira metade do século XX, a Linguística viveu seu apogeu enquanto objeto principal de estudos das ciências humanas, em seu modelo até então destacado, o estruturalismo. Entretanto, após essa fase de concentração na língua, o foco de estudos migrou para o que de certo modo tinha sido descartado, isto é, a perspectiva da fala.

As tentativas de construção de uma forma concreta da teoria do discurso esbarravam na carência de um objeto específico de estudo. A obra de Harris, considerada seu marco inicial, se apresenta, então, sob o título “Análise do Discurso”. Entretanto, é postulado apenas como extensão da Linguística.

Brandão (2003, p.16) ressalta o surgimento, nesse momento, do modelo da teoria da enunciação, que “representa a tentativa mais importante para ultrapassar os limites da linguística da língua, permitindo elaborar um conceito que possibilitasse colocar em relação língua e fala”. Assim, a primeira formulação da problemática enunciativa foi realizada por Bally, sendo seguido por Benveniste e Jakobson.

Em meados da década de 60 surge, do esgotamento do estruturalismo, a AD, motivada pela linguística e pelo marxismo, tendo como seus principais expoentes Jean Dubois e Michel Pêcheux. Posteriormente, os estudos do primeiro autor citado tenderam a questões mais enunciativas, “em que a noção de sujeito falante ficou presa a uma problemática psicologizante” (BRANDÃO, 2003, p.17). Já para Pêcheux, na definição de discurso impera a determinação e sua tomada em uma relação com a história em si.

Após 1975, tem-se a segunda fase da AD, em que, a partir das críticas de seus momentos iniciais, há a reestruturação e reconfiguração das teorias propostas, influenciadas, inclusive, pelas ideias de Michel Foucault.

Outro pensador que teve influência menos direta, porém significativa nessa fase da AD, foi Bakhtin. Suas reflexões acerca da linguagem postulam pressupostos dialógicos da linguagem, em que toda palavra é dialógica porque pressupõe sempre o outro, entendido segundo Brandão (2003), como

“a figura do destinatário a quem está voltada toda alocução, a quem se ajusta a fala, de quem se antecipam reações e se mobilizam estratégias. Mas na concepção bakhtiniana, o outro é ainda o outro discurso ou os outros discursos que atravessam toda fala numa relação interdiscursiva” (BRANDÃO, 2003, p. 18).

Atualmente na AD, dentro de uma postura interdisciplinar, surgem os estudos realizados por Jacqueline Authier-Revuz, marcados pela influência, em sua obra, da concepção polifônica de Bakhtin e pela psicanálise. A referida autora tem efetivado seus estudos a partir de uma noção constitutivamente heterogênea da linguagem, questão abordada mais detalhadamente no tópico 2.3.

2.2 DIÁLOGOS BAKHTINIANOS: DIALOGISMO

Atribui-se ao pensador russo Mikhail Bakhtin o início dos estudos teóricos que versam sobre a enunciação, uma vez que foi um dos primeiros pensadores a questionar os paradigmas saussurianos. Para o mencionado autor, a língua deve ser tratada como produto sócio-histórico, isto é, como forma de interação social mediada pelas enunciações, contemplando a intersubjetividade. Seu modelo de análise articula forma e uso e toma a enunciação como ponto chave de referência do sentido, “vendo-a como evento, sempre renovado, pelo qual o locutor se institui na interação viva com vozes sociais” (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p.45).

Destacamos que, neste trabalho em especial, não é prioridade a discussão em torno dos questionamentos em relação à autoria de textos e ideias atribuídos aos participantes do chamado Círculo de Bakhtin. Para isso, sugerimos a leitura pormenorizada do mencionado tema na obra de Faraco (2006, p.13).

Uma das principais teorias desenvolvidas pelo Círculo Bakhtiniano diz respeito ao caráter dialógico da linguagem. Vista desse modo, torna-se relativamente fácil perceber ocorrências concretas do caráter dialógico em quase todo processo discursivo. Quando enuncia algo, o locutor o faz em função da existência de um interlocutor, podendo ser este último, real ou virtual. Tal enunciado, então, requer um *feedback*, uma resposta do interlocutor. Dá-se o mesmo quando o movimento é contrário, ou seja, a partir do momento em que recebemos uma enunciação

significativa, ela nos propõe uma réplica, seja em forma de concordância, de negação, de ação, etc. Assim, “compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 1988, p.95).

Decorre daí a constatação de que a compreensão de um texto, independentemente do suporte adotado, não se resume ao reconhecimento nem à identificação do código linguístico. Para Bakhtin (1988), o entendimento repousa na interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico. Para o mencionado autor,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1988, p.123).

Em primeira instância, imagina-se que a perspectiva dialógica de Bakhtin se manifesta apenas no diálogo oral, isto é, na interação face a face. Entretanto, segundo o pensador, o diálogo oral constitui apenas uma das formas da interação verbal. A palavra “diálogo”, do ponto de vista bakhtiniano, toma proporções ampliadas, devendo ser entendida como todo processo comunicativo, seja de que tipo for, mediado pelas palavras.

Segundo Faraco (2006), o Círculo de Bakhtin utiliza a metáfora do diálogo para demonstrar a dinâmica do universo da cultura. Os enunciados, então, “ao mesmo tempo que respondem ao já dito, provocam continuamente as mais diversas respostas (concordâncias, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, [...])” (FARACO, 2006, p.57). Portanto o universo da cultura é “intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo” (FARACO, 2006, p.57).

Do princípio dialógico da linguagem decorre o conceito de polifonia proposto por Bakhtin. Faraco (2006) lembra que tal conceito é um empréstimo do vocabulário da música para qualificar a obra de Dostoiévski, considerado por Bakhtin o criador de uma nova forma de romance, o romance polifônico. Nesse novo modelo havia inovações literárias como, por exemplo, a consideração de cada personagem como

um sujeito, assim como a interação entre os personagens e o autor, que não interfere nem controla completamente suas vozes.

Para o mencionado autor, a polifonia se caracteriza como a multiplicidade de vozes e consciências independentes que representam visões diferenciadas sobre o mundo. O termo designaria, assim, o diálogo estabelecido entre diferentes pontos de vista acerca do mundo.

Cristóvão Tezza⁴ (*apud* FARACO, 2006, p.76) defende a ideia de que o conceito polifônico proposto por Bakhtin, e muitas vezes explorado em sentidos errôneos, esteja além de uma categoria literária, representando um projeto filosófico em que haveria “um mundo de vozes plivalentes em relações dialógicas infindas” (FARACO, 2006, p.76). Tezza afirma que

Em outras palavras, polifonia é mais uma visão de mundo do que uma categoria técnica. Nossa hipótese é que o conceito de polifonia emerge antes como uma categoria ética do que como uma categoria literária – e Dostoiévski será a grande “ilustração” do projeto filosófico de Bakhtin. (FARACO, 2006, p.76)

Faraco (2006) alerta para a diferenciação entre o termo *polifonia*, restrito à obra de Dostoiévski, e *heteroglossia* ou *plurivocidade*, termos empregados por Bakhtin para se referir à heterogeneidade da linguagem. Longe de significar um universo de várias vozes, para o autor *polifonia* significa “um universo em que todas as vozes são equipolentes” (FARACO, 2006, p.75).

De uma ou de outra perspectiva, encontramos na obra bakhtiniana a proposta de um sujeito que é influenciado pela multiplicidade de vozes sociais. O sujeito dialógico rejeita uma unilateralidade comunicativa, uma vez que se constitui discursivamente. Essa relação é tão intrínseca e heterogênea que poderíamos entender os enunciados como discurso citado, pertencentes à coletividade. Porém cada sujeito é considerado único e Bakhtin não rejeita o perfil singular do sujeito, na medida em que acredita na configuração particular da interação de cada indivíduo com o mundo que o cerca e demanda dele respostas. Há, portanto, apesar da ideia bakhtiniana de

⁴ TEZZA, Cristóvão. Polyphony as an ethical category. In ZYLKO, Boguslaw (ed.). **Bakhtin & his intellectual ambience**. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdanskiego, 2002, p.292-300.

que tomamos as palavras dos lábios dos outros, a capacidade de individualização e singularização do discurso de um sujeito, desde que esteja atrelado à interação viva com as vozes sociais.

Aplicando tais conceitos à perspectiva da enunciação proverbial, quando alguém resgata um provérbio e o enuncia, está utilizando as palavras de outrem como uma espécie de discurso citado, assim como funcionaria com qualquer outro enunciado. Todavia, os provérbios fazem parte de memória discursiva do indivíduo e nesse caso são bivocalizadas nos enunciados. Em outras palavras, nossos enunciados expressam ao mesmo tempo a palavra do outro e a perspectiva com que a tomamos ao utilizá-la.

Sob esse ponto, Faraco (2006) postula que

Pode-se dizer que para o Círculo, o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser). (FARACO, 2006, p.83)

2.3 POLIFONIA E HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA

Em sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin introduz a noção de polifonia a fim de caracterizar o romance dostoievskiano, chamando-o posteriormente de romance polifônico. No enredo dos romances de Dostoiévski, Bakhtin, como já mencionado anteriormente, estuda o papel individualizado dos personagens. Cada um é considerado sujeito e interage com os demais, inclusive com o próprio autor, não havendo sobreposição de um em relação ao outro.

Numa perspectiva linguística, desde a década de 60, os estudos de Oswald Ducrot se voltaram para o questionamento da função puramente referencial da língua, como propunha o estruturalismo saussuriano. Seu trabalho pode ser marcado por etapas ou fases, em que cada fase corresponde a um conjunto teórico que dialoga com a evolução do pensamento linguístico, cada vez mais interessado na contestação da

ideia de unicidade do sujeito e na comprovação de que os enunciados são perpassados por uma heterogeneidade enunciativa.

Especialmente na terceira fase dos estudos ducrotianos, o autor dá sequência em *O dizer e o dito* (1987) à sua primeira formulação de uma teoria polifônica da enunciação, apontada no primeiro capítulo de sua obra *Les mots du discours*, de 1980, com noções de locutor e enunciadador, além dos conceitos de alocutário e destinatário. Para Indursky (2000), já percebemos nessa obra a ideia de que “a polifonia se estabelece com base no desdobramento da figura do locutor em outras figuras enunciativas, podendo, assim, tornar audíveis outras vozes através da sua” (INDURSKY, 2000, p.75).

Com a publicação de o “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, Capítulo VIII de *O dizer e o dito* (1987), Ducrot retoma a discussão categorizando minuciosamente as figuras do locutor e enunciadador, dividindo, conseqüentemente, o sujeito falante e atribuindo-lhe variados papéis na enunciação. Essa divisão faz surgir no enunciado a voz do outro.

Porém, antes de efetivar sua conceituação teórica, Ducrot faz algumas observações críticas em relação ao sujeito considerado indivisível. Para ele o sujeito, visto como único autor do enunciado e responsável por ele, possui três propriedades básicas.

A primeira propriedade refere-se à capacidade psico-fisiológica própria desse sujeito para a produção de um enunciado, isto é, o sujeito possui condições físicas para não só articular sonoramente palavras, mas também escolhê-las e empregá-las de forma organizada na interação verbal. A segunda propriedade descrita por Ducrot considera o sujeito como sendo autor de atos ilocutórios (ordenar, perguntar, afirmar, etc.) realizados em um enunciado. Por fim, o terceiro atributo desse sujeito indivisível é a possibilidade de ser designado por marcas de primeira pessoa (eu). Nesse caso, o “ser designado por *eu* é ao mesmo tempo o que produz o enunciado, e também aquele cujo enunciado expressa as promessas, ordens, asserções, etc.” (DUCROT, 1987, p.179).

A partir dessas considerações, Ducrot tece uma linha de exemplificações de modo a cumprir a finalidade predisposta pela Teoria Polifônica, que é a de “criticar e

substituir a teoria da unicidade do sujeito da enunciação” (DUCROT, 1987, p.178). Por meio de exemplos desenvolvidos como “*Pedro disse ‘eu venho’*” e “*Ah, eu sou um imbecil; muito bem, você não perde por esperar!*” o autor considera insustentável a tese de um sujeito único, produtor e responsável pelo enunciado. Dessa forma, Ducrot categoriza, *a priori*, três figuras presentes nos enunciados: o sujeito empírico (SE), o locutor (L) e o(s) enunciator(es) (E).

O mencionado teórico afirma que o sujeito empírico (SE) representa o autor efetivo do enunciado, porém não se constitui uma tarefa fácil determiná-lo em função da noção de dialogismo. O autor exemplifica este caso utilizando a observação dos diálogos no metrô de Paris, em que as falas das pessoas remetem a notícias veiculadas em vários jornais, as quais é impossível atribuir a este ou àquele jornal. Por isso mesmo os questionamentos inerentes ao SE estão fora dos domínios linguísticos.

O Locutor (L) é aquele responsável pelo enunciado. Geralmente é identificado pelas marcas de primeira pessoa (eu, me, mim, etc.). Finalmente, temos a conceituação de Enunciador (E) definido como a origem dos diferentes pontos de vista apresentados no enunciado. Todavia, não são pessoas, mas, como o autor esclarece, “‘pontos de perspectiva’ abstratos” (DUCROT, 1988, p.20).

Em outras palavras, e utilizando a comparação que Ducrot estabelece com o teatro, é possível equiparar L ao papel de autor e, conseqüentemente, E à figura dos personagens. Assim, “de uma maneira análoga, o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciatóres de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes” (DUCROT, 1987, p.193).

Em seguida, Ducrot (1987) especifica ainda mais a noção de locutor (L), dada a necessidade de apontamento específico quando há a ocorrência de mais de um locutor no enunciado, usando como exemplo, entre outros, uma circular escolar em que os papéis de autor empírico do texto e locutor (após assinado) se confundem.

Para isso, é feita a distinção entre o “locutor enquanto tal” (denominado “L”) e o “locutor enquanto ser no mundo” (denominado “λ”), sendo o primeiro responsável

pela enunciação, e o segundo, considerado “uma pessoa ‘completa’, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado (...)” (DUCROT, 1987, p.188). Para exemplificar os termos ora empregados, o autor recorre à retórica e evidencia atribuir-se a L a fluência do orador, assim como a entonação, a escolha das palavras e atribui-se a λ o que o orador poderia dizer de si.

Dessa forma, pela linha teórica postulada por Ducrot, em um enunciado é possível distinguir a presença de vários sujeitos com papéis definidos, podendo preexistir um locutor enquanto tal (L), um locutor enquanto ser no mundo (λ) e um ou mais enunciadores (E).

Entretanto, faz-se necessário levantar uma questão norteadora deste trabalho. Mesmo fazendo a distinção da presença do Outro nos enunciados, Ducrot, assim como Benveniste, afirma a possibilidade de haver enunciados que não apresentam locutor (L). Por outro lado, considera improvável um enunciado não possuir um sujeito empírico (SE). A asserção de provérbios em um enunciado é tomada como exemplo de um enunciado sem locutor.

Por ejemplo un proverbio es esencialmente un enunciado sin locutor. Cuando hablamos con proverbios, es precisamente para favorecer la interpretación según la cual el responsable de lo que decimos sería completamente ajeno a la situación de discurso en la que nos encontramos (Ducrot, 1988, p.19).

Sobre essa asserção, Mônica Santos (2007) discorda, apoiando-se em Guimarães (1987; 1989; 2002)⁵, atentando para o fato de que, quando utilizamos provérbios, buscamos justamente demonstrar que “o responsável pelo dizer está alheio ao que dizemos [...]” (SANTOS, 2007, p.43). Segundo a autora, Ducrot não considera o efeito enunciativo do distanciamento do locutor provocado pela asserção do provérbio. Ela afirma que a enunciação proverbial “é típica desse tipo de funcionamento, em cujo acontecimento enunciativo flagramos o cruzamento de uma memória e uma atualidade” (SANTOS, 2007, p.43).

⁵ GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação – um estudo de conjunções do português**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Enunciação e formas de indeterminação. In: ORLANDI, E. P et Alii. **Vozes e contrastes – discursos na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 45-77.

_____. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002. p. 11-42.

Guimarães se inspira na teoria polifônica da enunciação de Ducrot, porém não exclui o enunciado proverbial da mecânica enunciativa e dialógica, afirmando a presença do Locutor. Tal distanciamento teórico justifica-se pelo objeto de análise tomado por Guimarães, que são os recortes enunciativos, além da interpretação de um falante politicamente constituído pelos espaços de enunciação.

Para Guimarães (1987)

suponhamos que [...] no meio de uma conversa alguém diga (4) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. A enunciação de (4) representa um L que fala da perspectiva do senso comum, e que, inclusive, mobiliza esta perspectiva como argumento para o que diz. Assim, L, neste caso, fala de uma perspectiva genérica, e esta enunciação representa um *enunciador genérico* (GUIMARÃES, 1987, p.22).

Rocha (1999, p.176) declara que, embora os provérbios constituam o discurso do Outro, não se pode afirmar a passividade do reenunciador diante desse pré-construído, ou seja, do provérbio. Diz, ainda, que, mesmo que o fato de citar o discurso do Outro demonstre um aspecto passivo, “é preciso admitir que o reenunciador [...] o faz em proveito de sua atuação numa determinada situação discursiva, o que implica ‘atividade’”. Numa linha bakhtiniana, diríamos que a palavra é do Outro, mas a perspectiva é do sujeito que enuncia.

Para Grésillon e Maingueneau (1984), os provérbios podem ser tratados como discurso relatado por excelência, mais precisamente, como um caso de polifonia, porque não se retomam os propósitos de um outro específico, mas sim de “todos os outros, fundidos nesse ‘agente’ característico da forma proverbial” (GRÉSILLON & MAINGUENEAU, 1984, p.112, tradução nossa). Desse modo, a responsabilidade de proposição de um provérbio se mistura a todas as outras vozes que o proferiram antes.

Também com base na conceituação bakhtiniana de dialogismo, Authier-Revuz (1982) retoma a discussão acerca da presença do outro no discurso, abordando a questão sob o viés da heterogeneidade. Para Flores & Teixeira (2005), tal estudo possui ancoragem linguística, entretanto para complementar sua tese a autora necessitou evocar campos extralinguísticos: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise

freudiano-lacanian. Guardadas as devidas diferenças teóricas entre ambas as perspectivas, por vezes não articuláveis, a autora se limita a apenas justapô-las.

Authier-Revuz introduz o conceito de heterogeneidade sob a argumentação de que os enunciados sempre pressupõem uma condição da leitura dialógica, admitindo mais de uma 'voz' do discurso. A presença de múltiplas vozes na enunciação, contrária à ideia de discurso homogêneo, é nomeada por ela heterogeneidade enunciativa.

A autora postula que há duas formas em que presenciamos o fenômeno da heterogeneidade nos discursos: a mostrada e a constitutiva. Primeiramente, as formas de **heterogeneidade mostrada** são recuperáveis no plano linguístico por meio do discurso direto, discurso indireto, aspas e glosas.

Para Martins (2006), é no campo da heterogeneidade mostrada que o trabalho de Authier-Revuz se desenvolve de maneira mais original. A autora propõe dois tipos de ocorrência nos enunciados: aquele em que se pode apreender linguisticamente a presença do Outro (heterogeneidade mostrada marcada), isto é, que mostra a heterogeneidade com marcas explícitas no texto; e aquele em que a heterogeneidade, a presença do Outro, não é visível linguisticamente (heterogeneidade mostrada não-marcada).

Como exemplos do primeiro tipo tem-se o discurso relatado, em que o enunciador ou usa suas próprias palavras para transmitir o discurso de um Outro, isto é, o discurso indireto, ou recorta as palavras do Outro e as cita, ou seja, o discurso direto. Já no tocante à heterogeneidade não visível linguisticamente, podemos efetuar a tentativa de resgate da presença do outro por meio do humor, da ironia, da imitação, que contam com o "outro dizer" para produzir sentido, sem necessariamente explicitá-lo.

Os provérbios carregam, dada a sua essência coletiva, importantes traços de heterogeneidade. Maingueneau (1997, p. 102) afirma que não há possibilidade, em sentido estrito, de citação ou de relato de provérbio, uma vez que se pode "apenas referi-lo a um Outro absoluto no qual estaríamos incluídos por direito".

A **heterogeneidade constitutiva**, por sua vez, retoma o pensamento bakhtiniano do dialogismo como natureza da língua. Como há o pressuposto de que toda palavra pronunciada já foi utilizada anteriormente, o sujeito sempre terá a presença do Outro em seu discurso, mesmo inconscientemente.

Nesse sentido, tudo que um enunciador diz já foi dito em algum momento localizado historicamente e, assim, o enunciador, a todo momento, retoma e resgata esses outros dizeres anteriores. Para Flores & Teixeira (2005, p.75), Authier considera o “Outro” não apenas como um objeto exterior de que se fala, “mas como condição constitutiva do discurso”.

Nas palavras de Authier-Revuz:

A teoria bakhtiniana do “dialogismo”, colocada como lei do discurso humano, é [...] essencial: nenhuma palavra é nova, nem neutra, mas “carregada” de um “já-dito”, o dos contextos em que “viveu sua vida de palavra”. Nesse sentido, falar é entrar em relação dialógica com esses discursos outros que habitam as palavras e é nesse processo – que escuta, acolhe, com ou sem reticência, cada palavra, em função daquilo que ressoa nela de vozes estrangeiras – que o discurso toma corpo (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 118).

3. ARGUMENTAÇÃO E AUTORIDADE: EM TERRA DE CEGO QUEM TEM UM OLHO É REI

No primeiro capítulo, tratamos do arcabouço teórico linguístico buscando ao máximo focar a temática da enunciação proverbial sob a perspectiva sociointerativa, cada vez mais forte nos estudos linguísticos atuais, que convocam diversos campos de saberes, dialogando com a semiótica, a sociologia, a psicologia, os estudos culturais, enfim, buscando respostas para os diversos fenômenos da linguagem.

Nessa perspectiva, debruçamo-nos sobre os estudos referentes à argumentação, inerente ao processo comunicativo humano, uma vez que, como ser social, o homem sempre esteve ligado às relações de convencimento e negociação.

Desde a antiga Grécia, notamos o desenvolvimento de técnicas e subsídios que elevaram grandes oradores como Górgias, Isócrates, Platão e Aristóteles à condição de autoridades extremamente respeitadas. No século XXI, esse apelo à persuasão pode ser presenciado a todo instante, pois, como vimos, a interação humana é condição primeira da linguagem.

Assim, a fim de possibilitar a compreensão dos estudos retóricos, inicialmente faremos um percurso por suas linhas históricas, seus primórdios e sua evolução na Grécia antiga. Em seguida, passaremos a um viés determinante para esta pesquisa, a argumentação por autoridade, sob a perspectiva da Nova Retórica, de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), e da Semântica Argumentativa, de Ducrot (1987).

3.1 PANORAMA RETÓRICO

Historicamente a cultura grega atingiu seu apogeu durante o século V a.C., governada nesse período por Péricles. Além da ascensão cultural, a Grécia experimentava a prosperidade também em outros segmentos sociais. O progresso econômico, ligado tanto ao comércio quanto à agricultura, além da estabilidade política e militar, resultado do alinhamento à Esparta, colocou a região entre as mais desenvolvidas do mediterrâneo.

Esse contexto histórico-social favorável possibilitou a consolidação da democracia, característica vital atribuída à Grécia, sobretudo à cidade-estado Atenas. No sistema democrático, os cidadãos participavam diretamente das assembleias legislativas, executivas e judiciárias, por meio do voto popular. Decorre daí a necessidade da utilização, em todos os níveis sociais, da argumentação e do raciocínio coerentes, com o objetivo de angariar adesões para este ou aquele assunto.

Pacheco (1997) afirma que o nascimento da retórica está ligado ao Direito. Segundo o autor, após a destituição do déspota Trasíbulo, por volta do ano 485 a.C, em Siracusa, região compreendida atualmente pela Itália, muitos proprietários de terra requereram a devida restituição de suas propriedades, desapropriadas autoritariamente pelo mencionado governante. Tísias e Córax foram os primeiros a se destacar na arte retórica por defenderem as vítimas espoliadas pelo tirano, sendo a criação do primeiro tratado de retórica atribuída a eles, em 465 a.C.

Naturalmente, com o desenvolvimento sociocultural crescente na Grécia desse período, houve a demanda por professores que detivessem o saber retórico e propiciassem aos demais cidadãos a iniciação à arte de raciocinar, falar e argumentar corretamente. Tais profissionais foram denominados sofistas.

Como expõe Pacheco (1997) são os sofistas os primeiros protagonistas da história dos estudos retóricos. Por serem exímios articuladores na arte de bem falar, adquiriram extraordinária reputação, e seus ensinamentos eram disputados pelos jovens de famílias abastadas. Todavia, posteriormente, o termo “sofista” adquirirá uma conotação pejorativa, passando a indicar o discurso tautológico, dando voltas sobre si mesmo, sem responder efetivamente aos anseios populares.

O filósofo Platão teve grande participação no declínio da retórica, sendo um dos filósofos que mais criticou o modelo de retórica sofista, pois considerava seus fundamentos puramente emocionais com a finalidade de apenas comover os ouvintes. Segundo Aguiar (2009, p.75), Platão faz uma distinção entre a dialética e a retórica, encarando-as como formas opostas de persuasão. Para ele, a primeira é tratada como um diálogo em que “dois participantes buscam a verdade, e as intervenções de cada um são breves e não há intromissão de elementos estranhos

nem longos desvios de assuntos”. Por outro lado, a segunda é vista como entretenimento para o povo, utilizando-se de um discurso contínuo.

Posteriormente, Platão fará uma distinção em “Górgias” e “Fedro” de uma retórica que objetivava a ilusão, a bajulação dos sofistas, denominada “má”; e um tipo retórico voltado à filosofia, à verdade, à exigência de um saber total.

Plantin (2008, p. 10-11) expõe que dialética e retórica são as duas artes do discurso. O autor propõe, ainda, características importantes como forma de diferenciarmos as duas categorias, esquematizadas⁶ a seguir.

| DIALÉTICA | RETÓRICA |
|---|--|
| • Fala privada de característica mais conversacional; | • Fala pública; |
| • Incide sobre teses de ordem filosófica; | • Interessam a ela questões particulares, de ordem social ou política; |
| • Técnica de discussão entre dois parceiros, com perguntas e respostas. | • Tem por objetivo o discurso longo e contínuo. |

Discípulo de Platão, Aristóteles (384-322 a.C) deixou um legado cultural magnífico. Entre várias obras, encontramos na *Arte Retórica* um tratado completo da estrutura e funcionamento do discurso. Essa obra é composta pelos livros I, II e III, contendo elementos de lógica, gramática, filosofia da linguagem, estilística, entre outros temas ligados a outras áreas de conhecimento. Tal obra condensa as visões anteriores dos estudos retóricos, funcionando, também, como guia de estruturação para textos persuasivos.

Citelli (1991) argumenta que, para Aristóteles, a retórica possui nuances de ciência, perfazendo um *corpus* com objeto determinado e método verificativo, possibilitando a investigação do processo de produção da persuasão. Para o autor, caberia à retórica não assumir uma atitude ética, “dado que seu objetivo não é o de saber se algo é ou não verdadeiro, mas sim analítica, [pois] cabe a ela verificar quais os

⁶ O quadro esquematizado representa o resultado comparativo das propostas apresentadas por Plantin (2008, p. 10-11).

mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar a dimensão de verdade” (CITELLI, 1991, p.10).

Baseado no Capítulo II do Livro I de *Arte retórica*, Citelli (1991) deduz cinco grandes traços peculiares relativos à área retórica.

1. a retórica não é a persuasão;
2. a retórica pode revelar como se faz persuasão;
3. os discursos institucionais da medicina, da matemática, ou, da história, do judiciário, da família etc. são o lugar da persuasão;
4. a retórica é analítica (descobrir o que é próprio para persuadir);
5. a retórica é uma espécie de código dos códigos, está acima do compromisso estritamente persuasivo (ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado), pois abarca todas as formas discursivas.

A partir dos pressupostos persuasivos, Aristóteles fomenta a discussão da relação entre o orador e seu auditório, propondo a instituição de três grandes gêneros de discurso, levando em conta os tipos de ouvintes e finalidades específicas: o deliberativo, o judiciário e o epidítico.

Para melhor compreensão dos gêneros propostos por Aristóteles, Barthes⁷ (*apud* MASSONI, 2002, p.15) apresenta um quadro esquemático que congrega os supracitados gêneros:

| | GÊNERO | | |
|-----------------------|----------------------------|-------------------|-------------------------|
| | Deliberativo | Judiciário | Epidítico |
| AUDITÓRIO | Membros de uma assembleia | Juízes | Espectadores / público |
| FINALIDADE | Aconselhar / desaconselhar | Acusar / defender | Elogiar / criticar |
| OBJETO | Útil / prejudicial | Justo / injusto | Belo / feio |
| TEMPOS | Futuro | Passado | Presente |
| RACIOCÍNIO | Exemplo | Entimemas | Comparação amplificante |
| LUGARES COMUNS | Possível / impossível | Real / não real | Mais / menos |

⁷ BARTHES, R. A retórica antiga. In: COHEN, J. *et al.*. **Pesquisas de Retórica**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 147-221.

Assim, Aristóteles expõe que a elaboração dos discursos persuasivos bem estruturados deve seguir cinco etapas fundantes, na seguinte ordem: *invenção*, *disposição*, *elocução*, *ação* e *memória*. O orador investiga e pesquisa o material, elabora um plano, redige, decora e, finalmente, profere seu discurso para o público.

Uma das regras gerais propostas pelo mencionado filósofo na *Arte Retórica* para aplicação direta em discursos persuasivos é estruturá-los em quatro competências ordenadas: o exórdio, a narração, as provas e a peroração, discriminados a seguir:

(I) Exórdio é o início do discurso. Nesse momento é apresentada ao auditório um introdução geral do que será discutido, assim como os seus objetivos. Para o orador essa fase é de extrema importância, pois assegurará ou não a fidelidade dos ouvintes.

(II) Narração. É o assunto propriamente dito. Nela os fatos são expostos, e os argumentos são explorados visando à adesão do auditório.

(III) Provas. Como o discurso é essencialmente persuasivo, necessita de comprovações para sustentar a argumentação. Aristóteles arrola dois tipos de provas: a artística/técnica e a inartística/não técnica. A primeira é subdividida e classificada em três segmentos: *ethos*, que parte do próprio orador, cedendo sua credibilidade à causa; *pathos*, em que o orador intenta atingir as emoções do público; e *logos*, de caráter estritamente racional. O segundo tipo de prova representa evidências materiais, como testemunhas e/ou documentos.

(IV) Peroração. É o desfecho conclusivo do discurso. Aristóteles subdivide esta fase em quatro momentos. O primeiro consiste na tentativa de descredibilizar perante o público um possível adversário; em seguida amplifica-se ou atenua-se o que se disse. Após, é necessário excitar as paixões no ouvinte, concluindo, posteriormente, com uma recapitulação.

Aristóteles é visto como um dos principais responsáveis pelo estabelecimento da retórica enquanto sistema, uma vez que condensou em sua obra a análise dos discursos de seu tempo, verificando a existência de elementos estruturais

semelhantes comuns a todos eles, partindo para a indicação das funções e espaço dos estudos retóricos.

Segundo Pacheco (1997), no Império Romano a retórica gozou de privilégios, uma vez que o Império ainda estava em fase de implantação, e a prática judicial era constante. Como a influência grega era nítida, é possível atribuir, até então, uma importância social relevante aos retóricos. Contudo, com a posterior derrocada desse império, a retórica se tornava cada vez menos significativa.

Tanto na Idade Média quanto no Renascimento, a retórica toma fôlego novamente, conquanto tímida. No primeiro período, ela é utilizada como princípio norteador de discursos eclesiásticos, embora seja bastante utilizada na literatura profana. No segundo período, representado pela redescoberta e revalorização da cultura da Antiguidade clássica, que nortearam as mudanças desse período em direção a um ideal humanista e naturalista, a retórica é instituída como disciplina escolar.

Após essa etapa, observamos a ascensão cada vez mais forte do pensamento cartesiano-positivista na filosofia e nas ciências sociais e o conseqüente declínio da retórica. Tal oposição justifica-se pelo método essencialmente pragmático de Descartes, que sobrepuja a possibilidade das relações dialéticas. O método cartesiano, em que a razão é representada pela evidência, não encara a dialética como fato, já que não conduz a resultados concretos e sim a constante discussão. Dessa forma, a retórica sofre novamente um considerável apagamento e é alçada a funções meramente estilísticas.

Plantin (2008) resume o itinerário retórico na virada do século XIX para o século XX. Segundo o autor, nesse período, a retórica como método encontra-se invalidada do ponto de vista científico pela incapacidade de produção nos moldes positivistas. Soma-se a esse fato a associação da retórica ao grupo clerical, fortemente caracterizado pelo antirrepublicanismo, levando conseqüentemente à sua exclusão do currículo universitário. Para agravar ainda mais o quadro, a lógica passa a ser vista como parte integrante da matemática, abandonando sua ligação com a arte de pensar, capaz de produzir discursos.

Os estudos argumentativos, assim, são canalizados para a área do direito, e a filosofia neotomista⁸ é direcionada para a teologia. Segundo o autor, “a argumentação não foi esquecida, ela foi é profundamente deslegitimada” (PLANTIN, 2008, p. 20).

A situação da retórica começa a dar sinais de mudança no pós-guerra, especialmente nos anos 50. Na Europa, despontam os estudos de argumentação na França, com Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958]/2005); na Inglaterra, com Toulmin⁹ (1958); e até na Alemanha, representada por Curtius¹⁰ (1948) e Lausberg¹¹ (1960). O período compreendido pela Guerra Fria se constitui como terreno fértil para o ressurgimento dos estudos retóricos, na medida em que busca a construção de “um modo de discurso racional, como rejeição dos tipos de discurso totalitários nazistas e stalinistas” (Plantin, 2008, p. 21). Contribui para a constituição desse cenário contestador a publicação, em 1939, na França, da obra *Le viol des foules par la propagande politique*, do pensador russo Serge Tchakhotine.¹²

A partir da década de 70, percebemos nos estudos ligados à argumentação, sobretudo na França, a sucessão de uma fase político-ideológica por um momento lógico-linguístico. Há uma renovação conceitual acerca da argumentação, possibilitando a organização de pesquisas em ciências humanas, mais especificamente em ciências da linguagem. Alguns autores se destacam nesse período, entre eles, Ducrot (1972/1973),¹³ Grize (1982)¹⁴ e Anscombe e Ducrot (1983).¹⁵

Nascimento (2002) salienta que os caminhos trilhados pela chamada Nova Retórica reafirmaram a necessidade de ampliação contínua das reflexões sobre a linguagem e seus fenômenos, fazendo emergir, a reboque, importantes teorias linguísticas,

⁸ Movimento de retorno à filosofia tomista da Idade Média, resgatada à luz de tendências intelectuais modernas e retomada especialmente a partir de 1879, por influência de uma encíclica do Papa Leão XIII (Dicionário Eletrônico Houaiss, 2001).

⁹ TOULMIN, *The Uses of Argument* (1958).

¹⁰ CURTIUS, *La littérature européenne et le Moyen Âge latin* (1948).

¹¹ LAUSBERG, *Handbuch der literarischen Rhetorik: Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft* (1960).

¹² TCHAKHOTINE, “A violação das massas pela propaganda política” (tradução nossa).

¹³ DUCROT, *La preuve et le dire* (1972) e *Dire et ne pás dire* (1973).

¹⁴ GRIZE, *De la logique à l'argumentation* (1982).

¹⁵ ANSCOMBRE & DUCROT, *L'Argumentation dans la langue* (1983).

como a Teoria dos Atos de Fala (Austin e Searle), a Pragmática Conversacional (Grice), a Teoria da Enunciação (Benveniste), e a Semântica Argumentativa (Ducrot e Anscombe), desenvolvida no Brasil por Carlos Vogt (1980), Eduardo Guimarães (1987) e Ingedore Koch (1992 e 1993).

3.2 ARGUMENTAÇÃO POR AUTORIDADE

No tópico anterior fizemos um resgate histórico dos estudos argumentativos no decorrer do século V a.C até a contemporaneidade. Neste tópico trataremos de um aspecto mais direcionado à nossa pesquisa: a argumentação por autoridade.

O argumento de autoridade se vale de ações ou juízos de uma pessoa específica ou de um grupo de pessoas, instituições, etc. como meio de prova de uma tese estabelecida. Maingueneau (1997) afirma que a argumentação por autoridade, fartamente utilizada e por vezes questionada, se constitui numa importante ferramenta de persuasão, dado o seu caráter ambíguo na enunciação.

Apoiado em Berrendonner,¹⁶ Maingueneau mostra que, por um lado, o locutor se contenta em demonstrar os enunciados assertivos de um terceiro, em vez de garantir pessoalmente a sua verdade, o que permite concluir que o locutor não acredita em sua própria verdade. Por outro lado, apoiado por Kerbrat-Orecchioni,¹⁷ Maingueneau expõe que o fato de o locutor se ocultar em um terceiro representa uma estratégia perspicaz de manifestar indiretamente seu pensamento, sem a necessidade de se responsabilizar por isso.

Em síntese, para Maingueneau (1997, p.86) esse caráter dúbio do distanciamento ocorre porque “o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção”.

¹⁶ BERRENDONNER, A . Le fantome de la vérité. **Linguistique et Semiologie**. nº 4. Lyon: Universitaires de Lyon, 1976. p. 136.

¹⁷ KERBRAT-ORECCHIONI, C. Deambulation en territoire alethique. In _____. **Strategies discursives**, Lyon: Universitaires de Lyon, 1978.

Tal perspectiva é corroborada por Cardoso (1999, p. 79), para quem o enunciador de enunciados incontestáveis se torna um Locutor Superior, garantindo a validade da enunciação em que o enunciado fundador é citado. Assim, o locutor que realiza a citação se mascara num simples suporte, sofrendo um processo de apagamento diante do “Locutor Maior”.

Para Murcho (2006), baseado nos estudos de Walton,¹⁸ a argumentação por autoridade representa um argumento baseado na opinião de um especialista. Para o autor, quatro elementos são necessários para que a argumentação por autoridade seja eficaz:

(I) A autoridade invocada tem de ser um bom especialista na matéria em causa. Utilizar um argumento de um especialista em física (como Einstein) para sustentar teses do campo político é um exemplo de mau argumento.

(II) Os especialistas da matéria em causa não podem discordar significativamente entre si quanto à afirmação em causa. Segundo o autor, os especialistas em filosofia política discordam entre si em face de algumas questões substanciais. É em virtude dessa regra que quase todos os argumentos de autoridade sobre questões substanciais de filosofia são maus.

(III) Só podemos aceitar a conclusão de um argumento de autoridade se não existirem outros argumentos mais fortes ou de força igual a favor da conclusão contrária. O autor exemplifica utilizando o seguinte argumento: Um grande especialista da área de psiquiatria, X, defende que todos devem ir ao psiquiatra pelo menos três vezes por ano; logo, todos devem ir ao psiquiatra pelo menos três vezes por ano, pois os especialistas em psiquiatria concordam com X. Entretanto a regra III revela que esse argumento é fraco, se comparado a dados estatísticos que demonstram a porcentagem diminuta de curas efetuadas por psiquiatras, sugerindo que outras práticas médicas obtêm resultados superiores.

¹⁸ WALTON, D. **Informal Logic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. Cf. MURCHO (2006), p. 99.

(IV) Os especialistas da matéria em causa, no seu todo, não podem ter fortes interesses pessoais na afirmação em causa. Exemplificando, nenhum psiquiatra do exemplo acima teria interesse em refutar o que diz o especialista X. E, por isso, a sua afirmação não tem nenhum valor, uma vez que é a comunidade dos especialistas, no seu todo, que tem tudo a ganhar e nada a perder em concordar com X.

Essas noções, atreladas aos conceitos mais intimamente explorados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Ducrot (1987), servirão de aporte às análises subsequentes em provérbios utilizados como argumentos de autoridade pelos autores dos textos integrantes da seção “Dos leitores”, do Jornal carioca *O Globo*, buscando validação para suas respectivas teses.

3.2.1 Perspectiva de Perelman & Olbrechts-Tyteca

Chaim Perelman (1912-1984), filósofo e jurista nascido em Varsóvia, na Polônia, e radicado na Bélgica, dedicou parte de sua vida à docência na Universidade Livre de Bruxelas. Após dez anos de pesquisa no âmbito da lógica dos juízos de valor, publica em 1958, juntamente com Lucie Olbrechts-Tyteca, o *Tratado da argumentação – A nova retórica*. A obra se consagrou como um marco da Nova Retórica por representar a ruptura com o primado da razão e do raciocínio cartesiano.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.4) definem o objeto da teoria da argumentação como sendo “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que propomos a seu assentimento”. Para os autores, a argumentação eficaz é aquela que

[...] consegue aumentar a intensidade de adesão. De forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.50).

Uma das ideias fundamentais da teoria perelmaniana e justificativa de seu pioneirismo é a conceituação de auditório, que contribuiu significativamente para a ampliação do conhecimento dos processos comunicativos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) distinguem três tipos de auditório: *auditório particular*, *auditório universal* e *auditório constituído pelo próprio locutor*.

Para os autores, o termo **auditório** faz referência ao conjunto composto por todas as pessoas visadas pelo orador com o propósito de influenciá-las. A noção de **auditório particular** abarca, no diálogo, o interlocutor ou um grupo com características e/ou interesses específicos afins, cujas variáveis o orador controla. Para conceituar o **auditório universal**, os autores recorrem à humanidade inteira, encontrando, portanto, características heterogêneas. Nesse caso, o orador não possui domínio sobre as variáveis. Por fim, entende-se por **auditório constituído pelo próprio autor** o movimento observado em monólogos interiores ou mesmo em diários, ou seja, o enunciador também é enunciatário.

Porém, não há relevância termos à disposição um auditório se não há interesse efetivo no estabelecimento de uma relação comunicacional por parte de um dos interlocutores. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) ressaltam que não basta a existência de uma linguagem em comum ou de uma técnica que possibilite a comunicação entre os interlocutores. Usam como comprovação o exemplo do clássico *Alice no país das maravilhas*, em que há o conhecimento partilhado da linguagem entre Alice e os seres desse país, porém, nesse local, não há nenhuma razão para as discussões começarem. Os citados pesquisadores consideram que, para argumentar, “é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.18).

Contudo, para que tal fato se efetive, o autor postula a noção de acordo, essencial para o desenvolvimento da argumentação. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), tanto o desenvolvimento quanto o ponto de partida da argumentação pressupõem acordo do auditório. Assim, o acordo representa a adesão ou a propensão à adesão, tomada pelo auditório, ao discurso do orador.

Segundo Hartmann (2007), o acordo é que rege a argumentação do início ao fim: no início, o orador, adaptando-se ao auditório, vai utilizar argumentos passíveis de admissão pelos ouvintes. Para o mencionado autor, “no decorrer da argumentação, de acordo com a reação do auditório, o orador vai modificar ou não a sua técnica argumentativa, com vistas sempre ao seu objetivo maior, qual seja, a adesão, o acordo do auditório” (HARTMANN, 2007, p.204).

Para Andrade (2009), para que exista uma adesão, três condições básicas devem ser observadas quanto ao ponto de partida para uma argumentação: em primeiro lugar, o auditório deve concordar que as premissas sejam verdadeiras ou justas. Em sequência, que devam ser estas as premissas e não outras. Por fim, o “auditório deve confiar na neutralidade – respeitabilidade – de quem as apresenta, tudo isso, é claro, em relação a um dado contexto. Caso uma dessas condições não seja bem sucedida, a argumentação será fragilizada desde o início” (ANDRADE, 2009, p. 28).

É notável a especificação elencada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) concernente às técnicas argumentativas, as quais constituem as bases de ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal. Tais técnicas são divididas em dois grandes esquemas argumentativos ou lugares da argumentação: (I) processo de ligação e (II) processo de dissociação.

Segundo os autores, (I) o processo de ligação refere-se a um esquema que aproxima elementos distintos e permite estabelecer entre eles uma solidariedade que objetiva estruturá-los ou valorizá-los positiva ou negativamente. Os processos de ligação compreendem (a) os **argumentos quase lógicos**, (b) os **argumentos baseados na estrutura do real**, e (c) os **argumentos que fundamentam a estrutura do real**.

(a) Os *argumentos quase lógicos* são assim chamados por lembrarem os raciocínios formais, de caráter dedutivo, porém são passíveis de interpretação variada, uma vez que empregam a linguagem convencional, natural. Para Abreu (2004), ao utilizar essa técnica, o indivíduo que argumenta procura demonstrar que “a tese de adesão inicial, com a qual o auditório previamente concordou, é compatível ou incompatível com a tese principal” (ABREU, 2004, p.18) Os *argumentos quase lógicos* se

subdividem em estruturas lógicas (técnicas argumentativas: contradição, identidade total e parcial, transitividade, etc.) e relações matemáticas (técnicas argumentativas: relação parte com o todo, relação de frequência etc).

O segundo processo de ligação é constituído pelos (b) *argumentos baseados na estrutura do real* e caracterizam-se pelo fato de não estarem relacionados a uma descrição objetiva dos fatos, mas sim a pontos de vista. Em outras palavras, a estrutura argumentativa está alicerçada em fatos reais, facilitando a confirmação de suas conclusões. Tais argumentos apresentam ligações de sucessão, que se referem à relação de causa e efeito (argumento pragmático, de laço causal, do aproveitamento, da direção e da progressão contínua) e ligações de coexistência, que unem uma pessoa a seu ato, um grupo aos indivíduos que o compõem, isto é, relação pessoa-ato; grupo-membros; ato-essência; e autoridade” (MASSONI, 2002, p.37).

Por fim, do terceiro processo de ligação fazem parte os (c) *argumentos que fundamentam a estrutura do real*, os quais se valem do caso particular – inserindo o argumento pelo exemplo, pela ilustração, modelo e antimodelo, por formas de agir a serem seguidas ou não – e do raciocínio por analogia.

Na sequência, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) caracterizam o (II) processo de dissociação, que é visto como uma técnica de ruptura que visa a separar, desmembrar elementos considerados como um todo ou um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento. Nesse caso, o autor coloca a dissociação como a característica do pensamento filosófico, uma vez que ela produz modificação no sistema ao interferir em suas peças-chave.

Não é nosso propósito dissecar cada uma das técnicas argumentativas apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), em suas divisões e subdivisões. Para os nossos propósitos, importa delimitar o enfoque a ser utilizado nas análises posteriores.

Entre as subdivisões integrantes da Terceira Parte, Capítulo II – Os Argumentos baseados na estrutura do real, há uma que interessa diretamente ao tema desta pesquisa: a argumentação por autoridade.

Segundo a abordagem dos mencionados autores, existem vários argumentos influenciados pelo prestígio, pela reputação que determinado indivíduo possui socialmente. O caráter exemplar de um indivíduo possui tão grande relevância que pode ocasionar propensão à sua imitação. Porém há uma série de argumentos intimamente ligados ao prestígio. Os mencionados autores pontuam que a palavra de honra, proferida por alguém, “como única prova de asserção, dependerá da opinião que se tem dessa pessoa como homem de honra”.¹⁹

Nesse contexto, o argumento de prestígio que será mais claramente marcado é o argumento de autoridade, uma vez que “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”.²⁰

As autoridades invocadas podem ser bem variáveis, abrangendo desde o parecer unânime ou a opinião comum, passando por certas categorias de homens – como os cientistas e filósofos – e autoridades impessoais – a física, a religião, a Bíblia – até autoridades designadas pelo próprio nome.

A argumentação por autoridade foi, durante certo tempo, questionada pelos pensadores positivistas, que a julgaram fraudulenta. Argumentam, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que seria uma espécie de pseudo-argumento utilizado apenas para “camuflar a irracionalidade de nossas crenças, fazendo que sejam sustentadas pela autoridade de pessoas eminentes, pelo consentimento de todos ou do maior número”.²¹

Todavia essa não é a postura adotada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, que consideram o argumento de autoridade como de fundamental importância para

¹⁹ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), p. 347.

²⁰ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), p. 348.

²¹ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), p. 348.

embasamento de teses. O questionamento, segundo eles, não deve ser direcionado ao argumento em si, mas à autoridade invocada.

Evidentemente, para utilizarmos um argumento de autoridade, faz-se necessário selecionar e enumerar autoridades confiáveis, pois, quanto mais importantes e influentes elas forem, mais indiscutíveis serão suas palavras. No mundo cristão, por exemplo, a autoridade divina “sobrepõe todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhe”.²² Geralmente a utilização dessa técnica completa a argumentação, não constituindo sua única prova.

A presença da argumentação por autoridade é constante em quase todos os segmentos comunicativos e é abundantemente utilizada. Na carta do leitor a seguir, podemos notar nitidamente a evocação de uma autoridade, no caso o pensador italiano Nicolau Maquiavel, com a finalidade de embasar a proposição do seu autor.

José Dirceu declara que o PT terá mais poder com Dilma do que com Lula. Isto é o prenúncio de uma futura perda de liderança de Lula dentro do PT, pois Maquiavel dizia que “Todo príncipe que dá poder a outrem se arruína”. E quando a princesa Dilma subir a rampa do Palácio do Planalto, com os Dragões da Independência perfilados e na posição de sentido e em continência para ela, seu ego vai convencê-la de que está no cargo por mérito e liderança próprias. Então, a médio prazo, o PT terá alcançado seu histórico projeto de poder com José Dirceu, Paulo Vannuchi, Marco Aurélio Garcia e outras personalidades, sem a presença do príncipe Lula, colocando em risco a democracia.
Gilberto Souza Esmeraldo

(O Globo, 16-09-2010, grifo nosso)

O leitor traz a voz de autoridade de Maquiavel e sobre ela apoia sua tese acerca da hipótese da então candidata à presidência da república Dilma Roussef relegar ao esquecimento o então presidente Lula, seu padrinho político, após alcançar o cargo mais visado do país, substituindo-o por outros políticos renomados de seu partido.

No exemplo acima, o leitor recorreu a uma autoridade designada pelo nome, no caso, Maquiavel. Na carta a seguir, o leitor inicia o texto utilizando dados estatísticos da conceituada Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social

²² Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), p. 351.

(Dataprev), responsável pelo processamento de informações de várias entidades governamentais, entre elas, a Previdência Social.

Segundo a Dataprev, somos 26 milhões de aposentados no Brasil e podemos usar nossa força para eleger os nossos novos representantes. Já repararam que ninguém até agora teve a coragem de falar no assunto – aposentado/aposentadoria – ou qualquer coisa que o valha? Há uma versão de que haverá uma reformulação total, outra de que haverá regras de transição e uma terceira de que só valerá para os que começaram a pagar a Previdência agora. E assim mesmo, só depois de 40 anos de trabalho. Gostaria que me informassem onde existe emprego para uma pessoa de mais de 50 ou 60 anos, para que consiga completar todo esse tempo. Reflita bem antes de votar, não se omita. Seu voto é importante e você não deve perder a oportunidade de pelo menos tentar melhorar nossas vidas.
Wanderley Jorge Bueno

(O Globo, 19-09-2010, grifo nosso)

Ao trazer para o texto uma informação divulgada pela citada empresa, o leitor busca a adesão de seu auditório, no caso os demais leitores do jornal suporte, uma vez que representa uma informação crível, a qual dificilmente será contestada. A partir desse recurso, prossegue com seus argumentos objetivando mostrar que a quantidade de aposentados brasileiros é suficiente para mudar os rumos da eleição que se daria no mês seguinte. O autor da carta indiretamente sugere que os votos dos aposentados sejam direcionados aos candidatos que tenham reais preocupações com as pessoas já jubiladas. Por fim, solicita a todos os leitores, independentemente de sua condição, aposentado ou não, que votem com consciência a fim de tentarem melhorar a atual situação econômica dessas pessoas que, assim como ele, já não mais trabalham.

Como vimos, ao trazer uma autoridade para seu discurso, a figura do locutor fica apagada diante da autoridade citada, transformando-se num mero suporte contingente. Em alguns casos o locutor (produtor da carta do leitor) se anula a tal ponto que seu texto se constrói unicamente com citações, como no exemplo abaixo.

“A falsidade corrompeu tanto o mundo que facções opostas discutem suas doutrinas no campo de batalha; mas se o ódio não fizesse parte do homem, igrejas e mesquitas seriam construídas lado a lado.” Citado por Taric Ali, em “Sombras da romãzeira”.
Liliana Pellegrini

(O Globo, 11-09-2010)

A carta do leitor destacada foi enviada e publicada em um contexto sócio-histórico específico. No início do mês de setembro de 2010, Terry Jones, líder de uma

comunidade religiosa situada em Gainesville, Flórida, Estados Unidos, realizou campanha anti-islâmica por meio de vídeos postados na internet, ameaçando queimar exemplares do Alcorão (livro considerado sagrado pelos muçulmanos) próximo ao local onde ocorreu o atentado terrorista do 11 de setembro de 2001, como forma de protesto contra os radicais islâmicos tidos como responsáveis pelo ato.

O fato repercutiu na mídia internacional, gerando protestos, notas de repúdio e declarações de autoridades políticas de vários países, além de autoridades religiosas de diversos segmentos, condenando a ideia do referido líder. A principal preocupação em relação ao protesto proposto por aquele líder religioso era o possível desencadeamento de novos incidentes tendo como pano de fundo aspectos religiosos.

Evidentemente, a situação relatada acima também foi alvo de comentários dos leitores que contribuíram com seus textos para as seções destinadas às cartas de leitores da maioria dos jornais brasileiros, expondo suas opiniões a respeito do assunto. Entretanto, a carta do leitor exposta aqui se compôs apenas de citação do escritor paquistanês Taryc Ali, autor de vários livros referenciados em questões sociopolíticas, sobretudo no tocante à tolerância religiosa.

Nesse caso, a utilização da estratégia de apoiar-se em trecho de um livro do renomado escritor foi benéfica tanto para o leitor que emite sua opinião sobre os fatos, porém sem assumir diretamente sua postura, quanto para o veículo de comunicação, o qual também se apaga diante do locutor maior, o próprio escritor, demonstrando uma imparcialidade intencional ao publicar a citada carta do leitor.

3.2.2 Perspectiva de Ducrot

Oswald Ducrot (1930 -), linguista francês, considerado fundador da Semântica Argumentativa (ou Semântica da Enunciação), tem-se dedicado há várias décadas aos estudos enunciativos da linguagem. No Capítulo VII - A Argumentação por autoridade, de sua obra *O dizer e o dito* (1987), Ducrot demonstra seu

posicionamento diante dos argumentos que se utilizam de figuras de autoridade para embasar teses.

Diferentemente de Perelman e Olbrechts-Tyteca, que concebem sob o viés retórico a utilização de atos ou julgamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova, Ducrot apresenta seu conceito como inscrito na própria língua, no interior do enunciado.

Como vimos, Ducrot elabora a noção de polifonia, categorizada como a incorporação de asserções pertencentes a outros enunciadores ou personagens discursivos, realizada pelo locutor em seu discurso. Ducrot considera, segundo Koch (2002, p.143), a polifonia como um “fato constante no discurso, que oferece ao locutor a possibilidade de tirar consequências de uma asserção cuja responsabilidade não assume diretamente, atribuindo-a a um enunciador estranho”.

A noção de polifonia será de grande importância para a compreensão da conceituação ducrotiana de argumentação por autoridade. Ducrot (1987, p.140) define dois tipos de argumento de autoridade a propósito de uma dada proposição a qual denomina “P”.

Primeiramente, indica-se que “P já foi, é atualmente, ou poderia ser objeto de uma asserção” e, após, apresenta-se esse fato como se valorizasse a mesma proposição “P”, reforçando-a, atribuindo a ela um peso particular. O referido autor continua suas observações distinguindo dois tipos particulares de argumentação por autoridade: a **autoridade polifônica**, diretamente inscrita na língua, e o **raciocínio por autoridade**, tipo de demonstração, como a indução, a recorrência e a analogia.

Para o teórico, o mecanismo da **autoridade polifônica** possui duas etapas básicas. Em primeiro lugar, o locutor mostra um enunciador, que Ducrot afirma poder ser o próprio locutor ou outra pessoa, asseverando “P”. Em seguida, o locutor apoia nessa primeira asserção uma segunda, relativa a uma outra proposição chamada de “Q”. Assim, de início, temos que o locutor insere em seu discurso “uma voz que não é forçosamente a sua – responsável pela asserção de P” (DUCROT, 1987, p.143), ocorrendo, de um lado, uma identificação com o sujeito asseverador de Q e, de

outro, a existência de uma correlação entre as proposições P e Q. A fim de ilustrar tais postulados, tomamos um exemplo do próprio autor:

Parece que vai fazer bom tempo: nós deveríamos sair.

P

Q

Dessa forma, o primeiro enunciado (P) funciona como ponto de partida para o raciocínio e serve de base para justificar uma outra asserção (Q), assumida pelo locutor (L). Assim, o enunciador de P exerce o papel de uma autoridade no sentido de que “seu dizer é suficiente para justificar que L, por sua vez, se torna enunciador de Q, fundamentando-se no fato de que a verdade de P implica ou torna provável a de Q” (DUCROT, 1987, p.146).

É o que ocorre, por exemplo, no meio jornalístico com enunciados introduzidos por expressões do tipo *talvez, parece que* ou pelo *futuro do pretérito*, como nos exemplos de Koch (2002, p.147) a seguir:

(a) *O governo argentino estaria disposto a negociar com os ingleses; portanto, há esperanças de que a guerra termine em breve.*

(b) *Parece que o Palmeiras conseguiu um maior entrosamento em sua equipe; é possível, pois, que consiga um lugar de destaque neste campeonato.*

Para Ducrot (1987), a afirmação de P, mesmo não sendo de autoria de L, não aparece simplesmente como dirigida argumentativamente para Q, e sim como um argumento de caráter efetivo favorável a Q. Assim, a afirmação de P lhe atribui “um dos privilégios essenciais reconhecidos pelos logicistas às proposições verdadeiras, o direito de constituir a base de uma inferência” (DUCROT, 1987, p.146).

Segundo Koch (2002, p.149), o recurso à autoridade polifônica na argumentação, tomada aqui em seu sentido retórico, permite ao locutor:

a) Não se portar de modo ditatorial (discurso autoritário);

b) Prever os argumentos possíveis do adversário e reconhecer-lhes certa validade, incorporando-os ao próprio discurso;

c) Aduzir argumentos decisivos em sentido contrário, fazendo oscilar os pratos da balança para seu lado;

d) Adotar estratégias de relação, como a da antecipação e a do suspense, descritas por Guimarães (1981), dependendo do esquema sintático utilizado para introduzir argumentos através da autoridade polifônica;

e) Dotar o seu discurso de maior poder de persuasão, desarmando o seu adversário; a) porque não pode ser contestado; b) porque permite antecipar-se a ele, introduzindo no próprio discurso os argumentos possíveis contrários à sua tese, destruindo-os logo a seguir, pela apresentação de argumentos mais fortes (decisivos).

Para Grésillon e Maingueneau (1984), o locutor de um provérbio é também o enunciador, ou seja, assume-o pessoalmente, porém ocorre um apagamento diante de um outro enunciador, uma espécie de voz geral, um “ON”, que se constitui o verdadeiro fiador da verdade do provérbio.

Esse agente supremo representa a voz coletiva, genérica, na ocorrência. Segundo os mencionados autores, “numa ótica polifônica, esse ‘agente’ é um personagem que participa da comunicação, validando uma primeira asserção (Eo), cuja verdade é pressuposta por uma segunda (E1)” (GRÉSILLON & MAINGUENEAU, 1984, p.113, tradução nossa). Portanto, ao enunciarmos um provérbio, maximizamos a validade de nossa fala, pois, ainda segundo os supracitados autores,

“Considerando o privilégio do qual o provérbio desfruta em matéria de autoridade, não será surpresa que ele constitua um modelo do mais alto interesse para aqueles que procuram embasar a autoridade de seus enunciados, [...]” (GRÉSILLON & MAINGUENEAU, 1984, p. 114, tradução nossa).

Por sua vez, o **raciocínio por autoridade** para Ducrot só se concretiza quando há a asserção de uma asserção. Koch (2002, p.146) explica que esse segundo tipo de argumentação por autoridade constitui uma forma de raciocínio experimental em que partimos do fato de que “X disse P”, e, conferindo a X a responsabilidade de não estar enganado sobre o que disse, conclui-se que P é verdade ou verossimilhante, como no exemplo da autora abaixo:

Jorge disse que Mário virá. Penso, pois, que ele virá.

X

P

Nesse caso, se X afirma que P, há uma implicação entre o primeiro enunciado e a própria proposição P.

Ainda para Koch (2002, p. 155), o recurso a provérbios, máximas, ditos populares, expressões consagradas pelo uso pode ser considerado um exemplo de argumentação por autoridade.

4. GÊNEROS TEXTUAIS: NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

4.1 ASPECTOS GERAIS

A interação mediante a linguagem verbal, oral ou escrita, é inerente à espécie humana. Habitualmente, sem mesmo perceberem o ato em si, as pessoas permutam informações por meio de diálogos, bilhetes, cartas, e-mails, conversas telefônicas e outras várias situações de comunicação. Bakhtin (2003, p. 261) postula que essas atividades humanas estão intrinsecamente ligadas à utilização da língua, que ocorre em forma de enunciados oralizados ou escritos “concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Dessa forma, pode-se afirmar que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam)” e “é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265).

Os gêneros textuais²³ constituem, assim, os inúmeros eventos discursivos a que estamos expostos e estão apoiados em formas padronizadas com estruturas relativamente estáveis, relacionados a diferentes situações sociais. Tais características facilmente permitem realizar a diferenciação entre uma piada e uma receita culinária, por exemplo, já que possuem modos de composição, conteúdos temáticos e estilos que lhes são próprios, além de exercerem funções específicas.

Diz Bakhtin:

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 283).

²³ Não é propósito deste trabalho discutir o emprego teórico das expressões “gênero textual”, “gênero discursivo” ou “gênero do discurso”. Tal qual Marcuschi (2008, p.154), adotaremos a posição de que as supramencionadas expressões podem ser utilizadas “intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico”.

Bakhtin (2003) faz uma distinção entre os gêneros discursivos primários (chamados também de “simples”) e secundários (nomeados “complexos”). Para o autor, o gênero primário ocorre em situações menos formais, ligadas ao cotidiano dos interlocutores, como o diálogo oral, cartas, diário pessoal, conversa entre amigos. Já os gêneros secundários refletem um convívio cultural mais elaborado, são geralmente escritos, formais, aprendidos e/ou difundidos nas instituições escolares, por exemplo, como os romances, dramas, discursos científicos, entre outros. Gêneros primários e secundários estão em constante interação, uma vez que os secundários absorvem e transmutam os primários e, conseqüentemente, “perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (BAKHTIN, 2003, p.263).

Apesar de parecerem recentes, os estudos referentes aos gêneros textuais remontam à observação sistemática de Platão, há pelo menos vinte séculos. Marcuschi (2008, p.147) realiza um primoroso resgate histórico dos estudos nesse campo, postulando que o termo “gênero”, na tradição ocidental, esteve ligado aos gêneros literários, cuja análise se iniciou com Platão para então se firmar com Aristóteles, “passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, pelo Renascimento e pela Modernidade, até os primórdios do século XX”. Atualmente vários pesquisadores de diversas áreas do conhecimento se detêm nas investigações acerca dos gêneros textuais, tornando seu estudo cada vez mais interdisciplinar. No tocante à linguística em geral, sobretudo nas perspectivas discursivas, os desdobramentos teóricos seguem múltiplas vertentes no Brasil e em âmbito mundial.²⁴

Koch & Elias (2007) destacam três importantes pontos a serem observados em um gênero textual, sobretudo na modalidade escrita. O primeiro deles é o modo de composição gênero (relaciona-se à forma de organização textual, a distribuição das informações e a presença ou não de elementos não verbais). Os outros dois pontos são o conteúdo temático e o estilo.

²⁴ Não nos propomos à discussão acerca das vertentes teóricas relacionadas aos gêneros discursivos. Para isso, recomendamos a leitura de Marcuschi (2008, p. 146-153).

Amparada pelos estudos bakhtinianos, as autoras sintetizam que, primeiramente, a noção de gênero é respaldada em práticas sociais e em saberes socioculturais, entretanto os gêneros podem sofrer variações em sua unidade temática, forma composicional e estilo. Afirmam, ainda, que todo gênero possui estilo, em maior ou em menor escala. Os gêneros literários, por exemplo, possuem condições mais favoráveis para a manifestação do estilo individual, ao contrário dos documentos oficiais, como atas e memorandos.

As autoras expõem que os gêneros, apesar de possuírem identidade própria, não se constituem em elementos rígidos e estáticos. Ao contrário, enfatiza Koch (2006, p.54), como qualquer produto social, eles estão sujeitos a mudanças, “decorrentes não só das transformações sociais, como oriundas de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, como também de modificações do lugar atribuído ao ouvinte”.

A esse respeito, Bazerman (2005, p.31) questiona o reconhecimento social dos gêneros apenas por certas caracterizações. Desse ponto de vista, além de o gênero ser considerado atemporal e igual para todos os observadores, não leva em consideração o papel criativo dos indivíduos no uso e na construção de sentidos. Para o autor, tal procedimento

“Ignora as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo” (BAZERMAN, 2005, p.31)

Bazerman (2005) postula, ainda, que os gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender suficientemente bem umas às outras de forma a coordenar atividades e a compartilhar significados, objetivando seus propósitos práticos.

Por fim, Koch & Elias (2007) postulam que os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função. Há casos em que um gênero pode assumir a forma de outro, e, ainda sim, continuar pertencendo àquele gênero. Marcuschi (2005) enfatiza

que, em muitos casos, as formas determinam o gênero, e, em outros, são as funções que o determinam.

Bronckart (1999, p.103) asserta que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Assim, os gêneros discursivos representam verdadeiros instrumentos de que o indivíduo dispõe para atuar nos diferentes domínios linguísticos da atividade humana.

4.2 SUPORTE E GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O jornal diário ou mesmo semanal constitui-se em um dos vários tipos de mídia impressa circulantes e caracteriza-se pela veiculação de informações relacionadas aos mais variados segmentos da vida em sociedade. O jornal combina linguagem verbal e não verbal de forma articulada, objetivando atrair a atenção do público leitor e favorecendo seu trabalho de leitura e apreensão.

Entretanto, necessita-se realizar uma breve explanação de algo em que Marcuschi (2008) se detém e que traz à discussão: a questão do suporte de gêneros textuais. O autor o define preliminarmente como um local físico ou virtual com formato específico, servindo de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. O suporte apresenta o texto, tornando-o acessível. Vale destacar que o suporte não tem posição neutra e “o gênero não fica indiferente a ele” (MARCUSCHI, 2008, p.176).

Marcuschi (2008) divide em dois os tipos de suporte, sendo o primeiro denominado convencional. É típico ou característico e produzido para essa finalidade. Vários são os exemplos desse tipo de suporte como o livro, o jornal, o rádio, o telefone, entre outros. O segundo tipo de suporte categorizado pelo autor denomina-se incidental. O mencionado tipo revela-se em meios casuais e não convencionais para a comunicação de textos, como paredes, fachadas, corpo humano, pára-choques de caminhão, entre outros exemplos.

Posto isso, Marcuschi (2008) salienta que o jornal, diário ou semanal, é considerado um suporte convencional que abarca vários gêneros. Para o autor, alguns desses gêneros são tradicionalmente típicos e, em virtude do suporte, recebem características facilmente perceptíveis ao serem confrontadas com outros gêneros. É o caso, por exemplo, da notícia e da carta do leitor.

Melo (1994) expõe que o jornalismo em geral se articula em torno de dois núcleos principais, definidos por ele como jornalismo informativo e jornalismo opinativo e, a partir dos estudos realizados por Beltrão,²⁵ propõe uma classificação dos gêneros peculiares ao jornalismo brasileiro.

Referente ao jornalismo informativo Melo (1994) elenca os gêneros *nota*, *notícia*, *reportagem* e *entrevista*. Para o citado autor, as características distintivas entre a nota, a notícia e a reportagem estão relacionadas à progressão dos fatos ocorridos, à captação dos acontecimentos pela entidade jornalística e à acessibilidade do público.

Na esfera opinativa Melo (1994) inclui os gêneros *editorial*, *comentário*, *artigo*, *resenha*, *coluna*, *crônica*, *caricatura* e *carta*. Segundo o autor, com o crescimento e o reconhecimento da imprensa ao longo dos anos, as instituições passaram a contar com quadros relevantes de profissionais e colaboradores assalariados. Assim, a expressão da opinião deixa de estar centrada na figura de poucos ou mesmo de uma pessoa – a exemplo dos primeiros jornais que contavam com pouquíssimos profissionais – e passa a ser diluída, seguindo várias tendências, por vezes até conflitantes.

Dessa forma, a avaliação dos acontecimentos se dá mediante a utilização dos gêneros opinativos por intermédio de quatro núcleos. O primeiro deles abrange a própria opinião do veículo de comunicação, manifesta no *editorial* da publicação. Ao segundo núcleo exposto por Melo (1994) pertencem os jornalistas, cujos meios utilizados para exposição de opiniões são o *comentário*, a *resenha*, a *coluna*, a

²⁵ As obras que serviram de base para os estudos subsequentes relativos à classificação jornalística empreendida por Melo (1994), são: BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969; BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976; BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

crônica, a *caricatura* ou mesmo o *artigo*. Já o terceiro grupo aponta para os colaboradores, geralmente personalidades reconhecidas socialmente, que opinam tomando como instrumento o *artigo*. Por fim, o quarto núcleo refere-se aos leitores da publicação que têm por ferramenta de interação opinativa apenas o gênero *carta*.

O citado autor postula que os oito gêneros opinativos supramencionados possuem estruturas relativamente semelhantes em relação à narração dos valores contidos nos acontecimentos, “mas assumem identidades diversas a partir da autoria/angulação” (MELO, 1994, p.65)²⁶. Cabe detalhar um pouco mais esta categoria, uma vez que é nela que o *corpus* utilizado para esta pesquisa se encontra inserido, a fim de contextualizá-lo diante dos demais gêneros.

O primeiro gênero opinativo citado, como vimos, é o *editorial*. Esse gênero tem a finalidade de expor a opinião oficial do veículo de comunicação perante os acontecimentos em evidência. O texto se dirige geralmente à coletividade e possui atenção especial da equipe editorial, devidamente auditada pela diretoria, pois “supõe plena integração entre as políticas da empresa e os interesses corporativos que defendem” (MELO, 1994, p.98). A maior parte dos jornais brasileiros publica editoriais na seção denominada “opinião”.

Melo (1994), apoiado nos estudos de Beltrão,²⁷ aponta quatro características fundamentais do gênero editorial. A primeira abrange a impessoalidade, visto que o texto não é assinado e faz uso da 3ª pessoa do singular ou da 1ª pessoa do plural. A segunda característica é a topicalidade, isto é, o tratamento de temas bem delimitados. A seguir, é mencionada a condensalidade, com redação curta, contendo poucas ideias, objetivando evidenciar as afirmações e não as demonstrações. Por fim, o autor menciona a plasticidade, segundo a qual o editorial necessita acompanhar a dinamicidade dos acontecimentos.

O segundo gênero exposto por Melo (1994) é o *comentário*. Produzido geralmente por profissionais gabaritados em suas áreas de atuação, o citado gênero surge

²⁶ Segundo MELO (1994, p.64), angulação refere-se à perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião.

²⁷ BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

“como tentativa de quebrar o monopólio opinativo do editorial” (MELO, 1994, p.106). Dessa forma, o comentário analisa os fatos relevantes, assim como o editorial, porém possui certa independência em relação à linha editorial seguida pelo veículo de comunicação. O autor destaca que esse gênero explica as notícias, suas circunstâncias, assim como suas consequências. O comentarista que assina o texto nem sempre emite uma opinião explícita, requerendo do leitor a percepção da argumentação utilizada. O texto comumente é dividido em duas partes, sendo a primeira a síntese do fato e a explicação do respectivo significado; e a segunda é composta pela argumentação, apontando para o seu julgamento. Melo (1994, p.106) ressalta que raramente o comentário é conclusivo.

O autor, considerando a proposta de Castelli,²⁸ aponta três espécies de comentários. O primeiro deles é a análise de um problema, com estilo próximo ao do editorial, apresentando eruditismo e traços subjetivos, além de traços de ironia e humor. A segunda espécie de comentário trata da documentação de um fato, apresentando impressões pessoais com a utilização de um estilo próximo ao do relatório, “valendo-se muitas vezes dos recursos da reportagem” (MELO, 1994, p. 111). Finalmente, a crítica de uma situação é destacada como o terceiro tipo de comentário, consistindo na “apreciação pessoal, realçando a natureza da situação analisada, mas antecipando as possibilidades de solução” (MELO, 1994, p.111).

O *artigo* figura como o terceiro gênero jornalístico citado por Melo (1994), que o define como uma matéria jornalística, geralmente escrita, assinada, em que um jornalista ou um colaborador – escritor, professor, pesquisador, político, etc – desenvolve uma ideia sobre assunto de sua competência e apresenta sua opinião. Diferente do comentário, o ponto de vista assumido pelo autor do artigo sobre determinado assunto deve ficar explícito, pois é aí que reside a demonstração de como o articulista pensa e reage sobre o assunto. Vale destacar que nesse gênero o articulista possui maior liberdade em relação à escolha de temas, expressão verbal e emissão de juízos pessoais.

²⁸ CASTELLI, Eugenio. **Lengua y redacción periodística**. Rosário, Santa Fé: Colmegna, 1968.

O artigo se divide, da perspectiva formal, em artigo (propriamente dito) e ensaio. Além da questão da extensão (o ensaio constitui-se em um texto mais longo), a diferenciação entre os dois revela-se no tocante ao tratamento dado às informações – no artigo os temas não são discutidos de forma tão aprofundada como no ensaio – e à argumentação – ao contrário do ensaio, que conta com argumentação embasada em outras fontes, no artigo a argumentação se baseia no conhecimento e na sensibilidade próprios do articulista.

O quarto gênero elencado por Melo (1994, p.125) se propõe à “apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores”. Também conhecida pelo termo *crítica*, a *resenha* é produzida por jornalistas com experiência nos campos de análise apurados ou mesmo por personalidades igualmente competentes e com experiência na área analisada. A resenha não tem intenção de desferir julgamento estético sobre determinado produto cultural ou não – literatura, teatro, artes plásticas, gastronomia, cinema, música, etc. – e sim de realizar “uma apreciação ligeira, sem entrar na sua essência enquanto bem cultural. Trata-se de uma atividade eminentemente utilitária” (MELO, 1994, p.128). Segundo o autor, a resenha tradicionalmente difundida na mídia impressa, alcança relativo espaço no rádio e na televisão, sobretudo em programas direcionados à informação cultural.

Quinto gênero sobrelevado por Melo (1994), a *coluna* constitui-se de recortes curtos de informações e opiniões. “Procura trazer fatos, ideias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação” (MELO, 1994, p.136). O colunista – jornalista assessorado por equipes de repórteres – geralmente goza de relativa liberdade opinativa e seleção de conteúdo. Segundo o autor, a coluna possui acesso aos bastidores da notícia, o que possibilita a descoberta e posterior publicação de fatos ainda não ocorridos ou opiniões que ainda não vieram à tona.

A coluna caracteriza-se, inicialmente, como um espaço informativo, entretanto sutilmente emite juízos de valor. Os tipos de colunas mais comuns observados nos jornais brasileiros são a coluna social, coluna política, coluna econômica, coluna

policial, coluna esportiva, coluna de livros, coluna de cinema, coluna de televisão, coluna de música etc.

A *crônica*, sexto gênero listado por Melo (1994), é considerada tipicamente brasileira e surge por meio de um espaço destinado na mídia impressa ao registro dos fatos em evidência no momento de produção. Aos poucos, a crônica foi tomando a forma como a conhecemos e confiada a escritores ficcionais ou não, com a tarefa de fazer a mediação entre os acontecimentos com a psicologia coletiva. Para Melo (1994, p.155), muitos cronistas “[...] buscam inspiração no próprio jornal. Realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia a dia”.

Para o mencionado autor, duas são as características principais da crônica moderna, considerada como pertencente ao domínio jornalístico. A primeira refere-se à fidelidade ao cotidiano, em que deve haver ligação com os acontecimentos recentes. A segunda diz respeito à crítica social, pois mesmo com liberdade de expressão temática e verbal, trata de questões relevantes socialmente.

O penúltimo gênero jornalístico relatado por Melo (1994) é a *caricatura*, cuja apresentação imagética colabora para alcançar o público que não dedica tempo à leitura pormenorizada dos gêneros opinativos tradicionais, como o editorial, a crônica, etc. Nesse caso, a opinião do produtor se manifesta por meio da caricatura, influenciando mais rapidamente o leitor, uma vez que “a imagem, na imprensa, motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida da opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão” (MELO, 1994, p.166).

Segundo Melo (1994), numa perspectiva mais ampla, a caricatura pode ser entendida como uma forma de expressão artística por meio de desenhos com finalidade humorística. Diante disso, o autor identifica, além da caricatura propriamente dita (desenho que ressalta e/ou acentua características de pessoas, objetos, etc.), a charge (imagem crítica humorística de acontecimentos recentes), o *cartoon* (anedota gráfica sarcástica) e o *comic* (história em quadrinhos). Na mídia impressa diária, em virtude do espaço físico, encaixam-se apenas a caricatura e a charge que “só adquirem sentido no espaço jornalístico, porque se nutrem dos

símbolos e valores que fluem permanentemente e estão sintonizados com o comportamento coletivo” (MELO, 1994, p.169).

Por constituir o corpus desta pesquisa, o oitavo gênero jornalístico opinativo discriminado por Melo (1994) será abordado mais detalhadamente no próximo tópico.

4.3 CARTA DO LEITOR: A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS

Grande parte das publicações periódicas da mídia impressa, como jornais e revistas, possuem espaço reservado para o contato mais direto com o público leitor. Essa seção fixa recebe várias denominações no contexto jornalístico, como *cartas*, *cartas à redação*, *cartas ao editor*, *painel do leitor*, *dos leitores*, entre outras.

Em uma perspectiva funcional-interativa, o supramencionado gênero é considerado de domínio público, de caráter aberto, “com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando, assim, ao público em geral a sua leitura” (BEZERRA, 2005, p.210). Expressa julgamentos pessoais acerca das matérias recém-publicadas, atendendo a vários propósitos comunicativos, como opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. Para Melo (1994, p.179), mesmo que a carta não seja publicada, o envio do texto ao veículo de comunicação representa “o último alento de muitos cidadãos que querem dizer alguma coisa aos seus contemporâneos, que querem influir nas decisões dos governantes, que querem participar dos destinos da sua sociedade”.

Como a interação entre produtores e leitores não é face a face e se dá apenas por meio de textos escritos, o veículo midiático não possui uma avaliação imediata da recepção e entendimento por parte dos leitores dos conteúdos veiculados em uma edição. Dessa forma, a carta do leitor funciona, inclusive, como um importante instrumento na medida em que permite demonstrar ao jornal/revista a qualidade do produto gerado por meio de críticas e/ou elogios.

Melo (1994, p.66) ressalta que a autoria desse gênero é comumente explícita, diferente dos editoriais e algumas notícias. O citado autor observa, ainda, que a carta do leitor possibilita a leitura dos fatos a partir de uma nova angulação, do ponto de vista do receptor dos conteúdos veiculados. De certa forma, o leitor acessa a informação, processa e emite seu juízo e é esse juízo que expressa a coletividade.

Fontanini (2002) ressalta que as cartas do leitor reconstituem padrões de representação social e crenças, já que, mesmo sendo escritas de forma pessoal, “a ‘individualidade’ do leitor/escritor reflete de alguma forma o meio em que ele vive e os padrões ideológicos encontrados naquele contexto social” (FONTANINI, 2002, p. 229-230)

Nem todas as cartas que chegam à redação do veículo de comunicação são publicadas, pois é realizada uma triagem inicial, ficando a cargo geralmente do editor a seleção das que serão publicadas. Mesmo as selecionadas podem passar por novo processo seletivo, seja em virtude do espaço físico disponível na seção, seja pelo direcionamento argumentativo que interessa ao jornal/revista, seguindo critérios específicos de cada empresa jornalística.

Nesses casos, as cartas podem ser resumidas e modificadas. O leitor que envia seu texto não pode alegar desconhecimento desse *modus operandi*, já que, na maior parte dos jornais/revistas, há uma nota explicativa alertando sobre a possível intervenção no texto. No jornal *O Globo*, por exemplo, é veiculado diariamente no canto inferior direito da seção o seguinte texto informativo.

O GLOBO acolhe opiniões sobre todos os temas. Reserva-se, no entanto, o direito de rejeitar acusações insultuosas ou desacompanhadas de documentação. Também não serão publicados elogios ou agradecimentos pessoais. Devido às limitações de espaço, será feita uma seleção das cartas e quando não forem suficientemente concisas, serão publicados os trechos mais relevantes.

As cartas devem ser dirigidas à seção Cartas dos Leitores (O GLOBO – Rua Irineu Marinho 35, CEP 20.233.900), pelo fax 2345-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br. Só serão levadas em conta cartas com nome completo, endereço e telefone para contato, mesmo quando enviadas por e-mail.

Melo (1994, p.178), apoiado nos estudos realizados por José Silveira,²⁹ divide em quatro grupos principais os leitores que se manifestam por meio de cartas em periódicos.

1) Autoridades

Quando uma pessoa física, organização, empresa, entidade, etc. não concordam com algo mencionado em artigos ou reportagens veiculadas em edições anteriores, elas emitem pronunciamentos ao periódico como forma de obter o direito de resposta, que é, inclusive, assegurado por lei.³⁰ Geralmente, o periódico emite uma réplica justificando-se ou explicando-se, conforme lhe for conveniente. No exemplo abaixo, notamos que, em edição anterior do jornal, se veiculou a informação de que, após a morte da médica e coordenadora internacional da Pastoral da Criança, D. Zilda Arns, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) cogitava solicitar ao Vaticano a sua canonização. Entretanto, como a informação não foi considerada verdadeira pela direção da CNBB, o assessor de imprensa da mencionada confederação enviou uma carta negando o fato.

A informação que consta na matéria "CNBB cogita pedir canonização ao Vaticano" (16/1) não procede absolutamente. A presidência da CNBB não se pronunciou acerca deste tema (D. Zilda Arns). O bispo que fez as afirmações constantes na matéria, se as fez, as fez em nome próprio e não em nome da CNBB.

Padre Geraldo Martins Dias
Assessor de Imprensa da CNBB
(por e-mail, 18/1), Brasília, DF

O GLOBO ouviu mais de um bispo da cúpula da CNBB sobre o tema. Mas todos pediram reserva, pois serão necessários cinco anos para encaminhar ao Vaticano o processo de canonização da fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns.

(O Globo, 21-01-10)

O jornal *O Globo*, em réplica, justifica a matéria veiculada, baseado em declarações de alguns bispos ligados à citada Confederação. Nesses casos, além do nome completo constante na carta do leitor, há a indicação do cargo ocupado por ele.

²⁹ SILVEIRA, José. Carta do leitor: uma resposta crítica? In: NEOTTI, Clarêncio (Org.). **Comunicação e consciência crítica**. São Paulo: Loyola, 1979, p. 186-187.

³⁰ Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967.

2) Perfeccionistas

Constituem o grupo de leitores que enviam solicitações para retificação de algum dado veiculado ou omitido em artigos ou reportagens ou mesmo correções gramaticais. No período abrangido por esta pesquisa não consta publicação de cartas com esse teor. Tal fato justifica-se pelo espaço exíguo da seção, o que seria aproveitado por contribuições mais substanciais.

3) Lesados

Esse grupo é composto pelos leitores que mais contribuem com textos. Geralmente o teor das cartas revela descontentamento com o poder público (figurado nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário), com empresas, instituições etc. Por meio de denúncias, desabafos, lamúrias, os leitores externam seus sentimentos e emoções.

A carta do leitor abaixo exemplifica essa vertente. Veiculada no dia 04 de fevereiro de 2010, nela encontramos a presença de duas reclamações. A primeira é em relação às respostas enviadas pela empresa responsável pelo serviço criticado, e a segunda diz respeito à qualidade dos serviços prestados pela empresa, incluindo um relato pessoal. Por fim solicita, provavelmente ao jornal, que se convide o governador do Estado para atestar a qualidade do transporte público oferecido à população.

Há um mês enviei carta a este jornal criticando a fulminante decadência dos serviços do metrô. Impressionava-me que um transporte relativamente bom pudesse piorar tanto e tão rápido. Não fui o único e o Metrô respondeu às cartas, com desculpas vazias e esfarrapadas. No dia 12/1, um dia antes da publicação da resposta do Metrô, eu havia ficado 17 minutos na estação Cantagalo à espera de um trem em direção ao Centro. A plataforma estava lotada e o calor, insuportável. Tive vontade de responder com indignação ao que me soava como blabláblá da pior espécie, mas me contive. Afinal, quem sabe não poderia melhorar? Mas, não, não melhorou! Só piora, cada vez mais. Por favor, convidem o governador para deixar Paris — onde o metrô funciona — e vir ao Rio, tentar pegar o Metrô, do qual é garoto-propaganda.

Ranieri Mazzilli
(por e-mail, 2/2), Rio

Na carta abaixo, publicada no dia 24 março de 2010, o leitor lamenta a forma como foi realizada a abordagem da Guarda Municipal carioca a um ambulante no bairro de

Ipanema. Indignado, finaliza o texto criticando o número insuficiente de empregos formais no Brasil.

Segunda-feira pela manhã, próximo à feira da Av. Henrique Dumont, em Ipanema, uma cena lamentável: guardas municipais da operação choque de ordem, com cassetetes na mão, abordaram um rapaz que vende refrigerantes, água, balas e biscoitos numa bicicleta pelo bairro e confiscaram tudo, levando o rapaz para local desconhecido. Transeuntes, feirantes e comerciantes ficaram revoltados com a atitude covarde e a violência desnecessária das autoridades. Num país em que não há emprego formal para todos, onde os que deveriam dar exemplo são cada vez mais imorais e inescrupulosos, temos que incentivar os menos afortunados que, embora não estejam no mercado de trabalho formal, buscam sua dignidade através do trabalho honesto. Onde está o bom senso e onde foram parar o rapaz e os produtos confiscados?

Isadora Cruz
(por e-mail, 23/3), Rio

Por fim, o texto a seguir foi publicado no dia 19 de dezembro de 2010, e nele é claramente perceptível o descontentamento da leitora com o poder público brasileiro. O episódio abordado refere-se ao aumento de 60% sobre a remuneração concedida aos poderes Legislativo e Executivo, ocorrida no mês de dezembro de 2010. A leitora aproveita a oportunidade para criticar os atos do então presidente Lula e finaliza sua fala utilizando um efeito irônico.

Nosso país está esculhambado! A Câmara dos Deputados e o Senado aprovam aumentos de mais de 60% para o Executivo e o Legislativo, enquanto a inflação está de volta, e os trabalhadores conseguirão, no máximo, de 6% a 8%! O governo lança seis livros com o balanço do governo Lula, tecendo loas à queda de juros, e não menciona os escândalos, que tanto o macularam. Na cerimônia, o presidente diz que a educação foi destaque em seu governo! Foi destaque até nas páginas policiais dos jornais, com tentativa de venda dos exames e vazamentos das provas do Enem, e nas que focam o tema, devido aos pífios resultados. Saúde, infraestrutura e saneamento básico, então, estão em pleno desenvolvimento. Pelo balanço, o Brasil é o país das maravilhas! Mais uma da série "me engana que gosto!"

Lígia Bittencourt
Rio

4) Anônimos

Esse grupo representa as pessoas que não assumem posições opinativas e se valem de estratégias para verem seu texto publicado no jornal. Geralmente, os elogios a reportagens, artigos etc. não possuem carga opinativa relevante no cenário sociopolítico, contudo obtêm elevadas chances de serem publicadas, visto que é do

interesse do veículo de comunicação usar essa retroalimentação positiva do leitor como índice de satisfação para seu público.

Na carta abaixo, veiculada no dia 13 de abril de 2010, o leitor elogia as mudanças realizadas no caderno de esportes do periódico. Nota-se que há somente juízos de valor em relação à seção do periódico, inclusive com o fechamento afirmativo do texto demonstrando que o caminho trilhado pela equipe responsável pelo caderno está, nos moldes considerados por ele, excelente.

Sempre procurando dar aos seus leitores o melhor em qualidade de informação, o jornal acaba de marcar um autêntico gol de placa com a apresentação, neste domingo (11/4), do seu Caderno de Esportes, com inovações que por certo agradarão a todos os amantes do esporte. Jornalismo é isso.

Jair Gomes Coelho
(por e-mail, 11/4), Vassouras, RJ

4.3.1 Seção “Dos Leitores” – Jornal *O Globo*

O jornal impresso *O Globo* possui tradição na divulgação das cartas de leitores. Na década de 50, o periódico publicava as correspondências, porém sem periodicidade regular. Apenas na década de 70, uma coluna direcionada exclusivamente às cartas de leitores é criada, localizada na contracapa do jornal.

Segundo Mendes (2011), o espaço destinado aos leitores passou vários anos sem receber modificações profundas até 1998, quando foi ampliado (de um terço de página para dois terços), passando, inclusive, para a editoria de Opinião. Ao dispor as cartas próximas aos editoriais e artigos assinados, o jornal qualifica a participação dos leitores.

A seção passou por nova reformulação em março de 2010, ampliando o espaço para participação dos leitores, inclusive com a mudança de nome para “Dos Leitores”, antes “Cartas dos Leitores”. Mendes (2011) explica que as contribuições passaram a chegar por diferentes canais comunicativos, principalmente por e-mails, e não mais via Correios. Criou-se, ainda, uma subseção chamada “No internet e no

celular”, disposta na quarta parte da página, a qual recebe contribuições de leitores a partir de diferentes canais interativos, como comentário em blogs, imagens e postagens em sítios eletrônicos de relacionamentos (Twitter ou Facebook). Fruto dessa interação virtual, o jornal publica também listas de reportagens mais comentadas e reportagens mais lidas em sua página disponível na internet.

Conforme Mendes (2011), atualmente o jornal recebe textos de vários Estados brasileiros em formato de carta do leitor. Chegam aproximadamente 250 cartas de leitores por dia, sendo que a maioria é transmitida digitalmente por e-mail. Esse número é variável, podendo aumentar ou diminuir de acordo com o impacto das notícias publicadas. Do montante de cartas recebidas diariamente, apenas uma média de 25 são publicadas devido ao espaço físico disponível, totalizando cerca de 600 cartas de leitores por mês.

O jornal *O Globo* foi fundado em 1925 por Irineu Marinho e ainda hoje figura entre os três maiores periódicos brasileiros no *ranking* da Associação Nacional de Jornais (ANJ), com tiragem média, em 2010, de 262.435 exemplares,³¹ ficando atrás apenas do jornal *Super Notícia* (tiragem média de 295.701 exemplares) e do jornal *Folha de São Paulo* (tiragem média de 294.498 exemplares). Além da versão impressa circulante no Estado do Rio de Janeiro e nas principais capitais do país, o periódico possui a versão digital, acessível mediante assinatura.

Segundo pesquisa do Instituto Ipsos Marplan,³² realizada entre os meses de julho/2008 e junho/2009, o jornal *O Globo* possui um número maior de leitores do sexo feminino: são 55% de mulheres contra 45% de leitores do sexo masculino. Em relação à distribuição por escolaridade, a pesquisa demonstra que 60% dos leitores possuem nível superior, 26% concluíram o Ensino Médio e 14% apresentam o nível fundamental.

A faixa etária dos leitores é considerada bastante diversificada, sendo o maior percentual pertencente à faixa dos 20 aos 29 anos (22%). Os leitores de 40 a 49 e

³¹ Informação da Associação Nacional de Jornais (ANJ) - <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em 08-05-2011.

³² Disponível em <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/perfilLeitores.aspx>. Acesso em 08-05-2011.

os que possuem mais de 60 anos concorrem com a mesma proporção (19%). De 30 a 39 anos, a porcentagem decai para 17%. Por fim, os leitores que possuem de 10 a 19 anos e de 50 a 59 possuem apenas um ponto percentual de diferença, isto é, 11% e 12%, respectivamente. No tocante à faixa de renda, os resultados evidenciam leitores com alto poder aquisitivo, sendo 50% pertencentes à classe B, 30 % à classe A, 18% à classe C e apenas 2% às classes D e E.

5. METODOLOGIA E CORPUS

Conforme exposto na introdução deste trabalho, com a finalidade de alcançarmos os objetivos propostos e a comprovação de nossa hipótese, escolhemos a seção “Dos Leitores” do jornal *O Globo*, durante o período compreendido entre 1º de janeiro de 2010 e 1º de janeiro de 2011. A escolha do referido jornal foi motivada pelo fato de ser um dos periódicos brasileiros de maior circulação nacional e ser uma empresa jornalística tradicional, com 86 anos de história, além de possuir costumeiramente espaço para manifestação de seus leitores, figurando como um dos periódicos diários que mais oferece espaço ao público leitor, com uma média de publicação de 25 (vinte e cinco) cartas por dia.

No período observado, foram encontradas 83 (oitenta e três) cartas do leitor com a presença de pelo menos um provérbio empregado pelo seu autor como argumentação por autoridade. A relação integral desses provérbios consta no ANEXO 1, ao final deste trabalho, classificada por ordem cronológica de ocorrência. Para este estudo, optamos por transcrever as cartas na íntegra, respeitando o texto produzido pelos leitores, ainda que não concordando com os desvios gramaticais e/ou ortográficos percebidos.

Desta primeira seleção, delimitamos, como critério principal, a recorrência de determinados provérbios, isto é, os provérbios mais utilizados como argumento de autoridade. Em uma segunda etapa de filtragem, optamos pela seleção das cartas do leitor que contivessem os provérbios recorrentes, porém em posições distintas, ou seja, com ocorrência no início do texto, ou em seu desenvolvimento ou em seu final. Desse modo, foram escolhidas 05 (cinco) cartas do leitor, doravante sob a insígnia CL, conforme se segue.

CL1 – Texto:

Há alguns meses, venho notando algo de estranho no ar. De maneira adrede, eu provoço assunto sobre as eleições presidenciais com pessoas conhecidas e desconhecidas, e... Incrível: todas se manifestam contra a candidata petista. Ora, como moro em saquarema e trabalho em Niterói, é estranho que eu não encontre nenhum eleitor da candidata. O que me leva a estranhar a vantagem enorme da candidata nas pesquisas de intenção de votos em relação ao candidato tucano. Será que os institutos de pesquisas fazem abordagens nas portas de sindicatos e

estatais? Enfim, acho que teremos uma grande surpresa quando da apuração das urnas... Quem viver, verá.

Autor: Carlos Valerio Batista de Aguiar.

Data de publicação: 11-09-2010.

Assunto: Política.

Provérbio: Quem viver verá (Quem viver verá as voltas que o mundo dá).

Número de ocorrências do provérbio: 12.

CL2 – Texto:

Marina demonstrou na entrevista que é hábil no falar e não se deixar manipular por outros. No entanto, para presidir o Brasil é preciso mais. Se os brasileiros almejam um Brasil próspero, justo e livre, precisamos colocar acima de tudo os princípios éticos básicos, pois ninguém está acima da lei, os fins não justificam os meios; e no episódio do mensalão do governo Lula, Marina se omitiu, e quem cala, às vezes, demonstra consentir. Também há outro ditado que nos diz: "dize-me com quem andas, e te direis quem és." Marina sempre andou com o PT, alcançou respeito internacional com seu trabalho pelo meio ambiente através desse partido. Algo que não me convenceu foi a sua afirmação de que PSDB, DEM, PTB e PT são fisiologistas, ao mesmo tempo falando que com eles vai governar, sem ficar refém deles. Por acaso ela é a nova milagreira nacional?

Autor: Samuel Rodrigues de Souza.

Data de publicação: 12-08-2010.

Assunto: Política.

Provérbio: Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és.

Número de ocorrências do provérbio: 06.

CL3 – Texto:

Embora tardiamente, como é de seu feitio, José Serra decidiu apegar-se ao legado deixado por Fernando Henrique na campanha do segundo turno. Serra errou ao demorar a lançar-se candidato pela oposição; errou ao demorar a escolher seu vice; errou ao escolher um vice jovem demais e praticamente desconhecido pela maioria dos brasileiros. Esperemos que não se tenha demorado demasiadamente ao decidir, apenas nessa segunda etapa das eleições presidenciais, a tentar recuperar o espaço e o tempo perdidos, colocando em campanha os feitos conquistados por Fernando Henrique em seus oito anos de mandato. Antes tarde do que nunca.

Autor: Antonio Bandeira Corrêa.

Data de publicação: 08-10-2010.

Assunto: Política.

Provérbio: Antes tarde do que nunca.

Número de ocorrências do provérbio: 05.

CL4 – Texto:

“Como todo o Brasil, fiquei sabendo que espionaram minha filha, uma mulher honrada que trabalha para sustentar os três filhos. Estou indignado”, declarou o candidato do PSDB. Esta é, exatamente, a situação de milhões de brasileiros: trabalhamos duro para sustentar nossas famílias e o poder público, mas, tenho quase certeza que, se tentassem quebrar o sigilo fiscal da maioria destes contribuintes, comprovariam, apenas, que vivemos do resultado do próprio suor e creio, também, que reagiríamos sem indignação. “Quem não deve não teme”, diz o velho provérbio.

Autor: Roberto A. Motta

Data de publicação: 08-10-2010.

Assunto: Política.

Provérbio: Quem não deve não teme.

Número de ocorrências do provérbio: 03.

CL5 – Texto:

Seria arrogante discutir a aprovação de toda uma massa de público da Sapucaí ou de uma multidão de telespectadores. Afinal, a voz do povo é a voz de Deus. Mas qual seria a voz dos deuses do carnaval? Poderia ser interessante comparar a nova forma de desfile do carnavalesco Paulo Barros com outras guinadas históricas das escolas de samba, como o uso dos carros alegóricos das grandes sociedades, a maior velocidade no ritmo dos sambas-enredos, o luxo de Joãozinho Trinta e a construção do sambódromo definitivo. Desta vez, ver espetáculos de ilusionismo, trocas frenéticas de roupa, homens-aranha pode levar a uma extrapolação para os próximos anos. Teremos explosões gigantescas na Sapucaí, pessoas sendo tragadas das arquibancadas, abduzidas pelos carros das escolas e devolvidas na apoteose? Uma das escolas desaparecerá subitamente, no meio do desfile? Não será melhor ir ao cinema e ver o velho Spielberg?

Autor: Luis Wagner Mazzaro Almeida Santos

Data de publicação: 18-02-2010.

Assunto: Carnaval.

Provérbio: A voz do povo é a voz de Deus.

Número de ocorrências do provérbio: 03.

Em relação aos assuntos abordados pelos textos das cartas, notamos que a maioria delas abordam temáticas relacionadas à política, à economia e à administração pública. Assim, consideramos que a repetição de tais temáticas nas cartas selecionadas não interferirá diretamente no estudo em foco.

Embora alguns enunciados proverbiais destacados neste trabalho sejam encontrados em dicionários de provérbios (vide relação no Anexo 2), na realidade constituem-se em máximas ou citações proferidas por personalidades, tendo, portanto, um autor definido. É o caso, segundo Rónai (1985), da frase atribuída ao pensador italiano Maquiavel (1469-1527) “O fim justifica os meios”.³³ Outro exemplo pode ser verificado na máxima “Quem cala, parece consentir”, forma muito próxima do corrente enunciado proverbial “Quem cala consente”. A citação, segundo Rónai (1985),³⁴ foi pronunciada pelo Papa Bonifácio VIII (1235?-1303), em uma de suas decretais. Por fim, temos a conhecida frase “A voz do povo é a voz de Deus” que, também segundo Rónai (1985), foi proferida pelo monge inglês beneditino Alcuíno (735-804).³⁵

A supramencionada citação de Maquiavel é arrolada no *Dicionário de Provérbios* de Lacerda et al (1999), admitindo a forma plural (“Os fins justificam os meios”), além das formas em língua francesa (“La fin justifie les moyens”) e inglesa (“The end justifies the means”). Nota-se que não há nenhuma menção ao pensador italiano.

O mesmo ocorre com a citação do Papa Bonifácio VIII e a do monge Alcuíno. Suas frases são encontradas nas três obras consultadas referentes a provérbios, sem identificação acerca da origem do enunciado proverbial “Quem cala consente” e “A voz do povo é a voz de Deus”.

Assim, tomamos os enunciados elencados nos dicionários de provérbios consultados como sendo, de fato, provérbios, pois, apesar de vários deles serem

³³ Maquiavel. *O Príncipe*. Apud RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal nova fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 s.v. **fim**.

³⁴ Papa Bonifácio VIII. *Decretais*. Apud RÓNAI, Paulo. *Dicionário de citações. Dicionário universal nova fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 s.v. **calar-se**.

³⁵ Alcuíno. *Capitular de advertência a Carlos Magno*. Apud RÓNAI, Paulo. *Dicionário de citações. Dicionário universal nova fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 s.v. **povo**.

máximas e/ou citações em sua origem, figuram e são socialmente considerados como provérbios.

A análise dos textos é qualitativa, com base em dois aspectos: o jornalístico e o argumentativo. Na abordagem jornalística identificamos as cartas do leitor segundo a classificação de Melo (1994) e Silveira (1979), sendo que nessa parte da análise todas as cartas do leitor são observadas em conjunto, uma vez que ela diz respeito basicamente à caracterização do gênero e às interfaces de angulação.

O aspecto argumentativo será tratado na sequência de forma individual, observando-se os recursos argumentativos descritos anteriormente sob a perspectiva de Ducrot (1987) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Tentaremos localizar as cartas dentro de seu contexto de produção, comentando resumidamente os assuntos abordados.

Como se observa, nossa pesquisa é de cunho bibliográfico, e a abordagem tem por base o método hipotético-dedutivo. As cartas do leitor serão analisadas no Capítulo 6, a partir do contrabalanço dos dados com as teorias propostas.

6. ANÁLISE DO CORPUS: QUEM PROCURA ACHA

Como podemos observar, diferentemente de algumas notícias e editoriais, todas as cartas do leitor selecionadas possuem indicação de autoria, o que confirma a necessidade de identificação por parte do autor. Para o veículo de comunicação o fato se torna benéfico na medida em que o isenta parcialmente do conteúdo veiculado. Parcialmente, uma vez que é o próprio periódico que seleciona os textos a serem publicados. Melo (1994) expõe que ultimamente as cartas do leitor se têm tornado estratégicas. O editor do periódico sutilmente põe “na boca do cidadão comum as críticas ou denúncias que por conveniência não estão nas páginas da reportagem” (MELO, 1994, p.183).

Sob a perspectiva redacional, percebe-se que os textos são essencialmente opinativos; relativamente curtos; estruturados classicamente em três divisões principais (apresentação, desenvolvimento e conclusão); e utilizam o padrão culto da língua.

Considerando a divisão proposta por Silveira (1979), todos os exemplos utilizados no corpus enquadram-se no grupo 3) *Lesados*, abordados no item 3.3 deste trabalho. Tal grupo é formado pelos leitores que se manifestam demonstrando seu descontentamento com o poder público (figurado nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário), com empresas, instituições etc. Em quatro das cinco cartas selecionadas para o *corpus*, nota-se que os leitores revelam sua insatisfação, por vezes com ares de indignação, acerca do cenário político brasileiro, e uma carta critica a forma como os desfiles carnavalescos cariocas estão ocorrendo. Em todas elas percebemos que estão em consonância com os assuntos em foco durante a época de publicação. Assim como o gênero textual *charge*, as cartas do leitor possuem uma sobrevida textual ligeiramente curta, uma vez que o entendimento e apreensão do público leitor dependem exclusivamente do conhecimento do cenário sócio-histórico em que foi produzida.

Do ponto de vista da angulação, nota-se que o gênero *carta do leitor* se distancia das características peculiares do jornalismo, exatamente por reproduzir o ângulo

observativo do leitor. É o espaço destinado a acolher as opiniões de quem recebe e processa o conteúdo veiculado pelo jornal.

A seguir focamos as análises nas cartas do leitor selecionadas, observando as características argumentativas contidas nos provérbios empregados, sobretudo no tocante à argumentação por autoridade.

CL1 – Texto:

- 1 *Há alguns meses, venho notando algo de estranho no ar. De maneira adrede, eu provoço assunto sobre as eleições presidenciais com pessoas conhecidas e desconhecidas, e... Incrível: todas se manifestam contra a candidata petista. Ora, como moro em saquarema e trabalho em Niterói, é estranho que eu não*
- 5 *encontre nenhum eleitor da candidata. O que me leva a estranhar a vantagem enorme da candidata nas pesquisas de intenção de votos em relação ao candidato tucano. Será que os institutos de pesquisas fazem abordagens nas portas de sindicatos e estatais? Enfim, acho que teremos uma grande surpresa quando da apuração das urnas... **Quem viver, verá.** (grifo nosso).*

A **CL1** foi publicada pelo jornal *O Globo* no dia 11 de setembro de 2010, período de campanhas eleitorais para eleger deputados, senadores e presidente da república. O autor da supracitada carta questiona as pesquisas de intenção de voto veiculadas constantemente na mídia impressa e televisiva, as quais apontavam a liderança da candidata Dilma Rousseff, representante do Partido dos Trabalhadores (PT).

Ironicamente, o autor sugere que as pesquisas estão sendo realizadas sem a devida lisura e imparcialidade, isto é, de certa forma beneficiando a candidata petista. Em seguida, demonstra esperança de que os resultados reais das apurações das urnas apontem para a vitória de outro candidato. Por fim, finaliza o texto com a asserção do provérbio “Quem viver, verá” (l. 9), forma derivada de “Quem viver verá as voltas que o mundo dá”.

A utilização do supramencionado provérbio encerra a ideia de que ao final das eleições, o resultado poderia ser diferente do que as pesquisas apontavam. No caso em tela, o provérbio possui um efeito conclusivo, resumindo o conteúdo do texto da carta do leitor em uma frase sintética e extremamente eficaz no tocante à argumentação, uma vez que é assentada sobre a natureza consensual e coletiva

dos provérbios. Ao enunciar o referido provérbio o produtor do texto busca reforço para sua argumentação na autoridade de um ausente, nesse caso, a autoridade proverbial, visto como irrefutável e reconhecido socialmente.

Lysardo-Dias (2001) compara a finalização de um relato com provérbios à “moral da história” das fábulas e postula que o caráter aquiescente do provérbio fortalece o seu potencial conclusivo, já que ao encerrar “um relato apresentando como síntese uma ideia comumente admitida e partilhada por um grupo social, ele valida esse relato, indicando sua pertinência dentro do universo de valores desse grupo” (LYSARDO-DIAS, 2001, p. 167).

Xatara (2008b) expõe a ideia de que, quando alguém cita um provérbio, se assume em uma condição de igualdade ou superioridade em relação ao seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal. Assim, segundo a autora, o provérbio funciona com uma citação, porque, se tomamos por empréstimo uma ideia estabelecida, esta dá respaldo àquilo que queremos argumentar. Mas, ao contrário “da citação, que é a ideia do outro, em que consta um autor, o autor do provérbio é toda uma coletividade; daí ser o provérbio uma UL [unidade lexical] polifônica” (XATARA, 2008b, p.20).

Essa ocorrência marca, assim como em muitas outras situações, a inserção do provérbio sem a presença de frases ou enunciados metalinguísticos (“como diz o provérbio...”, “já dizia o velho ditado...”, etc). A passagem do texto autoral produzido pela leitora para o discurso proverbial citado acontece sem transição, o que nos remete aos postulados de Authier-Revuz (2008) a respeito da heterogeneidade mostrada não-marcada, na qual o locutor se apropria do discurso do Outro e o incorpora em seu discurso sem marcas perceptíveis que denunciem esse processo.

CL2 – Texto:

- 1 *Marina demonstrou na entrevista que é hábil no falar e não se deixar manipular por outros. No entanto, para presidir o Brasil é preciso mais. Se os brasileiros almejam um Brasil próspero, justo e livre, precisamos colocar acima de tudo os princípios éticos básicos, pois ninguém está acima da lei, **os fins não***
- 5 ***justificam os meios;** e no episódio do mensalão do governo Lula, Marina se omitiu, e **quem cala, às vezes, demonstra consentir. Também há outro ditado que nos diz: "dize-me com quem andas, e te direis quem és."** Marina*

10 *sempre andou com o PT, alcançou respeito internacional com seu trabalho pelo meio ambiente através desse partido. Algo que não me convenceu foi a sua afirmação de que PSDB, DEM, PTB e PT são fisiologistas, ao mesmo tempo falando que com eles vai governar, sem ficar refém deles. Por acaso ela é a nova milagreira nacional? (Grifos nossos.)*

O texto acima foi publicado no dia 12 de agosto de 2010, período em que a disputa eleitoral pela presidência do Brasil estava começando a se tornar mais acirrada devido à proximidade do pleito, no caso, o mês de outubro do mesmo ano. Na carta enviada à redação do periódico notamos inicialmente que o leitor elogia a postura ideológica de um dos candidatos (Marina Silva) em entrevista concedida pouco tempo antes da publicação da carta.

Entretanto, nota-se que, a partir da linha 5, o leitor critica alguns posicionamentos da candidata em face de alguns escândalos envolvendo membros do partido do então governo Lula – Partido dos Trabalhadores (PT), quando não se manifesta contrariamente sobre os fatos ocorridos. Finalizando, o autor do texto utiliza o provérbio “Dize-me com quem andas, e te direis quem és” (ℓ.7) para embasar seu comentário final.

Temos no texto em tela a asserção de três provérbios identificáveis utilizados com função argumentativa (“Os fins justificam os meios” [ℓ. 4]; “Quem cala, consente” [ℓ. 6]; “Diz-me com quem andas e te direi quem és” [ℓ.7]), os quais apoiam as ideias defendidas pelo autor da carta do leitor. A seguir faremos uma abordagem individual para cada provérbio mencionado.

Primeiramente, o autor demonstra assentimento às opiniões emitidas pela candidata à presidência no tocante à primazia aos princípios éticos em detrimento de ações que ignoram convicções e preceitos valorativos reconhecidos socialmente. Finalizando esse pensamento, o autor discorda da verdade evocada pelo provérbio “Os fins justificam os meios”, empregando uma forma negativa (“Os fins não justificam os meios”) e essa ruptura do saber proverbial admitido como universal acaba por causar uma sensação de desconforto no sujeito-leitor.

Essa negação rompe com a representação já reconhecida de que “qualquer atitude pode ser justificada dependendo de seu objetivo” e é substituída pela noção de que “se o fim é bom, os meios para alcançá-lo também devem ser bons”. Nesse caso, o autor utiliza o provérbio para refutá-lo, isto é, o ponto de partida se constitui em uma representação consensual que em seguida será invalidada.

Lyzardo-Dias (2001, p.162) indica que do ponto de vista comunicacional tal contestação chama a atenção dos sujeitos-leitores e esse “estranhamento pode funcionar como elemento de interesse na medida em que ele levaria tais sujeitos a se deterem naquilo que se opõe à expectativa deles”. Já em termos de compreensão, a citada autora postula que é de competência do sujeito-leitor reformular a percepção do provérbio a que estava acostumado “de forma a articular a representação mental a ele [ao provérbio] associada à ‘nova’ representação proposta pelo provérbio na sua versão contestada” (LYZARDO-DIAS, 2001, p.162).

Na linha 6 observamos o uso do enunciado proverbial remetendo ao provérbio “Quem cala, consente”. Sobre a significação do referido enunciado, Souza (2001, p.268) explica que quem não protesta no momento oportuno dá o seu tácito consentimento. Sua utilização pelo autor da carta do leitor sugere que no episódio envolvendo escândalos financeiros no governo Lula, a candidata Marina, então Ministra do Meio Ambiente à época, não se pronunciou publicamente a respeito. Baseado no raciocínio proverbial, conclui-se daí que ela consentiu na corrupção ativa veiculada pela mídia.

E é justamente o resultado dessa inferência que é criticada pelo autor, isto é, se a sabedoria universal dos provérbios é tomada como indefectível pela maioria do público leitor, muito provavelmente a candidata concorda com os atos inescrupulosos praticados por membros do então governo. Nota-se, portanto, que a enunciação proverbial serviu de premissa básica para a evolução da argumentação. Mais uma vez, o autor do texto busca autoridade na sabedoria universal dos provérbios para sustentar seus argumentos.

Caso semelhante ocorre nas linhas 6-7 quando o autor da citada carta lança mão de mais um provérbio, completando três asserções de enunciados proverbiais. Souza

(2001, p.67) explica que o significado convencional do provérbio “Diz-me com quem andas e te direi quem és” é a descoberta do verdadeiro caráter das pessoas pela observação do tipo de companhia que costuma ter.

No caso em tela, o autor da carta evidencia por meio do provérbio a contradição na fala da candidata à presidência. Inicialmente, o autor expõe que Marina alcançou prestígio internacional ao integrar o corpo de ministros do governo petista. Porém, na sequência, o autor revela a afirmação da candidata de que os partidos oposicionistas (PSDB, DEM, PTB) e até mesmo o próprio PT, o qual tinha apoio de seu partido (Partido Verde – PV), são fisiologistas, isto é, governam à revelia do bem comum, buscando apenas vantagens pessoais ou partidárias.

Observamos que, na última enunciação proverbial, o autor do texto utiliza a expressão metalinguística “Também há outro ditado que nos diz:” (ℓ. 6-7) para inserir o provérbio no discurso. Rocha (1995) afirma que, em casos como esse, fica claro o objetivo de buscar apoio para a argumentação na autoridade de uma sabedoria que não é a do autor do texto em particular. Lyzardo-Dias (2001) nomeia as expressões que precedem os provérbios e sucedem a eles (como em **CL2** – “Também há outro ditado que nos diz:”; e em **CL4** – “diz o velho provérbio”) de expressões meta-enunciativas.

Para a citada autora, a utilização desse recurso funciona como índice formal que indica a relevância de uma leitura metafórica, isto é, o sujeito-enunciador estaria dando pistas do *status* proverbial do enunciado que utiliza. Assim, a expressão “Também há outro ditado que nos diz:” (ℓ. 6-7) orienta a leitura, indicando que a frase seguinte é “a denominação de um conceito geral a ser projetado naquela situação em particular” (LYZARDO-DIAS, 2001, p.184). Vale ressaltar que tais expressões acompanharam 29 (vinte e nove) provérbios nas cartas do leitor integrantes do *corpus* desta pesquisa, representando 35% do total.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) apontam que, quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis parecem suas palavras. Ao revelar o enunciado proverbial mediante expressões metalinguísticas, o autor embasa explicitamente sua

tese na autoridade admitida pela coletividade como incontestável. Uma vez gerada a ideia generalizada representada pelo provérbio, o autor da carta do leitor busca particularizá-la para uma situação específica que ele relata em seguida. Assim, a aplicação do provérbio a um fato específico demonstra a validade da verdade que o provérbio evoca. Inserido como uma premissa, ou seja, como asserção inicial, o provérbio implica a “projeção do conceito que genérica e universalmente ele denomina para uma situação específica” (LYSARDO-DIAS, 2001, p.156).

A asserção de "dize-me com quem andas, e te direis quem és." (l. 7) funciona como ponto de partida para a construção da argumentação. Sob a perspectiva ducrotiana acerca da autoridade polifônica (Item 2.2.2 deste trabalho) o citado provérbio representaria o enunciado P, isto é, uma voz que não necessariamente pertence ao autor da carta do leitor, mas à coletividade, à sabedoria universal. A partir daí, a argumentação segue apoiada em P, constituindo o que Ducrot (1987) chama de Q. No caso em foco, Q seria representado por

“Marina sempre andou com o PT, alcançou respeito internacional com seu trabalho pelo meio ambiente através desse partido. Algo que não me convenceu foi a sua afirmação de que PSDB, DEM, PTB e PT são fisiologistas, ao mesmo tempo falando que com eles vai governar, sem ficar refém deles” (linhas 7 a 11).

Evidentemente, o provérbio escolhido pelo autor do texto corroborará para a compreensão do que se quer dizer, comprovando o que Ducrot afirma sobre a necessidade de correlação entre as proposições P e Q. Desse modo, fica explícito que o primeiro enunciado (P) funciona como ponto de partida para o raciocínio e serve de base para justificar uma outra asserção (Q), assumida pelo locutor (L). Assim, o enunciador de P exerce o papel de uma autoridade no sentido de que “seu dizer é suficiente para justificar que L, por sua vez, se torna enunciador de Q, fundamentando-se no fato de que a verdade de P implica ou torna provável a de Q” (DUCROT, 1987, p.146).

CL3 – Texto:

- 1 *Embora tardiamente, como é de seu feitio, José Serra decidiu apegar-se ao legado deixado por Fernando Henrique na campanha do segundo turno. Serra errou ao demorar a lançar-se candidato pela oposição; errou ao demorar a escolher seu vice; errou ao escolher um vice jovem demais e praticamente*

- 5 *desconhecido pela maioria dos brasileiros. Esperemos que não se tenha demorado demasiadamente ao decidir, apenas nessa segunda etapa das eleições presidenciais, a tentar recuperar o espaço e o tempo perdidos, colocando em campanha os feitos conquistados por Fernando Henrique em seus oito anos de mandato. **Antes tarde do que nunca** (grifo nosso).*

CL4 – Texto:

- 1 *“Como todo o Brasil, fiquei sabendo que espionaram minha filha, uma mulher honrada que trabalha para sustentar os três filhos. Estou indignado”, declarou o candidato do PSDB. Esta é, exatamente, a situação de milhões de brasileiros: trabalhamos duro para sustentar nossas famílias e o poder público, mas, tenho*
- 5 *quase certeza que, se tentassem quebrar o sigilo fiscal da maioria destes contribuintes, comprovariam, apenas, que vivemos do resultado do próprio suor e creio, também, que reagiríamos sem indignação. **“Quem não deve não teme”, diz o velho provérbio** (grifo nosso).*

Em **CL3** e em **CL4** observamos o emprego dos provérbios no final do texto, funcionando como efeito conclusivo da argumentação. Entretanto, em **CL3** percebe-se que o provérbio é inserido sem marcas de identificação, isto é, ausência de expressões metalinguísticas e aspas. Por outro lado, em **CL4** além das aspas denotando que o discurso advém de outro discurso, portanto polifônico, o autor do texto completa sua exposição com a expressão metalinguística “*diz o velho provérbio*” (l. 8), ancorando nos casos a autoridade da argumentação na coletividade proverbial.

Em **CL3** a implicação de sentidos de “Antes tarde do que nunca” (l. 9) metaforiza o fato de que, segundo o autor da carta do leitor, durante o processo eleitoral o candidato José Serra tenha se equivocado nas estratégias traçadas para disputar o pleito. O autor da carta opina que o candidato errou ao demorar a se candidatar; a escolher seu vice, e, quando o fez, escolheu uma pessoa muito jovem e desconhecida; e, principalmente, demorou a apoiar-se no legado político deixado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, coligado ao mesmo partido.

Entretanto o autor do texto revela um ponto positivo em meio a todos esses fatores negativistas: mesmo tardiamente, José Serra considera os feitos do governo do citado ex-presidente, e neles se apoia para a campanha do segundo turno das eleições. O emprego do referido provérbio visa, portanto, a um efeito conclusivo,

uma vez que encaminha o que foi exposto para uma generalização referente ao que foi apresentado pelo texto.

De forma semelhante, em **CL4** o provérbio “Quem não deve não teme” (ℓ. 7-8) encerra o raciocínio desenvolvido pelo autor da carta do leitor. Trata-se do episódio ocorrido no ano de 2010, envolvendo a divulgação de dados financeiros da filha do então candidato à presidência da república, José Serra. À época, o citado candidato demonstrou na mídia em geral seu descontentamento em relação ao vazamento de tais informações. O autor de **CL4** inicia seu texto inserindo a fala de reprovação do candidato e em seguida tece seus comentários, esclarecendo que se sente também indignado em trabalhar, assim como “milhões de brasileiros” (ℓ. 3), para sustentar não só suas famílias, mas também o poder público.

Finalizando, coloca à prova a idoneidade e a honestidade da maioria dos contribuintes, caso precisassem passar pelo processo de quebra de sigilo bancário. Segundo ele, certamente tais pessoas seriam aprovadas no teste e reagiriam sem indignação, uma vez que quem age dentro da legalidade não precisa temer nenhum tipo de verificação. Com a utilização do supramencionado provérbio verifica-se a estratégia do autor em buscar respaldo na segurança de um enunciado já difundido e partilhado por uma coletividade.

A argumentação por autoridade utilizada em **CL3** e **CL4** remete ao que Ducrot (1987) denomina **raciocínio por autoridade** (Item 2.2.2 deste trabalho). Segundo o mencionado linguista, tal estratagem só se concretiza quando há a asserção de uma asserção, isto é, partimos do fato de que “X disse P” e, conferindo a X a responsabilidade de não estar enganado sobre o que disse, conclui-se que P é verdadeiro ou verossimilhante. Nesse caso, se X afirma que P, há uma implicação entre o primeiro enunciado e a própria proposição P.

Assim, em **CL1**, **CL3** e **CL4** os provérbios utilizados de forma conclusiva reforçam a verdade expressa por esses provérbios, assumindo o aspecto de regra absoluta. Tal aspecto colabora para que os leitores das cartas publicadas admitam o que os provérbios propõem, já que são vistos como um saber incontestável, inquestionável.

Dessa forma, considerando que esses provérbios afirmam “P” (o sentido da enunciação proverbial), e admitindo sua legitimidade de verdade imemorial, conclui-se que “P” é verdadeiro ou verossimilhante.

Partimos então para nosso último exemplo de ocorrência de provérbios funcionando como argumentação por autoridade em cartas do leitor.

CL5 – Texto:

- 1 *Seria arrogante discutir a aprovação de toda uma massa de público da Sapucaí ou de uma multidão de telespectadores. **Afinal, a voz do povo é a voz de Deus.** Mas qual seria a voz dos deuses do carnaval? Poderia ser interessante comparar a nova forma de desfile do carnavalesco Paulo Barros com outras*
 5 *guinadas históricas das escolas de samba, como o uso dos carros alegóricos das grandes sociedades, a maior velocidade no ritmo dos sambas-enredos, o luxo de Joãozinho Trinta e a construção do sambódromo definitivo. Desta vez, ver espetáculos de ilusionismo, trocas frenéticas de roupa, homens-aranha pode levar a uma extrapolação para os próximos anos. Teremos explosões*
 10 *gigantescas na Sapucaí, pessoas sendo tragadas das arquibancadas, abduzidas pelos carros das escolas e devolvidas na apoteose? Uma das escolas desaparecerá subitamente, no meio do desfile? Não será melhor ir ao cinema e ver o velho Spielberg? (grifo nosso).*

O texto acima é essencialmente opinativo, característica marcante do gênero textual *carta do leitor*. O autor critica o excesso de recursos adotados pelas escolas de samba cariocas nos desfiles do ano de 2010, demonstrando receio em relação às inovações que poderão surgir nos próximos anos a fim de impressionar a comissão julgadora dos desfiles. Assim, sua fala vai de encontro às impressões positivas dos presentes, bem como dos telespectadores que acompanharam o evento em todo o país.

Fato interessante é a admissão do autor do texto na abertura de sua fala sobre a impossibilidade de questionar o sem-número de pessoas que aprovaram as inovações desfiladas no carnaval. Na sequência, para corroborar essa afirmação, emprega o provérbio “A voz do povo é a voz de Deus” (l. 2-3). Acerca do citado provérbio, Souza (2001, p.210) explica que uma notícia veiculada por todos assume ares de verdade.

Entende-se, portanto, que o autor utiliza o provérbio como argumentação por autoridade na medida em que lança mão do enunciado proverbial para embasar a tese referente à impossibilidade de contestar a opinião comum, a voz do povo. O conectivo “*afinal*” (l. 2), empregado antes do provérbio, reforça o efeito conclusivo da proposição.

A autoridade proverbial vincula-se com o passado histórico de um grupo social. Para Lysardo-Dias (2001, p.232) a autoridade do provérbio vai além “daquilo que ele expressa ou da forma como ele expressa: ela tem a ver com quem se expressa através do provérbio, ou seja, a voz coletiva que nele se manifesta”.

Novamente, sob a perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) sobre a argumentação por autoridade, quanto mais importante é a autoridade evocada, mais indiscutíveis parecem suas palavras. Quando o autor da carta do leitor reconhece o valor incontestado do provérbio “A voz do povo é a voz de Deus”, ele embasa explicitamente sua tese na autoridade proverbial admitida pela coletividade como incontestável.

Finalizando essa etapa de análise, vale expor, conforme Lysardo-Dias (2001), que os provérbios utilizados como argumentação por autoridade se caracterizam pela flexibilidade em termos de funcionalidade argumentativa. Isso significa que, conforme a relação que o provérbio “estabelece com outros enunciados e com os elementos contextuais, ele pode adquirir efeitos argumentativos” (LYSARDO-DIAS, 2001, p.231).

Dessa forma os provérbios podem figurar de três formas. Primeiramente, como (I) premissa, isto é, ponto de partida para o raciocínio argumentativo. No corpus selecionado, esse tipo de ocorrência apareceu em 19 (dezenove) cartas, representando 22,8% do total. Posteriormente, o provérbio pode figurar como (II) argumento ou prova utilizados no desenvolvimento de uma exposição. No corpus analisado, essa ocorrência também correspondeu a 19 (dezenove), ou seja, em 22,8% cartas do leitor. Finalmente, a maior recorrência foi observada quando o provérbio assume a caracterização de conclusão, finalizando o texto. Foram 45

(quarenta e cinco) ocorrências, representando 54,2% das cartas do leitor integrantes do *corpus*.

Lysardo-Dias (2001, p. 231) expõe que a flexibilidade é resultado da impessoalidade e atemporalidade características dos provérbios, além de seu caráter genérico. Tais fatores conferem ao provérbio “uma maleabilidade discursiva, responsável pela sua operacionalidade argumentativa”.

Acreditamos que a maior parte das ocorrências de provérbios no final dos textos se deve ao seu potencial argumentativo que se baseia em uma verdade irrefutável. Assim, ao empregá-los nessa posição, o sujeito-enunciador busca a adesão do leitor de uma forma mais consistente, uma vez que a aceitabilidade dos provérbios está relacionada à dimensão consensual, o que leva o leitor a admitir o que ele propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho verificamos que os provérbios, enquanto manifestações linguísticas populares, constituem um primoroso recurso argumentativo, sobretudo concernente à argumentação por autoridade em cartas do leitor. Por meio das análises empreendidas foi possível comprovar, sob a perspectiva de Ducrot (1987) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que essas expressões ancoradas na tradição popular são utilizadas nas cartas produzidas por leitores do Jornal *O Globo*, servindo como argumento de autoridade, objetivando convencer os leitores das citadas cartas acerca dos assuntos abordados.

Também foi possível observar o caráter polifônico na autoridade proverbial. Geralmente, ao utilizarmos um argumento de autoridade, citamos personalidades que são referências em suas respectivas áreas de conhecimento. A argumentação por autoridade, portanto, se baseia em determinada pessoa ou grupo de pessoas localizadas fisicamente em um contexto sócio-histórico. Ao empregarmos um provérbio para efeito de argumentação por autoridade não fazemos referências a uma pessoa ou a um grupo especial, apoiamos nossa argumentação em todas as pessoas que já proferiram tal provérbio, sendo na maioria dos casos impossível determinar o seu primeiro locutor.

Essa indefinição referencial é também positiva porque ela mesma sustenta o caráter de verdade universal do provérbio pelo fator quantidade. Se um número indeterminado (milhares? milhões? bilhões?) de indivíduos o proferiram ao longo da história e continuarão proferindo, deve ser porque realmente há algo verdadeiro ou que faça um mínimo de sentido. Esse raciocínio é justamente amparado pelo provérbio “A voz do povo é a voz de Deus”.

Além desse fator preponderante, o emprego de provérbios no discurso, como vimos no decorrer desta pesquisa, é uma arma muito apreciada na argumentação por aliar o aspecto do “dizer sem dizer” (dubiedade referencial), “à sedução propiciada por seus elementos prosódicos e mnemônicos, assim como sua essência de verdade geral incontestável, advinda de uma fonte de sabedoria admitida como infalível” (ROCHA, 1995, p.151).

No primeiro capítulo apresentamos um panorama das pesquisas relacionadas aos enunciados proverbiais. Ainda nesse capítulo, apresentamos diversas conceituações acerca dos provérbios, delineamos um breve histórico, relacionamos as principais características referentes à forma, sentido, sintaxe, semântica e pragmática. Finalizamos relacionando os provérbios à argumentação.

No segundo capítulo, inicialmente traçamos um panorama dos estudos linguísticos sob uma perspectiva discursivo-enunciativa. Na sequência, perpassamos os caminhos trilhados pela Análise do Discurso, passando pelo dialogismo bakhtiniano até chegarmos às noções de polifonia e heterogeneidade enunciativa. Concluimos que os provérbios são essencialmente polifônicos na medida em que, ao enunciar um provérbio, não retomamos os propósitos de um indivíduo em especial, mas sim de todos os indivíduos, fundidos nesse “enunciador” característico da forma proverbial. Desse modo, a responsabilidade de proposição de um provérbio se mistura a todas as outras vozes que o proferiram antes.

No terceiro capítulo verificamos a trajetória dos estudos sobre a argumentação. Iniciamos com um levantamento de dados sobre a retórica no mundo antigo e nos detivemos nos estudos relativos à argumentação por autoridade, sob a perspectiva de Ducrot (1987) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

No quarto capítulo abordamos mais detidamente a discussão acerca dos gêneros textuais, tendo como aporte teórico os estudos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2008), Bazerman (2005), entre outros. Discursamos acerca dos suportes e demais gêneros jornalísticos, sob a ótica de Melo (1994), abordando mais especificamente o gênero textual em foco, a saber a carta do leitor. Por fim, caracterizamos a seção “Dos Leitores” do periódico carioca O Globo, da qual retiramos o material analisado nesta pesquisa.

No quinto capítulo evidenciamos a metodologia empregada nas análises, identificando as cinco cartas de leitores selecionadas para prosseguimento do trabalho.

No sexto capítulo apuramos as cartas do leitor selecionadas, sendo que o trabalho final recaiu sobre 05 (cinco) cartas que faziam parte dos provérbios que mais se repetiam. Estudamos os provérbios, os contextos de aplicação, seu emprego como argumento de autoridade nas cartas que continham os seguintes enunciados proverbiais:

- *“Quem viver verá (Quem viver verá as voltas que o mundo dá)”*;
- *“Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és”*;
- *“Antes tarde do que nunca”*;
- *“Quem não deve não teme”*;
- *“A voz do povo é a voz de Deus”*.

Finalmente, é oportuno dizer que o material com o qual trabalhamos é muito rico, possui várias facetas e carece de projetos que continuem desvendando suas especificidades. Esperamos que a nossa pesquisa sobre ENUNCIÇÃO PROVERBIAL E ARGUMENTAÇÃO POR AUTORIDADE EM CARTAS DO LEITOR venha a se transformar numa contribuição para aqueles que desejarem ampliar o estudo da temática abordada.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 7. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

AGUIAR, A. E. **O discurso de auto-ajuda em revistas femininas: aspectos retóricos e discursivos**. 2009, 206f., Tese (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

ANDRADE, R. H. R. **Verdade e retórica em Chaïm Perelman**. 2009, 98f., Tese (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Calidoscópico**, nº 2, Vol. 6, p. 107-119, 2008. Tradução: Daniel Costa da Silva.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.11-80.

_____. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. São Paulo, UNICAMP, nº 19, p. 25-42, mai./jun. 1990.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBI, S. H. A teoria polifônica de Ducrot e a análise do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**. [S.l.], UFMG, nº 1, V. 8, jan./jun.1999. p. 183-209.

BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Revista Letras**, Porto Alegre, PPGL/UFSM, nº 33, Jul./Dez. 2006, p. 23-35.

BARROS, D. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In BARROS, D. P.; FIORIN, J. L.. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: USP, 1999. p. 01-09.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula?. In DIONÍSIO, Q. P.; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 208-216.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ed. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

_____. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, H. C; ATIK, M.L.. (Orgs.). **Língua, literatura e cultura em diálogo**. São Paulo: Mackenzie, 2003. p. 15-30.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discurso**. São Paulo: EDUC, 1999.

CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CERQUIGLINI, J. et B. L'écriture proverbiale. **Revue des sciences humaines**, [S.l.], Tome XLI, nº 163, p. 359-375, 1976.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1991.

COHEN, C. **Provérbios e o inconsciente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

DUCROT, O. La polifonia en lingüística. In **Polifonia y argumentacion**. Cali: Universidad del Valle, 1988. p. 15-29.

DUCROT, O. A argumentação por autoridade. In: _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. Cap. VII, p. 139-160.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. Cap. VIII, p. 161-217.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba, Criar Edições, 2. ed. 2006.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: **Bakhtin: outros conceitos-chave**. Beth Brait(org.). São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Polifonia textual e discursiva. In BARROS, D. P.; FIORIN, J. L.. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: USP, 1999. p. 29-36.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo, Contexto, 2005.

FONTANINI, I. Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica. In: MEURER, J. L.; MOTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GATTI, M. A. **Humor em provérbios alterados**. 2007, 157f. Tese (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GREIMAS, A. J. Os provérbios e os ditados. *In: Sobre o sentido. Ensaio semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 288-295.

GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement. *Langages*, Paris, nº 73, Larousse, p. 112-125, 1984.

GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação – um estudo de conjunções do português**. Campinas: Pontes, 1981.

HARTMANN, E. O. Chaïm Perelman: uma introdução à Teoria da Argumentação – a Nova Retórica. *Rev. Raízes Jurídicas*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 185-222, jan./jun. 2007. Disponível em <http://raizesjuridicas.up.edu.br/index.asp?secao_tipo=4&id_menu=2115> Acesso em 15/06/2011.

INDURSKY, F. Os estudos da linguagem e suas diferentes concepções de língua. In HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (Orgs.). **Língua portuguesa: reflexões sobre a descrição, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: Europa, 2005.

_____. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à análise do discurso. **Línguas e instrumentos linguísticos**, São Paulo, Pontes Editores, nº 4/5, dez./jun. 2000, p. 69-87.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53-60.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.145-168.

KOCH, I. G. V. Argumentação e autoridade polifônica. In: _____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 8. ed., 2002. p. 140-157.

KOCH, I.G.V. & ELIAS, V.M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 101-122.

LACERDA, R. C.; LACERDA, H. R. C.; ABREU, E. S. **Dicionário de provérbios – francês, português, inglês**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

LOPES, F. P. **A enunciação dos provérbios como estratégia de persuasão e seus efeitos de sentido na atividade argumentativa**. 2006, 205f., Tese (Mestrado em Língua Portuguesa), Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LYSARDO-DIAS, D. **Provérbios que são notícia: uma análise discursiva**. 2001, 276f., Tese (Doutorado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.146-221.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*. DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36

MARTINS, M. F. **Divulgação Científica e a Heterogeneidade Discursiva: Análise de “Uma Breve História do Tempo” de Stephen Hawking**. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0602/04.htm>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2006.

MASSONI, Maria I. O. **A forma da persuasão**. 2002, 147f., Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MASUCCI, F. **Dicionário de pensamentos – máximas, aforismos, paradoxos, provérbios, etc**. São Paulo: Leia: 1954.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENDES, L. M. R. **Um pouco da história do relacionamento do Globo com seus leitores**. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Um%20pouco%20da%20historia%20do%20relacionamento%20do%20Globo%20com%20seus%20leitores.pdf/view>>. Acesso em 15 de julho de 2011.

MURCHO, D. Argumento de autoridade. *In*. BRANQUINHO, J; MURCHO, D.; GOMES, N. G. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. s.v argumento de autoridade.

NASCIMENTO, S. S. **A argumentação proverbial no discurso publicitário**. 2002, 173f., Tese (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

OBELKEVICH, J. Provérbios e História Social. *In* BURKE, P.; PORTER, R (Orgs.). **História social da linguagem**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 43-81.

OLÍMPIO, H. O. **O percurso teórico de Oswald Ducrot na defesa de uma argumentação linguística**. Revista (Com)Textos Linguísticos. UFES. No prelo.

OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

PACHECO, G. Retórica e Nova Retórica: a tradição grega e a Teoria da Argumentação de Chaïm Perelman. **Cadernos PET-JUR/PUC-RIO**, Rio de Janeiro, p. 27-47, 1997.

PAVEAU, M. A. & SARFATI, G. E. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática** (Trad. Rosário Gregolin et al). São Carlos: Claraluz, 2006. p. 173-246.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, S. Sobre provérbios e análise do discurso. In: **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 149-155.

RECHDAN, M. L. A. **Dialogismo ou polifonia?** Disponível em <<http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>> Acesso em 22/10/2010.

ROCHA, R. **A enunciação de provérbios: descrições em francês e português.** São Paulo: Annablume, 1995.

SANTOS, M. O. **Um comprimido que anda de boca em boca: os sujeitos e os sentidos no espaço da enunciação proverbial.** Campinas: Pontes, 2007.

SOUZA, J. R. **Provérbios & máximas em 7 idiomas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

STEINBERG, M. **1001 provérbios em contraste.** São Paulo: Ática, 1985.

VALLE, A. **À noite todos os gatos são pardos (antologia de provérbios).** Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

XATARA, C.; OLIVEIRA, W. L. **Novo PIP: dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso.** São Paulo: Editora da Cultura, 2008a.

XATARA, C.; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. **Veredas on line**, Juiz de Fora, PPG Linguística/UFJF, 1/2008, p.33-48, 2008b. Disponível em <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf> Acesso em 20/03/2010.

ANEXO 1 – CARTAS DO LEITOR SELECIONADAS

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGUÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|---|------------|-------------------------------|---|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 1 | 04/01/2010 | JAIR GOMES COELHO | TUDO DANTES COMO NO QUARTEL DE ABRANTES | NÃO | PARECE QUE AS FESTIVIDADES DE FIM DE ANO NOS GUARDAM SEMPRE ALGUM ACONTECIMENTO FUNESTO, EM QUE DEZENAS DE VÍTIMAS SÃO SACRIFICADAS EM NOME DO DESCASO DAS AUTORIDADES RESPONSÁVEIS PELA SEGURANÇA DOS PAGADORES DE IMPOSTOS. O QUE SE ESTÁ VENDENDO EM ANGRA DOS REIS PODE SER CONSIDERADO UM ALERTA PARA UMA CATÁSTROFE QUE SE AVIZINHA E QUE, PARECE, NÃO ESTÁ SENDO AVALIADA NA SUA REALIDADE. NÃO HÁ AVALANCHE QUE SE COMPARE A UM ACIDENTE QUE POSSA VIR A OCORRER NAS USINAS NUCLEARES DE ANGRA DIANTE DA DEFICIÊNCIA DA PRINCIPAL VIA DE EVACUAÇÃO HUMANA. O CARNAVAL ESTÁ PRÓXIMO, DEPOIS VEM A COPA DO MUNDO E, PARA FECHAR O CICLO DE EVENTOS, AS ELEIÇÕES GERAIS. E MAIS UM ANO SE VAI E TUDO VAI FICANDO COMO NO QUARTEL DE ABRANTES. | | | X |
| 2 | 08/01/2010 | FÁBIO DE CASTRO RIBEIRO | O BARATO SAI CARO | NÃO | O MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, CELSO AMORIM, DISSE, SOBRE A POLÊMICA COMPRA DOS CAÇAS, QUE O BARATO SAI CARO, CHAMANDO ENVIESADAMENTE O PRODUTO SUECO DE PORCARIA. NÃO, SR. MINISTRO, O CARO SAI CARO. NO BRASIL, GRAÇAS À PRÁTICA VERGONHOSA DE SE SUPERFATURAR TUDO QUE O ESTADO COMPRA, O BARATO SAI CARO E O CARO SAI MAIS CARO AINDA. SEMPRE FOI ASSIM, CONTINUA SENDO ASSIM E ASSIM SEMPRE SERÁ. E SEMPRE COM O DINHEIRO DO POVO. VIDE O AEROLULA. TÍNHAMOS O AVIÃO DA EMBRAER, MAS PREFERIU-SE UM AVIÃO MUITO MAIS CARO, ESTRANGEIRO. PARA QUEM VIVE DEFENDENDO A INDÚSTRIA NACIONAL... MAS DEVO ESTAR FALANDO BOBAGENS. AFINAL, TANTO O SR. MINISTRO QUANTO O SR. PRESIDENTE SÃO EXPERTS EM AVIÕES, NÃO É MESMO? | X | | |
| 3 | 08/01/2010 | JOSÉ APARECIDO RIBEIRO | MATAR DOIS COELHOS COM UMA CAJADADA SÓ. | NÃO | DIZEM QUE DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS. AS ENCHENTES E OS DESABAMENTOS TÊM OFERECIDO AOS GOVERNOS ESTADUAIS E FEDERAL A OPORTUNIDADE DE TRATAR O ASSUNTO HABITACIONAL COMO ELE PRECISA E COM A URGÊNCIA QUE SUGERE. A FALTA DE MORADIA É, DE LONGA DATA, UM PROBLEMA CRÔNICO E AS CONSEQUÊNCIAS DIRETAS AFETAM PELO MENOS 30 MILHÕES DE PESSOAS QUE VIVEM EM FAVELAS E ÁREAS DE RISCO. NINGUÉM MORA EM LOCAIS DE RISCOS OU FAVELAS PORQUE QUER, MAS POR NÃO TER OUTRAS ALTERNATIVAS. E, POR FALAR EM FAVELAS, SÃO ELAS TAMBÉM, IRONICAMENTE, O PALCO DO CRIME ORGANIZADO E DA ESCOLA DA BANDIDAGEM. QUANDO OS GOVERNOS ENCARAREM O ASSUNTO, CONSTRUINDO HABITAÇÃO PARA ESTE CONTINGENTE GIGANTESCO DE PESSOAS, ELAS ESTARÃO MATANDO DOIS COELHOS COM UMA CAJADADA SÓ. | | | X |
| 4 | 13/01/2010 | HUMBERTO DE LUNA FREIRE FILHO | ANTES TARDE DO QUE NUNCA | NÃO | ANTES TARDE DO QUE NUNCA: SOU MÉDICO E ESTIVE ATAREFADO NOS ÚLTIMOS DIAS, POIS TRABALHO EM QUATRO LUGARES PARA COBRIR MINHAS CONTAS. SOUBE QUE JOSÉ ROBERTO ARRUDA, DIGNÍSSIMO GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, PERDOOU TODOS OS QUE O CRITICARAM POR OCASIÃO DOS TRISTES E INJUSTOS EPISÓDIOS QUE ENVOLVERAM SEU NOME. TENDO SIDO UM DE SEUS CRÍTICOS, QUERO PEDIR-LHE PERDÃO E RECONHECER MEU ERRO, POR FAZER MAU JUÍZO DE UM CIDADÃO HONESTO E DE CARÁTER INQUESTIONÁVEL, FLAGRADO MALDOSAMENTE POR OPOSITORES QUANDO SÓ ESTAVA RECOLHENDO FUNDOS PARA PROMOVER UM NATAL DIGNO PARA OS POBRES, COM MUITO PANETONE! GOVERNADOR, O SENHOR É EXEMPLO DE CIDADÃO NESTA REPÚBLICA DE MACUNAÍMA. EU SOU UM ESTÚPIDO: NÃO RECEBO PROPINA; NÃO SOU CHEFE DE QUADRILHA; NÃO SOU CARA DE PAU. | X | | |
| 5 | 23/01/2010 | EVANDRO B. COELHO | O APRESSADO COME CRU | NÃO | TEIMAM OS ÁULICOS SIMPATIZANTES DO PSDB EM PATRULHAR O GOVERNO LULA DIARIAMENTE. MAS, COMO QUEM TEM PRESSA COME CRU, SÃO FREQUENTEMENTE DESMENTIDOS E ATROPELADOS COM O DESENROLAR DOS FATOS. O ARTIGO DE MERVAL PEREIRA EM 21/1, SOBRE A COMPRA FUTURA DE CAÇAS PARA A FORÇA AÉREA BRASILEIRA, EM CASO DE A ESCOLHIDA SER A FRANCESA DASSAULT, LEVOU DIVERSOS LEITORES A ESCREVER PARA ESTA COLUNA, DIZENDO HORRORES DO NEGÓCIO. O QUE ESTARIA POR TRÁS DA DIFERENÇA ENTRE 36 POSSÍVEIS CAÇAS COMPRADOS PELO BRASIL E 126 PELO GOVERNO DA ÍNDIA POR VALORES IGUAIS? O JORNALISTA, PROFISSIONALMENTE, PUBLICA HOJE A EXPLICAÇÃO TÉCNICA E A JUSTIFICATIVA PARA O FATO. | | X | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|----------------------|--|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 6 | 26/01/2010 | DJALMA ABDALLA | QUEM FALA O QUE QUER OUVE O QUE NÃO QUER | NÃO | QUEM FALA O QUE QUER OUVE O QUE NÃO QUER. O SENADOR SÉRGIO GUERRA, PRESIDENTE DO PSDB, DECLAROU QUE SEU CANDIDATO À PRESIDÊNCIA IRÁ, SE ELEITO, ACABAR COM O PAC, O BOLSA FAMÍLIA ETC. DEPOIS, BAIXANDO O NÍVEL E COM VISÍVEL FALTA DE RESPEITO, OFENDEU A MINISTRA DILMA ROUSSEFF, CHAMANDO-A DE MENTIROSA, DISSIMULADA. RECEBEU O TROCO NA HORA. SERÁ QUE ESSA TURMA DA OPOSIÇÃO AINDA NÃO PERCEBEU QUE, ALÉM DE NÃO TER PROGRAMA DE GOVERNO, FICA MUNICIANDO SEUS ADVERSÁRIOS COM UM MONTE DE BOBAGENS INADEQUADAS? DEPOIS, ARREPENDIDA, FICA DESTILANDO IMPROPÉRIOS CONTRA TUDO E CONTRA TODOS. NÃO ADIANTA, O ESTRAGO JÁ FOI FEITO. GUERRA DEVERIA SEGUIR O EXEMPLO DO LÍDER DO PSDB, ARTHUR VIRGÍLIO, QUE, DEPOIS DE DENUNCIADO POR TER ALUGADO, VÁRIAS VEZES, JATINHOS PAGOS PELO SENADO PARA USO PARTICULAR, SUMIU DA MÍDIA PARA QUE A BANDALHEIRA CAIA NO ESQUECIMENTO. | X | | |
| 7 | 06/02/2010 | JAIR GOMES COELHO | OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS | NÃO | UMA NOVA FORMA DE TERRORISMO É COLOCADA EM PRÁTICA PELA TURMA DA MILITÂNCIA DOS ANOS 60/70. O GOVERNO FEDERAL ANUNCIA AOS DETENTORES DO BOLSA FAMÍLIA QUE UMA POSSÍVEL MUDANÇA NA POLÍTICA BRASILEIRA — LEIA-SE, VITÓRIA DE JOSÉ SERRA — COLOCARIA EM RISCO A MANUTENÇÃO DESSE CURRAL ELEITORAL. ESSA POLÍTICA DO TERROR É UMA PRÁTICA QUE LEMBRA AQUELA TRISTE FRASE "OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS". | | | X |
| 8 | 06/02/2010 | ROSIMAR DE MELLO | QUEM DESDENHA QUER COMPRAR | NÃO | QUANDO LI E VI NA TV AS DECLARAÇÕES DO GENERAL RAYMUNDO NONATO DE CERQUEIRA FILHO, ACHEI TÃO ABSURDAS QUE CHEGUEI A PENSAR QUE FOSSE ALGUMA PEÇA DO IONESCO. VEIO-ME UMA ASSOCIAÇÃO QUE SEMPRE OUVI DESDE CRIANÇA: QUEM DESDENHA QUER COMPRAR. QUER DIZER QUE ELE QUER QUE AS PESSOAS SEJAM ENRUSTIDAS E NÃO REVELEM SUAS VERDADES? OS TEMPOS MUDARAM. E AINDA QUEREM LEVAR ESSAS IDEIAS AO SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR. ACORDEM, SENHORES POLÍTICOS. A FORÇA NÃO ESTÁ SÓ NOS MÚSCULOS. SUGIRO QUE VÁ VER O FILME SOBRE O MANDELA E CONFIRA A HABILIDADE DE UM HOMEM SÁBIO A DIRIGIR UM PAÍS COM SERÍSSIMOS PROBLEMAS. NÃO SOU HOMOSSEXUAL, APENAS RESPEITO OS DIREITOS DAS PESSOAS. | | X | |
| 9 | 11/02/2010 | DJALMA ABDALLA | QUEM VIVER VERÁ | NÃO | O CANDIDATO JOSÉ SERRA DEVE ESTAR ARRANCANDO OS ÚLTIMOS FIOS DE CABELO COM AS CRÍTICAS VEEMENTES DO EX-PRESIDENTE FHC CONTRA A CANDIDATA DO GOVERNO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. É FÁCIL DE ENTENDER: TODOS SABEM, CONFORME AVALIAÇÃO DA ÚLTIMA PESQUISA, QUE, DENTRE OS EX-PRESIDENTES, O FHC FOI O QUE TEVE A MAIOR REJEIÇÃO. ENTÃO, NA MEDIDA EM QUE ELE DESTILA TODA SUA RAIVA E INVEJA DO PRESIDENTE LULA, QUE TEM UMA POPULARIDADE DE MAIS DE 80%, OS INDECISOS VOTARÃO NA CANDIDATA DO GOVERNO E O RESULTADO DESTA INTERVENÇÃO INCONVENIENTE TERÁ REFLEXOS NAS PRÓXIMAS PESQUISAS E, COM CERTEZA, A CANDIDATA DILMA SE APROXIMARÁ DO GOVERNADOR SERRA E/OU VAI ULTRAPASSÁ-LO NA PREFERÊNCIA DO ELEITORADO. QUEM VIVER VERÁ. | | | X |
| 10 | 11/02/2010 | MIRIAM LEMLE | ANTES TARDE DO QUE NUNCA/OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS | NÃO | A CRÔNICA DO ZUENIR VENTURA MERECE A ATENÇÃO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA. MINHA FILHA, HOJE JORNALISTA, ME LIGOU DE MANHÃ CEDO, REVANCHISTA: "VIU, MÃE, VIU?" É QUE OS MEUS DOIS EX-ADOLESCENTES CUSTARAM A PEDIR LIVROS DE PRESENTE DE ANIVERSÁRIO, DEIXANDO PREOCUPADA ESTA EX-FANÁTICA LEITORA DE MONTEIRO LOBATO DESDE OS 7 ANOS. FINALMENTE, ALGUMA PROFESSORA ILUMINADA COBROU NA TURMA DELE UM AGATHA CHRISTIE, E NA DELA, UM TAL DE "A INSPETORA". O DESLANCHE MILAGROSO ACONTECEU, UM POUCO TARDIO. ROMANCES POLICIAIS, TRADUZIDOS. ANTES TARDE DO QUE NUNCA. OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS. RECOMENDO AO AMIGO DO ZUENIR INSPIRADOR DA CRÔNICA DE HOJE QUE ENVIE UMA XEROX DESTA CRÔNICA À DIRETORIA DA ESCOLA DO ENTEDIADO MENINO. | | X | |
| 11 | 12/02/2010 | HOCHE LUIZ PULCHERIO | O BOM CABRITO NÃO BERRA / UM DIA É DA CAÇA | NÃO | PARABÉNS AO GENERAL SANTA ROSA. FOI A DESTITUIÇÃO MAIS HONROSA DE QUE EU JÁ OUVI FALAR. PODE TER CERTEZA DE QUE A TROPA O SEGUIRIA ENTUSIASMADA EM QUALQUER APERTO. INFELIZMENTE, NO PAÍS DA INVERSÃO, SÓ OS TERRORISTAS PODEM OFENDER E CALUNIAR À VONTADE (DEMOCRATICAMENTE, É CLARO). NÃO PODEM RECEBER MERECEDA RESPOSTA DE UM CHEFE MILITAR. MAS O BOM CABRITO NÃO BERRA. SABE BEM QUE UM DIA É DA CAÇA... | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|------------------------------------|---|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 12 | 13/02/2010 | TEREZINHA INHAN | A JUSTIÇA TARDA MAS NÃO FALHA | NÃO | ATÉ QUE ENFIM! A NOSSA JUSTIÇA TARDA MAS NÃO FALHA, APESAR DE A PRISÃO DESTE INDIVÍDUO ESTAR ATRASADA NOVE ANOS, POIS ALGUÉM QUE PENSA E PARTICIPA DE UMA VIOLAÇÃO EM UM PAINEL DE VOTAÇÃO NO MAIS SUPERIOR DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS E AINDA É AGRACIADO COM O CARGO DE AUTORIDADE DO DISTRITO FEDERAL SÓ PODERIA DAR NISSO: CORRUPÇÃO, E CADEIA. | X | | |
| 13 | 17/02/2010 | JOSÉ MAGALHÃES SERRADO | OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS | NÃO | O QUE VEMOS NO CARNAVAL DE RUA HOJE EM DIA NO RIO É UMA FESTA DA "AZARAÇÃO" (NADA CONTRA, PELO CONTRÁRIO), DE BEBUNS E MIJÕES, DE FLANELINHAS PARA BANHEIROS, DE COMÉRCIO ILEGAL, ESTACIONAMENTO EM QUALQUER LUGAR, ASSALTOS A TURISTAS, SUJEIRAS NAS RUAS, VENDA DE PROPAGANDA DE BEBIDAS, A VERDADEIRA DESORDEM URBANA. É DURO TER QUE DIZER ISSO, MAS PERCEBI A CHEGADA DO CARNAVAL QUANDO, SEMANA PASSADA PELA MANHÃ, AO SAIR PARA CAMINHAR, SENTI O CHEIRO DE URINA NO AR E A SUJEIRA NAS RUAS, ALÉM DO AUMENTO E DA PRESENÇA DE MORADORES DE RUA. O CARNAVAL DO RIO É UMA FESTA DA SAUDADE DO QUE UM DIA JÁ FOI. O RESTO É PAPO DE BÊBADO EM FIM DE FESTA PARA JUSTIFICAR A ALEGRIA DO COMÉRCIO DA FOLIA, REPRESENTANDO COM MAESTRIA O VERDADEIRO "SAMBA DO CRIOULO DOIDO" NACIONAL EM QUE VIVEMOS, ONDE EM NOME DE UM FALSO BEM COMUM OS FINS ACABAM JUSTIFICANDO OS MEIOS, MESMO SENDO ILEGAL OU IMORAL. | | | X |
| 14 | 18/02/2010 | LUIS WAGNER MAZZARO ALMEIDA SANTOS | A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS | NÃO | SERIA ARROGANTE DISCUTIR A APROVAÇÃO DE TODA UMA MASSA DE PÚBLICO DA SAPUCAÍ OU DE UMA MULTIDÃO DE TELESPECTADORES. AFINAL, A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS. MAS QUAL SERIA A VOZ DOS DEUSES DO CARNAVAL? PODERIA SER INTERESSANTE COMPARAR A NOVA FORMA DE DESFILE DO CARNAVALESCO PAULO BARROS COM OUTRAS GUINADAS HISTÓRICAS DAS ESCOLAS DE SAMBA, COMO O USO DOS CARROS ALEGÓRICOS DAS GRANDES SOCIEDADES, A MAIOR VELOCIDADE NO RITMO DOS SAMBAS-ENREDOS, O LUXO DE JOÃOZINHO TRINTA E A CONSTRUÇÃO DO SAMBÓDROMO DEFINITIVO. DESTA VEZ, VER ESPETÁCULOS DE ILUSIONISMO, TROCAS FRENÉTICAS DE ROUPA, HOMENS-ARANHA PODE LEVAR A UMA EXTRAPOLAÇÃO PARA OS PRÓXIMOS ANOS. TEREMOS EXPLOSÕES GIGANTESCAS NA SAPUCAÍ, PESSOAS SENDO TRAGADAS DAS ARQUIBANCADAS, ABDUZIDAS PELOS CARROS DAS ESCOLAS E DEVOLVIDAS NA APOTEOSE? UMA DAS ESCOLAS DESAPARECERÁ SUBITAMENTE, NO MEIO DO DESFILE? NÃO SERÁ MELHOR IR AO CINEMA E VER O VELHO SPIELBERG? | X | | |
| 15 | 27/02/2010 | ADAIL COARACY DE AQUINO | DIGA-ME COM QUEM ANDAS QUE TE DIREI QUEM ÉS | SIM | "DIGA-ME COM QUEM ANDAS QUE TE DIREI QUEM ÉS" É DITADO QUE HOJE CABE BEM AO PRESIDENTE LULA, JÁ QUE VIVE SE ALINHANDO A GOVERNANTES DÉSPOTAS EM SUAS ANDANÇAS. AGORA, MESMO, APARECEU PARA O MUNDO EM ALEGRE CONFRATERNIZAÇÃO COM O DITADOR FIDEL CASTRO, EMBORA DEVESSE ESTAR LONGE DE CUBA, ENLUTADO COM A MORTE — EM DESESPERO E POR ELE CRITICADA — DO DISSIDENTE ZAPATA. POR ESTA E OUTRAS É QUE NÃO DÁ PARA ACREDITAR NAS BOAS INTENÇÕES DE LULA QUANDO ASSINOU, SEM SEQUER LER (SIC), O DECRETO QUE CRIA A COMISSÃO DA VERDADE, ELABORADO JUSTAMENTE POR AQUELES FRUSTRADOS E BEM INDENIZADOS REBELDES DE OUTRORA, QUE NÃO PARAM DE BUSCAR A FORRA PELA DERROTA SOFRIDA NA LUTA BURRA QUE SÓ SERVIU PARA ALONGAR A DITADURA MILITAR. | X | | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGUÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|--------------------------|--|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 16 | 27/02/2010 | EMMANUEL ALEXANDER BALTZ | MANDA QUEM PODE E OBEDECE QUEM TEM JUÍZO | NÃO | O CRUZAMENTO ENTRE AS AVENIDAS DOS DEMOCRÁTICOS E DOM HÉLDER CÂMARA, ATUALMENTE CONHECIDO COMO CRACOLÂNDIA, É UM VELHO CONHECIDO DAS AUTORIDADES DE SEGURANÇA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO. FRONTEIRA ENTRE OS DOIS MAIORES E PERIGOSOS COMPLEXOS DE FAVELAS DA CIDADE, TAMBÉM REÚNE OS MAIS BESTIAIS E SELVAGENS BANDIDOS DE NOSSO EXTENSO ACERVO DE BANDIDOS BESTIAIS! FAZ PARTE DA DENOMINADA FAIXA DE GAZA, CAPITANEADA PELA AV. LEOPOLDO BULHÕES, QUE PERTENCE AO COMPLEXO DE MANGUINHOS, E JUNTAMENTE COM O JACAREZINHO MANTÉM REFÊNS DO TRÁFICO CENTENAS DE MILHARES DE CARIOCAS. DEZENAS DE FÁBRICAS FORAM DESATIVADAS E TRANSFERIDAS PARA OUTROS ESTADOS POR TOTAL FALTA DE SEGURANÇA E ORDEM PÚBLICA! PORTANTO, NÃO HÁ SURPRESA NAS IMAGENS DIVULGADAS. AQUELE LOCAL É TERRA DE NINGUÉM E NEM A FAMIGERADA MILÍCIA CARIOCA SE ARRISCA ALI. MANDA QUEM PODE E OBEDECE QUEM TEM JUÍZO. O RESTO É BALELA E DESCULPAS ESFARRAPADAS DE REPRESENTANTES LEGAIS E ASSESSORES DE IMPRENSA DAS DIVERSAS INSTITUIÇÕES POLICIAIS DO RIO DE JANEIRO, QUE TENTAM EXPLICAR O INEXPLICÁVEL, E QUASE SEMPRE SE ENROLAM EM SUAS PRÓPRIAS EXPLICAÇÕES. | | X | |
| 17 | 02/03/2010 | JORGE SCHWEITZER | QUEM VIVER VERÁ | NÃO | ATÉ ENTÃO O AQUECIMENTO GLOBAL ERA APENAS UMA BANDEIRA DE AMBIENTALISTAS PREGADORES DE FANTASIOSO APOCALIPSE QUE JAMAIS NOS APANHARIA. AS ÚLTIMAS CATÁSTROFES DO HAITI E DO CHILE SÃO — PARA LEIGOS, COMO EU — UM SINAL DE ALERTA QUE O LIMITE DO SUSTENTÁVEL ACABOU DE SER ULTRAPASSADO. ESBOÇOS DE TRATADOS DE KYOTO JAMAIS CUMPRIDOS SÃO UM PINGO D'ÁGUA PARA A SOLUÇÃO DO OCEANO DE BARBARIDADES QUE A HUMANIDADE PROVIDENCIOU EM NOME DO PROGRESSO DESMEDIDO. IMPROVÁVEL QUE CIENTISTAS COM TODO ATUAL APARATO TECNOLÓGICO DISPONÍVEL DESCONHEÇAM CASO O DESTINO DA TERRA ESTEJA COM OS DIAS CONTADOS. O HOMEM SOMENTE IRÁ REPENSAR QUANDO O PLANETA INTEIRO SE TORNAR UM IMENSO HAITI DEVASTADO, IMPOSSÍVEL DE SER RECONSTITUÍDO. QUEM VIVER VERÁ. | | | X |
| 18 | 05/03/2010 | ANTONIO KÄMPFFE | CAUTELA E CALDO DE GALINHA NÃO FAZEM MAL À NINGUÉM | SIM | CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE TANCREDO NEVES NESSE 4 DE MARÇO É REFLETIR SOBRE SUAS IDEIAS E IDEAIS QUE NÃO FORAM ULTRAPASSADOS PELO TEMPO, ALIÁS, EM ALGUMAS CIRCUNSTÂNCIAS POLÍTICAS ATÉ SE APLICARIAM EM NOSSO COTIDIANO. SEU NETO, AÉCIO, É PRUDENTE EM NÃO IR A CANDIDATO PRESIDENCIAL DESSA VEZ, POIS COMO DIZEM NA ROÇA: CAUTELA E CALDO DE GALINHA NÃO FAZEM MAL A NINGUÉM. | X | | |
| 19 | 06/03/2010 | JULIO JOSÉ DE MELO | QUANDO TODOS PENSAM IGUAL FOI PORQUE NÃO PENSARAM | SIM | DIZ UM DITADO POPULAR QUE QUANDO TODOS PENSAM IGUALMENTE (9 X 1) FOI PORQUE NÃO PENSARAM, AGIRAM. E, DESTA VEZ, O GOVERNADOR AFASTADO DO DF FOI IMPEDIDO DE DEIXAR A CARCERAGEM. PELO VISTO, NESTE ANO DE ELEIÇÃO TEREMOS MUITAS DESTAS ATITUDES, QUE NO FUNDO BENEFICIAM O ATUAL GOVERNO. O POVO DESEJAVA VER ANTES, NAQUELA CELA, OS CORRUPTORES MENSALISTAS, TOTALMENTE COMPROVADOS, COM A UTILIZAÇÃO DOS MESMOS MÉTODOS USADOS PARA FLAGRAR ARRUDA E SEUS COMPARSAS. GOSTARIA DE VER A OAB PEDIR PUNIÇÃO A ESTES RÉUS E TAMBÉM DESEMPERRAR O PROJETO FICHA LIMPA (DE INICIATIVA POPULAR). AÍ, VAI-SE ESTAR TRABALHANDO COM COISAS ATUAIS E MERECEDORAS DE PROVIDÊNCIAS. | X | | |
| 20 | 06/03/2010 | ABEL PIRES RODRIGUES | ANTES TARDE DO QUE NUNCA | NÃO | O MINISTÉRIO PÚBLICO DENUNCIOU OS EX-GOVERNADORES ANTHONY E ROSINHA GAROTINHO POR USO DE DINHEIRO DESVIADO DE ONGS PARA ABASTECER A CAMPANHA DE GAROTINHO À PRESIDÊNCIA, EM 2006. ANTES TARDE DO QUE NUNCA, MAS POR QUE SERÁ QUE A JUSTIÇA, COM AS PROVAS CABAIS DISPONÍVEIS E OS RECURSOS HOJE EXISTENTES, PRECISOU DE QUATRO ANOS PARA DENUNCIAR E BLOQUEAR OS BENS DO CASAL 20 E DEMAIS ENVOLVIDOS? | | X | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|--------------------------|---|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 21 | 09/03/2010 | JAIR GOMES COELHO | QUEM VIVER VERÁ (SÓ OS VIVOS VERÃO) | NÃO | NENHUM CANDIDATO ÀS ELEIÇÕES DE 2010 PODERÁ PARTICIPAR DE INAUGURAÇÃO, DE RESTAURAÇÃO OU DE QUALQUER MANIFESTAÇÃO PÚBLICA DE CUNHO ELEITOREIRO. SÓ NÃO FICOU ESCLARECIDO QUE ESSA NORMA SÓ SE APLICA À OPOSIÇÃO, PORQUE PARA OS CANDIDATOS DO GOVERNO TUDO É PERMITIDO. O PRESIDENTE LULA CONTINUA E CONTINUARÁ A IGNORAR QUALQUER DETERMINAÇÃO, POIS A PRESERVAÇÃO DO PODER NA REPÚBLICA SINDICALISTA É O FOCO PRINCIPAL QUE VAI NORTEAR TODA A CAMPANHA POR PARTE DO GOVERNO. SE DEPENDER DESSA OPOSIÇÃO QUE AÍ ESTÁ, JÁ PODEMOS COMEÇAR A ESCOLHER QUE TRATAMENTO DEVERÁ SER DADO À VENCEDORA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF. SÓ OS VIVOS VERÃO. | | | X |
| 22 | 12/03/2010 | GUILHERME MACHADO CORREA | PARA BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA BASTA | SIM | QUEM DIRIA, UM DEPUTADO DO RIO GRANDE DO SUL DEFENDENDO A ESPOLIAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO! POR CAUSA DE UM PRODUTO GAÚCHO, O CHARQUE, LEVAMOS DEZ ANOS PARA PACIFICAR O RIO GRANDE DO SUL E ACABAR COM A REVOLTA DOS FARRAPOS (1835/1845). O PETRÓLEO É A ÚNICA RIQUEZA QUE NÃO TEM O ICMS TAXADO NA PRODUÇÃO, MAS NO CONSUMO — GRAÇAS A DEPUTADOS E SENADORES CONSTITUINTES (INCLUSIVE O CARIÓCA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E O FINADO MÁRIO COVAS). TEMOS VÁRIOS EXEMPLOS NO MUNDO DE DESMEMBRAMENTO DE TERRITÓRIOS, POR QUESTÃO PETROLÍFERA. NO PASSADO, TEMOS COMO EXEMPLO A CRIAÇÃO DAQUELES MICROPÁISES NO ORIENTE MÉDIO (KUWAIT, BAHREIN, CATAR, EMIRADOS ÁRABES UNIDOS ETC). HOJE, EM ANGOLA, EXISTE UM MOVIMENTO SEPARATISTA EM CABINDA, REGIÃO PRODUTORA DE PETRÓLEO. BASTA UMA DESSAS TRANSNACIONAIS DO PETRÓLEO SE INTERESSAR, E PRONTO, CORREMOS O RISCO DE UMA GUERRA CIVIL OU DE UM PROCESSO DE DESMEMBRAMENTO DOS ESTADOS — EM RAZÃO DA QUEBRA DO PACTO FEDERATIVO. É COMO DISSE UMA VEZ EM UM ARTIGO O EX-MINISTRO ROBERTO CAMPOS: "SE O RIO DE JANEIRO FOSSE UM PAÍS, SERIA MEMBRO DA OPEP." PARA BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA BASTA, DIZ O DITADO POPULAR. | | | X |
| 23 | 13/03/2010 | ADELINO PINTO DA SILVA | A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE | NÃO | NÃO PENSO QUE O GOVERNADOR SÉRGIO CABRAL FILHO BAJULE O PRESIDENTE LULA. ELE AGIU CORRETAMENTE, APOIANDO ATÉ HOJE AO GOVERNO CENTRAL NA ESPERANÇA DE QUE CONSEGUISSE ALGUMA COISA PARA O NOSSO ESTADO. CHOROU SIM, CERTAMENTE PORQUE, PELO QUE TEM VISTO, ACREDITA QUE O PRESIDENTE MAIS UMA VEZ DIRÁ QUE NÃO SABE DE NADA. NEM ONDE ESTÁ A CANETA PARA VETAR O PROJETO IBSEN QUE TANTO PREJUDICARÁ O ESTADO DO RIO. A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE. AGUARDEMOS. | | | X |
| 24 | 18/03/2010 | ALOYSIO MARTINS GUERRA | DIZE-ME COM QUEM ANDAS E EU TE DIREI QUEM É | NÃO | SOU DO TEMPO EM QUE OS ADULTOS NOS ACONSELHAVAM, GRAVEMENTE: "DIZE-ME COM QUEM ANDAS E EU TE DIREI QUEM É," E CURVÁVAMOS A CABEÇA, ASSENTINDO. NÃO OCORRE AOS JOGADORES DE DESTAQUE QUE ELAS SÃO PAIS, QUE SÃO EXEMPLO PARA AS CRIANÇAS, E QUE POR ISSO MESMO NEM DEVERIAM FAZER COMERCIAL DE BEBIDAS ALCOÓLICAS. O PIOR É QUE PERCEBO PREVALÊNCIA DE NOSSO CARÁTER MAIS LENIENTE, QUASE PERMISSIVO. COISAS RARAS ANTIGAMENTE, COMO SAQUES, HOJE SÃO CORRIQUEIRAS, BASTA UM ACIDENTE COM VEÍCULOS DE CARGA QUE ATÉ AUTOMÓVEIS PARTICULARES PARAM PARA PARTICIPAR DO BUTIM, MESMO COM FERIDOS NA PISTA. | X | | |
| 25 | 27/03/2010 | HARRY RUTMAN | QUEM VIVER VERÁ | NÃO | O PRESIDENTE LULA SABE PERFEITAMENTE QUE, SE O PT NÃO PAGAR, FATALMENTE ELA SERÁ DEBITADA NA CONTA FEDERAL E REPASSADA, É CLARO, PARA NÓS. ESTAMOS PAGANDO, TAMBÉM, AS VIAGENS DA CAMPANHA DA MINISTRA DILMA. AS DIÁRIAS E OUTRAS COISAS QUE SÃO DESCONHECIDAS DOS ELEITORES. ESPERO QUE OS VALORES DAS MULTAS SEJAM DOBRADOS EM PROJEÇÃO GEOMÉTRICA... DESDE QUE NÃO SEJAM PAGAS POR NÓS, TUPINIQUINS! LULA E AGORA O SERRA RECLAMAM DA MÍDIA. ELES PRECISAM DA IMPRENSA. SÃO ADEPTOS DA MÁXIMA QUE DIZ "FALEM MAL MAS FALEM DE MIM". O TSE TEM QUE COBRAR É DO LULA MESMO. UMA CURIOSIDADE: SE ELE NÃO PAGAR AS MULTAS FICARÁ INADIMPLENTE, COMO QUALQUER CIDADÃO COMUM? QUEM VIVER VERÁ. | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|--------------------------------|--|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 26 | 27/03/2010 | EUZEBIO SIMÕES TORRES | A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS | SIM | O JORNAL AUMENTA O NOSSO ESPAÇO. QUE BOM! A CARTAS DOS LEITORES É SOBERANA. É O MAIOR JÚRI DO PAÍS. É A MAIOR TRIBUNA. É O PALANQUE OU O PÚLPITO, ONDE AS OPINIÕES SÃO EXPOSTAS. A FAVOR OU CONTRA DE QUALQUER ASSUNTO. VOU OUSAR EMITIR UMA OPINIÃO QUE MUITOS TRADICIONALISTAS DIRÃO QUE NÃO TEM SENTIDO AQUI. MAS TEM. É UMA IDEIA! A OPINIÃO DOS LEITORES QUANTO À SUA ESSÊNCIA, EM TODO O BRASIL, DEVERIA SER OBSERVADA E ANALISADA PELO TSE. "A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS", DIZ O DITADO. É VERDADE! ASSIM, O TSE SERIA UMA PENEIRA NA VIDA DOS MAUS CANDIDATOS, ELIMINANDO-OS, SE NECESSÁRIO. ALGO TEM DE SER FEITO! O BRASIL NÃO VAI BEM. | | X | |
| 27 | 02/04/2010 | PANAYOTIS POULIS | QUEM TEM TELHADO DE VIDRO, NÃO ATIRA PEDRA AO DO VIZINHO | NÃO | O GOVERNADOR SERRA LICENCIOU-SE PARA DISPUTAR A PRESIDÊNCIA E, EM SEU DISCURSO, ENTRE OUTRAS COISAS, FALOU DA ROUBALHEIRA DO ATUAL GOVERNO. TEM RAZÃO, MAS QUEM TEM TELHADO DE VIDRO NÃO DEVE JOGAR PEDRA NO TELHADO DOS OUTROS. O PARTIDO DELE, PSDB, TEM MUITO A EXPLICAR SOBRE AS PRIVATIZAÇÕES. POR EXEMPLO, O SETOR DE TELEFONIA ESTAVA AVALIADO EM R\$45 BILHÕES E SAIU POR MENOS DE R\$20 BILHÕES. TEM UNS VINTE E POUCOS BILHÕES DE REAIS AÍ QUE VIRARAM FUMAÇA, SEM EXPLICAÇÃO. SERÁ QUE VIRARAM FUMAÇA MESMO? TEM AINDA O CASO DO USO DOS CARTÕES CORPORATIVOS ETC. ENTÃO, O DISCURSO DELE ESTÁ PREJUDICADO. | | X | |
| 28 | 20/04/2010 | DJALMA ABDALLA | MANDA QUEM PODE E OBEDECE QUEM TEM JUÍZO. | NÃO | O GOVERNO ESTADUAL DEVERIA SER RESPONSABILIZADO PELOS PROBLEMAS DE SEGURANÇA CONTRA OS USUÁRIOS DOS TRENS DA SUPERVIA E DO METRÔ. COMO SE NÃO BASTASSE O PÉSSIMO SERVIÇO PRESTADO, O GOVERNO PRORROGOU POR MAIS 20 ANOS O CONTRATO DE CONCESSÃO DESSAS EMPRESAS, OU SEJA, ESSE GOVERNO PRIVILEGIA OS MAUS GESTORES. MANDA QUEM PODE E OBEDECE QUEM TEM JUÍZO. | | | X |
| 29 | 25/04/2010 | PAULO BERRINI DA FONSECA | DEPOIS DA TEMPESTADE VEM A BONANÇA. | SIM | O DITADO DIZ: "DEPOIS DA TEMPESTADE VEM A BONANÇA." EM NITERÓI, CASTIGADA PELAS CHUVAS E DESPREPARADA PARA QUALQUER COISA, O DITADO TROCOU PARA: "DEPOIS DA TEMPESTADE VEM A COBRANÇA." RECEBI, HOJE, TRÊS MULTAS DA PREFEITURA DE NITERÓI, SEM FOTOS, DOS DIAS 21/12/2009, 18/1/2009, 12/9/2009. NÃO VOU NEM QUESTIONAR O PORQUÊ DESTAS MULTAS, JÁ QUE SOU UM CUMPRIDOR DE REGRAS E LEIS, MAS A PREFEITURA MOSTRA SUA INCOMPETÊNCIA ATÉ PARA EMITIR MULTAS E COBRANÇAS. E O PREFEITO PEDE QUE NÃO FALEM MAL DELE... FRANCAMENTE! | X | | |
| 30 | 11/05/2010 | ANTONIO ROBERTO MATTOS CAPATÃO | QUEM CALA CONSENTE | SIM | O BRASIL TEM UMA DÍVIDA PÚBLICA VIOLENTA, UM DÉFICIT NA PREVIDÊNCIA NÃO MENOS VIOLENTO, GRANDE MAIORIA DOS HOSPITAIS NO CAOS TOTAL, ESCOLAS CAINDO AOS PEDAÇOS, FACULDADES FEDERAIS DESABANDO, POVO DESABRIGADO PELOS DESLIZAMENTOS DAS ÚLTIMAS CHUVAS NO OLHO DA RUA... E VAI EMPRESTAR US\$286 MILHÕES À GRÉCIA PARA AJUDÁ-LA A SAIR DA CRISE EM QUE SE METEU. JÁ PERDOOU AS DÍVIDAS DE VÁRIOS PAÍSES DA ÁFRICA, FAZ INVESTIMENTOS NA BOLÍVIA, EM CUBA, NA VENEZUELA... E UM MISERO REAJUSTE DE 7,7% AOS APOSENTADOS VAI AUMENTAR O ROMBO DO INSS. ESTE É O PAÍS DE FANTASIA ONDE VIVEMOS. ONDE ESTÁ O POVO QUE SE CALA E NÃO FAZ NADA? QUEM CALA CONSENTE, DIZ O DITADO. É CONIVENTE! | | | X |
| 31 | 23/05/2010 | JACQUELINE C. G. SANTOS | TUDO COMO ANTES, NO QUARTEL DE ABRANTES. | NÃO | LEMBRO-ME DO POVO FELIZ COM A DECISÃO DA JUSTIÇA DIMINUINDO O NÚMERO DE VEREADORES, QUE SÓ FUNCIONOU POR POUCOS MESES, POIS OS DEPUTADOS RAPIDAMENTE MUDARAM A LEI NA CALADA DA NOITE, ACABANDO COM ESTA ALEGRIA. VEJO O POVO FELIZ COM A DECISÃO DE COIBIR CANDIDATURA DE FICHA-SUJA, E EM POUCOS MESES NOSSOS REPRESENTANTES MUDARÃO A LEI (NA CALADA DA NOITE), COMO FOI COM A DIMINUIÇÃO DE VEREADORES, LEMBRAM? ANTEVEJO NOSSO MESMO POVO VOTANDO NESTES MESMOS POLÍTICOS, QUE TANTO NOS DESPREZAM. E TUDO SEGUIRÁ COMO ANTES, NO QUARTEL DE ABRANTES. PARA GAÚDIO DE POUÇOS. | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|---------------------------------|--|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 32 | 25/05/2010 | DRAUZIO GONZAGA | CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTO | NÃO | CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTO. A ÚLTIMA PESQUISA DATAFOLHA MOSTRA CIENTIFICAMENTE A ARRANCADA ESPETACULAR DE DILMA ROUSSEFF RUMO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. ISTO SIGNIFICA QUE A POPULAÇÃO QUER A CONTINUAÇÃO E O APERFEIÇOAMENTO DAS POLÍTICAS QUE ESTÃO MUDANDO HISTORICAMENTE A SOCIEDADE BRASILEIRA: A DIMINUIÇÃO DA DESIGUALDADE DE RENDA, O ACESSO DAS CLASSES ATÉ ENTÃO DESFAVORECIDAS AO MERCADO DE BENS QUE TORNAM SUA VIDA MAIS DIGNA, A INDEPENDÊNCIA DA POLÍTICA EXTERNA E SUA MULTILATERALIDADE COMERCIAL, O COMBATE À CORRUPÇÃO ATRAVÉS DAS AÇÕES DESTEMIDAS DA POLÍCIA FEDERAL, O RECUO VERTIGINOSO DO DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA, A RESPEITABILIDADE INTERNACIONAL DO PAÍS ETC. QUALQUER OUTRO ARGUMENTO QUE TENDE EXPLICAR A PREFERÊNCIA POPULAR FORA DESTE ELENCO DE POSITIVIDADES SERÁ APENAS UMA RETÓRICA EMERGENCIAL PARA DISSIMULAR A DEPRESSÃO. | X | | |
| 33 | 25/05/2010 | GIAUGUSTO FERNANDES DOS SANTOS | PERGUNTAR NÃO OFENDE: | NÃO | PERGUNTAR NÃO OFENDE: POR QUE OS CIDADÃOS ELEITOS ADQUIREM FORO PRIVILEGIADO SE OS CRIMES QUE LHES SÃO IMPUTADOS SÃO PRATICADOS ANTES DO MANDATO? NÃO SERIA LÓGICO QUE O FORO PRIVILEGIADO ABRANGESSE APENAS OS CRIMES PRATICADOS DURANTE O MANDATO E QUE OS PRATICADOS ANTES DO MESMO FOSSEM JULGADOS PELA JUSTIÇA COMUM? GOSTARIA DE TER UMA EXPLICAÇÃO PLAUSÍVEL PARA ESTAS QUESTÕES. | X | | |
| 34 | 28/05/2010 | ANA BEATRIZ V. P. DE MENDONÇA | TUDO COMO ANTES, NO QUARTEL DE ABRANTES. | NÃO | TUDO COMO DANTES NO QUARTEL DE ABRANTES O NOSSO SENADO. NADA MUDA PARA MELHOR NESTE PAÍS NO QUE DIZ RESPEITO À POLÍTICA NACIONAL. É VERGONHOSO! APESAR DOS ESCÂNDALOS, OS GASTOS E AS FALCATRUAS SÓ AUMENTAM, E DESCARADAMENTE. INFELIZMENTE, NÃO HÁ LUZ NO FIM DO TÚNEL. ENQUANTO O POVO NÃO SOUBER VOTAR, CONTINUARÃO A PERPETUAR ESSES PULHAS NO PODER. | X | | |
| 35 | 30/05/2010 | ANTONIO CARLOS VOLOTÃO FERREIRA | QUEM CALA CONSENTE | NÃO | TANTAS VEZES SOMOS CHAMADOS DE CONTRIBUINTES, POR LEIS CRIADORAS DE CONTRIBUIÇÃO DE TAXAS IMPOSTAS, DE IMPOSTOS. COMO CONTRIBUINTE QUERO DEIXAR A MINHA CONTRIBUIÇÃO, MAS A FAVOR DA SOCIEDADE CARIOCA. NÃO SOSSEGAREI ENQUANTO NÃO VIR DERRUBADA A CONTRIBUIÇÃO DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA, CRIADA POR LEI DUAL E ASSEGURADA POR OFICIOSA LEI ORGÂNICA. QUEM CALA CONSENTE OU NÃO ESTÁ NEM AÍ. CONFIRA, PREFEITO EDUARDO PAES. | | | X |
| 36 | 08/06/2010 | RONALDO GOMES FERRAZ | A MELHOR DEFESA É O ATAQUE | SIM | ESSA INTERPELAÇÃO QUE O PT ESTÁ FAZENDO A SERRA NA JUSTIÇA É A APLICAÇÃO DA MÁXIMA "A MELHOR DEFESA É O ATAQUE". NA VERDADE, ESSE ESCÂNDALO SOBRE O SUPOSTO DOSSIÊ PRODUZIDO POR PETISTAS ALOPRADOS É UMA PERDA DE TEMPO, POIS TODOS NÓS ESTAMOS CARECAS DE SABER QUE ESSAS ACUSAÇÕES PARA LÁ E ACUSAÇÕES PARA CÁ NÃO VÃO DAR EM NADA. ESPECIALMENTE AGORA, QUE A ÚNICA COISA QUE MOBILIZA OS BRASILEIROS É A COPA DO MUNDO E, DEPOIS DELA, O ASSUNTO JÁ TERÁ ESFRIADO. | X | | |
| 37 | 10/06/2010 | ALCIDES DE MEDEIROS BETHLEM | O PIOR CEGO É O QUE NÃO QUER VER | SIM | PARA 84% DA POPULAÇÃO, O CRESCIMENTO DO PIB É DIGNO DO NOSSO GRANDE PAÍS E SEUS GOVERNANTES, SUFICIENTE PARA CANONIZAR O PRESIDENTE, A CANDIDATA, OS MINISTROS, O PT E O JOSÉ DIRCEU. PREFIRO MENOS. ALIÁS, SEGUNDO LI, UM MINISTRO, O MAIS BEM INFORMADO DA ÁREA, DISSE QUE ESPERAVA 2,9%. FICO COM O MINISTRO E COM OS 16% RESTANTES DA POPULAÇÃO. AO CONTRÁRIO DA ONDA, CERTAMENTE VOU ESCOLHER UM CANDIDATO MENOS MENTIROSO. COISA VELHA, COMO EU, É O DITADO "O PIOR CEGO É O QUE NÃO QUER VER". | | | X |
| 38 | 12/06/2010 | MACMILLER RIBEIRO | A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE | NÃO | O TSE DECIDIU QUE O FICHA LIMPA JÁ VALE NESTA ELEIÇÃO, E COMO A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE, VOU ACREDITAR QUE, EM BREVE, TEREMOS UM CONGRESSO E UM EXECUTIVO DIGNOS DESSE NOME, JÁ QUE, COMO DIZEM, DEUS É BRASILEIRO. | | X | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|--------------------------|---|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 39 | 15/06/2010 | MARLY SOBRAL | QUEM AVISA AMIGO É | SIM | CONSELHOS AO SERRA, SE QUER TER ALGUMA CHANCE DE GANHAR A ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE: 1) PARAR DE FALAR EM BOATOS SOBRE DOSSIÊ DA SUA FILHA, MESMO PORQUE SE FILHO QUE FAZ BESTEIRA DERRUBASSE UM POLÍTICO LULA NÃO ESTARIA COM A APROVAÇÃO QUE TEM E BRIZOLA NÃO TERIA SIDO ELEITO GOVERNADOR; 2) FALAR SOBRE SUA PLATAFORMA DE GOVERNO, SE POR ACASO TIVER UMA JÁ PRONTA; 3) TENTAR CONVENCER, O MAIS RAPIDAMENTE POSSÍVEL, ALGUM COLEGA COM PRESTÍGIO DO PSDB DE QUE SUA CANDIDATURA É VIÁVEL, PARA QUE ELE ACEITE SER VICE EM SUA CHAPA. LEMBRE-SE DO DITO POPULAR: "QUEM AVISA AMIGO É!" | | | X |
| 40 | 23/06/2010 | HELIO DE CASTRO CARVALHO | MUITO AJUDA QUEM NÃO ATRAPALHA | SIM | É LAMENTÁVEL O PATRULHAMENTO DA MÍDIA AO DUNGA. É UMA PERSEGUIÇÃO PERMANENTE DE SEUS PASSOS, GESTOS, PALAVRAS FORMAIS E INFORMAIS E ATÉ DE SEUS PENSAMENTOS E OPINIÕES. PARA TAL, SE UTILIZAM DE EQUIPAMENTOS SOFISTICADOS DE ESPIONAGEM E DE SUPOSTOS ESPECIALISTAS EM LEITURA LABIAL. IMAGINEM-SE NA MESMA SITUAÇÃO. FAÇAM UM EXAME DE CONSCIÊNCIA E MUITOS VÃO CONCLUIR QUE DUNGA É ATÉ MUITO EDUCADO. COMO APOSENTADO, ACOMPANHO DE PERTO AS TRANSMISSÕES E NUNCA OUVI UM PALAVRÃO DITO FORMALMENTE AO MICROFONE. O MAIS SÃO ILAÇÕES. E QUAIS FORAM OS PALAVRÕES? OS MESMOS QUE OUÇO NA TV, VEZ POR OUTRA, SEM QUE NINGUÉM PROPONHA A CENSURA. A MELHOR JANELA PELA QUAL O MUNDO VERÁ O BRASIL SERÁ O HEXA, COMO HOJE NOS RESPEITAM PELO PENTA. LEMBREM-SE DO VELHO DITADO: MUITO AJUDA QUEM NÃO ATRAPALHA. | | | X |
| 41 | 28/06/2010 | MOACIR PEREIRA DA COSTA | DE BOAS INTENÇÕES O INFERNO ESTÁ CHEIO. | SIM | O IBOPE APONTA DILMA ROUSSEF LIDERANDO A PESQUISA PRESIDENCIAL. SABEMOS QUE PESQUISA REFLETE UM MOMENTO E NÃO É GARANTIA DE SUCESSO PARA SE GANHAR ELEIÇÃO. O CRESCIMENTO DE DILMA REFLETE A INCAPACIDADE DE A OPOSIÇÃO PREFERIR UM DISCURSO NO QUAL APONTE A FALTA DE EXPERIÊNCIA DAQUELA CANDIDATA EM DISPUTAS ELEITORAIS, BEM COMO A CONTINUIDADE DA POLÍTICA DO ATUAL GOVERNO, QUE, POR SINAL, AGRADA À MAIORIA DOS BRASILEIROS. SE A OPOSIÇÃO QUER VOLTAR AO PODER, NECESSÁRIO SE FAZ ABANDONAR A BRAVATA DE "NÓS PODEMOS, NÓS SABEMOS MELHORAR ESTE PAÍS" E SIM, APRESENTAR PLATAFORMAS CONSISTENTES PARA LOGRAR ÊXITO NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES, E, O MAIS IMPORTANTE, CUMPRI-LAS, E NÃO FICAR SOMENTE NAS PROMESSAS. DE BOAS INTENÇÕES, COMO DIZ O DITADO POPULAR, O INFERNO ESTÁ CHEIO. | | | X |
| 42 | 29/06/2010 | JOSÉ LUIZ VILAS BÔAS | QUEM PLANTA COLHE | NÃO | NESSA FINAL DE SEMANA, AS CONVENÇÕES DOS PARTIDOS HOMOLOGARAM CANDIDATOS COMO RORIZ (DF), CUNHA LIMA (PB) E RONALDO LESSA (AL), DEMONSTRANDO DESPREZO PELA LEI SANCIONADA PELO TSE. ANUNCIA-SE UM "BONDE DE FICHAS-SUJAS" A SEREM HOMOLOGADOS. DESRESPEITO À JUSTIÇA ELEITORAL E, EM ÚLTIMA ANÁLISE, AOS ELEITORES. NOMES FORA DA POLÍTICA ATIVA POR CORRUPÇÃO/FRAUDE/CASSAÇÃO/RENÚNCIAS PARA EVITAR CASSAÇÃO/IMPROBIDADE E SIMILARES, E QUE TEIMAM EM BUSCAR UM MANDATO-ESCONDERIJO A LHES PROTEGER DE PROCESSOS. INTERESSANTE QUE, EM ALGUNS PONTOS DO PAÍS, COMO NO DF DE RECENTE E TRISTE LAMBAÇA, NOMES HIPERCOMPROMETIDOS CONSEGUEM LIDERAR, COM FOLGA, AS PESQUISAS DE INTENÇÃO DE VOTOS. QUANTO AOS PARTIDOS POLÍTICOS, MAIS PAR-TI-DOS DO QUE NUNCA, FÁCIL ENTENDER, QUANDO FALAM EM ARGUIR AO STF A CONSTITUCIONALIDADE DA LEI, ALGO QUE DIZ RESPEITO AOS TRES E AO TSE. AS CONVENÇÕES QUE HOMOLOGAM COLIGAÇÕES DE ÁGUA COM VINHO SÃO DECIDIDAS POR UM PEQUENO GRUPO DE DELEGADOS E CACIQUES, AOS QUAIS INTERESSA A MANUTENÇÃO DO STATUS QUO. QUE HOMOLOGUEM. DE VERDADE, HOMOLOGAR OU NÃO, CABE AO ELEITOR, NAS URNAS. É HORA DE REPENSAR, DE TER CONSCIÊNCIA BUSCANDO UMA POLÍTICA CADA VEZ MAIS LIMPA. AFINAL, COLHEREMOS O QUE PLANTARMOS! | | | X |
| 43 | 02/07/2010 | JOSÉ ALEXANDRINO JÚNIOR | QUEM VIVER VERÁ. | NÃO | NÃO PODEMOS LEVAR A SÉRIO UMA CANDIDATURA DESSA. COMO CIDADÃO DO RIO DE JANEIRO, ACHO QUE MEREÇAMOS COISA MELHOR. FOI UM VERDADEIRO GOLPE APLICADO PELO CESAR MAIA, E O PSDB ENGOLIU. QUANTO AO VICE INDIÓ DA COSTA, NÃO BASTA QUESTIONAR SÓ A MERENDA ESCOLAR, ISSO FOI UM PINGO NO OCEANO DO QUE ELE FEZ COM O PLANO DE SAÚDE DOS FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA. QUEM VIVER VERÁ. | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|-------------------------------|--|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 44 | 03/07/2010 | WALDEMAR WELLER | HÁ MALES QUE VÊM PARA O BEM | NÃO | MINHA SAUDOSA AVOZINHA JÁ DIZIA: "HÁ MALES QUE VÊM PARA O BEM". A VITÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA NÃO SERIA BOM TANTO PARA O FUTEBOL MUNDIAL QUANTO PARA O BRASIL. SERIA INEVITÁVEL UMA ERA DUNGA, COM UM FUTEBOL BUROCRÁTICO, SEM AUDÁCIA, SEM LAMPEJOS DE GRANDES CRAQUES E GRANDES JOGADAS: SERIA A CONSOLIDAÇÃO DO TRISTE "FUTEBOL DE RESULTADOS", TÃO LONGE DO ESPÍRITO ALEGRE E BRINCALHÃO DO NOSSO POVO. E TER COMO REFERÊNCIA, PRINCIPALMENTE PARA A JUVENTUDE, A FIGURA DE DUNGA — UMA PESSOA BRONCA, AUTORITÁRIA, COM MANIA DE PERSEGUIÇÃO — NÃO SERIA UMA BOA. | X | | |
| 45 | 12/07/2010 | CARLOS CORREA DOS ANJOS | DIGA-ME COM QUEM ANDAS QUE EU TE DIREI QUEM ÉS | NÃO | LULA E SEUS IDEÓLOGOS, NÃO SATISFEITOS EM SE ALIAREM AO EIXO DO MAL, IRÃ, COREIA DO NORTE, CUBA E VENEZUELA ENTRE OUTROS, DECIDIRAM SE COMBINAR TAMBÉM COM DITADORES AFRICANOS, AMPLIANDO O LEQUE DE MÁS COMPANHIAS. EU E MUITOS BRASILEIROS NÃO QUEREMOS UM BRASIL "CUBANIZADO". QUANDO CRIANÇA, MINHA MÃE, SEMIANALFABETA, SEMPRE ME DIZIA: "DIGA-ME COM QUEM ANDAS QUE EU TE DIREI QUEM É!" | | | X |
| 46 | 20/07/2010 | PAULO MARINHO | PATO NOVO NÃO MERGULHA FUNDO | SIM | O ESCORREGÃO PROTAGONIZADO PELO CANDIDATO A VICE DA CHAPA DE JOSÉ SERRA (PSDB) À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CERTAMENTE NÃO SE DARIA, CASO INDIO DA COSTA (DEM) CONHECESSE E UTILIZASSE BEM O INTELIGENTE PROVÉRBIO "PATO NOVO NÃO MERGULHA FUNDO". COMO INICIANTE E SEM EXPERIÊNCIA, O DEPUTADO CONSTRANGEU NÃO SOMENTE SEU PARTIDO, ASSIM COMO OS ALIADOS, AO AFIRMAR QUE O PT TEM FORTES LIGAÇÕES COM AS FARC. INDIO COMEÇOU MAL E PRECISA LEVAR COM URGÊNCIA SUA FALHA PARA FOLHAS DE ANOTAÇÕES DE PRINCIPANTES. QUANTO A SERRA, QUE TANTO GOSTA DE FUTEBOL, CUIDADO PARA NÃO LEVAR BOLA NAS COSTAS. | | X | |
| 47 | 29/07/2010 | NYDÉA BALIEIRO ANASTÁCIO | PATA DE GALINHA NÃO MATA PINTO | NÃO | TIVE TRÊS FILHOS, ADOTEI DOIS. LEMBRO-ME QUE QUANDO PSICÓLOGAS DA ESCOLA EM QUE ESTUDAVAM MANDAVAM CIRCULAR PERGUNTANDO O QUE EU FAZIA PARA SER OBEDECIDA – DIALOGAVA (PALAVRA DA MODA), CASTIGAVA OU BATIA – EU MARCAVA TODAS AS OPÇÕES. TUDO DEPENDE DA CRIANÇA. MAS TODA CRIANÇA TEM QUE SABER QUE TUDO TEM LIMITE E QUE O SEU DIREITO TERMINA QUANDO COMEÇA O DO OUTRO. ASSIM, CRESCE RESPEITANDO SEU PAIS (SIC), OS QUE LHES SERVEM, SEUS PROFESSORES E PODE VIVER DE BEM COM A SUA COMUNIDADE. HOJE, OS PROFESSORES SÃO OS QUE MAIS SOFREM COM O DESRESPEITO DAS CRIANÇAS. "PATA DE GALINHA NÃO MATA PINTO." | | | X |
| 48 | 02/08/2010 | JOÃO CARLOS CARVALHO DA SILVA | UMA MÃO LAVA A OUTRA | NÃO | COM ESSA ENXURRADA DE NOMEAÇÕES PARA OS DIVERSOS TRIBUNAIS DE JUSTIÇA, COMO TRF, STJ E STF, AINDA MAIS COM JUÍZES PARENTES DE MEMBROS DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, PODEMOS ENTENDER O PORQUÊ DA COMPLACÊNCIA DA JUSTIÇA COM ATOS DUVIDOSOS DO PRESIDENTE LULA E DE SEUS ALIADOS. QUEM TERIA A CORAGEM DE VOTAR A FAVOR DE ALGUMA PUNIÇÃO CONTRA QUEM OS NOMEOU? UMA MÃO LAVA A OUTRA. | | | X |
| 49 | 12/08/2010 | SAMUEL RODRIGUES DE SOUZA | DIZE-ME COM QUEM ANDAS, E TE DIREIS QUEM ÉS / QUEM CALA CONSENTE | SIM | MARINA DEMONSTROU NA ENTREVISTA QUE É HÁBIL NO FALAR E NÃO SE DEIXAR MANIPULAR POR OUTROS. NO ENTANTO, PARA PRESIDIR O BRASIL É PRECISO MAIS. SE OS BRASILEIROS ALMEJAM UM BRASIL PRÓSPERO, JUSTO E LIVRE, PRECISAMOS COLOCAR ACIMA DE TUDO OS PRINCÍPIOS ÉTICOS BÁSICOS, POIS NINGUÉM ESTÁ ACIMA DA LEI, OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS; E NO EPISÓDIO DO MENSALÃO DO GOVERNO LULA, MARINA SE OMITIU, E QUEM CALA, ÀS VEZES, DEMONSTRA CONSENTIR. TAMBÉM HÁ OUTRO DITADO QUE NOS DIZ: "DIZE-ME COM QUEM ANDAS, E TE DIREIS QUEM ÉS." MARINA SEMPRE ANDOU COM O PT, ALCANÇOU RESPEITO INTERNACIONAL COM SEU TRABALHO PELO MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DESSE PARTIDO. ALGO QUE NÃO ME CONVENCEU FOI A SUA AFIRMAÇÃO DE QUE PSDB, DEM, PTB E PT SÃO FISILOGISTAS, AO MESMO TEMPO FALANDO QUE COM ELAS VAI GOVERNAR, SEM FICAR REFÉM DELES. POR ACASO ELA É A NOVA MILAGREIRA NACIONAL? | | X | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|--------------------------------|---|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 50 | 14/08/2010 | JAIR GOMES COELHO | MAIS DEPRESSA SE APANHA UM MENTIROSO DO QUE UM COXO | SIM | NA SUA CAPACIDADE DE EMPOLGAR PLATEIAS POPULARES, O PRESIDENTE LULA, EM COMÍCIO PRÓ-DILMA, OFERECEU ASILO A UMA CONDENADA À MORTE PELAS LEIS DO IRÃ. DIZ O DITADO POPULAR: "MAIS DEPRESSA SE APANHA UM MENTIROSO DO QUE UM COXO." A EMBAIXADA DO IRÃ NO BRASIL NEGA TER RECEBIDO QUALQUER OFERTA DE ASILO POR PARTE DO PRESIDENTE LULA, QUE DEVERIA APROVEITAR SEU ENTUSIASMO EMOTIVO E OFERECER ASILO POLÍTICO AOS ENCARCERADOS DE HAVANA NO REGIME CASTRISTA. SÓ OS EREMILDOS, NO DIZER DE ELIO GASPARI, ACREDITARAM NESSA. | | X | |
| 51 | 17/08/2010 | PAULO MARINHO | PELO ANDAR DA CARRUAGEM, VOCÊ SABE QUEM VEM DENTRO | SIM | A PESQUISA PELA CORRIDA PRESIDENCIAL DIVULGADA PELA DATAFOLHA, MOSTRANDO ABERTURA DE OITO PONTOS DE VANTAGEM PARA DILMA ROUSSEFF SOBRE JOSÉ SERRA, DEIXA CLARO O QUANTO ESTÁ CERTO AQUELE PROVÉRBIO "PELO ANDAR DA CARRUAGEM, VOCÊ SABE QUEM VEM DENTRO". RESUMINDO: A OPOSIÇÃO ERROU TANTO, QUE O MAIS DESATENTO OBSERVADOR CONSEGUE DETECTAR OS DESATINOS DO COMANDO DA CAMPANHA QUE DESEJA LEVAR SERRA À PRESIDÊNCIA DO BRASIL. DIANTE DE MAIS UMA PESQUISA DESFAVORÁVEL, AGORA DE CUNHO OFICIAL, NÃO SEI COMO REAGIRÁ O SENADOR SERGIO GUERRA, QUE EM OUTRAS DESDENHOU O RESULTADO ADVERSO A JOSÉ SERRA. | | X | |
| 52 | 20/08/2010 | JORGE DA ROCHA SANTOS | QUEM NÃO DEVE NÃO TEME. | NÃO | É DA JURISPRUDÊNCIA DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (TCU) A FISCALIZAÇÃO DAS CONTAS DO GOVERNO. NELAS SE INCLUEM AS INDENIZAÇÕES PAGAS AOS ANISTIADOS POLÍTICOS. O SR. MINISTRO PAULO VANNUCHI (DIREITOS HUMANOS), EM VEZ DE ESPERAR QUE O TCU REVEJA A DECISÃO DE AUDITAR AS INDENIZAÇÕES PAGAS, DEVERIA, ISTO SIM, AGUARDAR O PARECER DAQUELE TRIBUNAL. TAMBÉM SÃO DIREITOS HUMANOS A SAÚDE, A EDUCAÇÃO, A SEGURANÇA, ÁREAS NAS QUAIS OS RECURSOS, PORVENTURA INDEVIDAMENTE PAGOS, SERIAM APLICADOS BENEFICIANDO UMA VASTA QUANTIDADE DA POPULAÇÃO. QUEM NÃO DEVE NÃO TEME. | | | X |
| 53 | 26/08/2010 | ROBERTO SILVA DE MELO | UMA MÃO LAVA A OUTRA | NÃO | A CRIAÇÃO DE MAIS 700 CARGOS NO MINISTÉRIO DA DEFESA É A FARRA DA DESPEDIDA. UMA AÇÃO ENTRE AMIGOS. AFINAL, O QUE SÃO ALGUNS CARGOS DE CONFIANÇA A MAIS? ESTOU SEM PALAVRAS PARA ESSE GESTO DE AFETO DE LULA PARA COM SEUS SEGUIDORES. UMA MÃO LAVA A OUTRA, E A VIDA CONTINUA. | | | X |
| 54 | 30/08/2010 | ANTÔNIO CARLOS DA FONSECA NETO | QUEM VIVER VERÁ. | SIM | A JULGAR PELAS RECENTES PESQUISAS, TEREMOS A POSSE EM JANEIRO DE DILMA ROUSEFF (PT) QUE, POR SUAS ÚLTIMAS DECLARAÇÕES, SERÁ A NOSSA "MÃE". ALÉM DO PAC, DO MINHA CASA, MINHA VIDA E DOS DEMAIS GRANDES PROGRAMAS IMPLANTADOS NO GOVERNO LULA, QUE SÃO MEUS "FILHOS", ELA AGORA TORNAR-SE-Á A GRANDE "MÃE DO BRASIL". CONFESSO QUE NÃO QUERIA ME TORNAR SEU "FILHO", MAS NÃO TEM JEITO. ASSIM SENDO, FICO PENSANDO EM COMO SERÁ O NOVO GOVERNO. ELA TERÁ AUTONOMIA OU SERÁ TELEGUIADA POR LULA, DO ALTO DE SUA ENORME TAXA DE APROVAÇÃO? LULA SE CONTENTARÁ EM FREQUENTAR SUAS ANTIGAS BASES SINDICAIS OU CONTINUARÁ AGINDO COMO SE FOSSE O SUPREMO MANDATÁRIO NACIONAL? O ATUAL CONSULTOR JOSÉ DIRCEU FARÁ PARTE DO NOVO GOVERNO? MARCO AURÉLIO GARCIA CONTINUARÁ GUIANDO NOSSA POLÍTICA EXTERNA? PERMITAM-ME A IRONIA. CONFESSO QUE O FUTURO GOVERNO DILMA É INTRIGANTE. ENFIM, QUEM VIVER VERÁ | | | X |
| 55 | 03/09/2010 | ANA F. CAMPOS | O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER VER | NÃO | O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER VER. O ILUSIONISMO E A MENTIRA REITERADA DOS PETISTAS E SEUS ALIADOS CRIAM NO BRASIL AS CONDIÇÕES IDEAIS PARA COMOÇÃO SOCIAL. A POPULAÇÃO BRASILEIRA NÃO ESTÁ PREPARADA PARA OUTRO COLLOR DE MELLO. | X | | |
| 56 | 04/09/2010 | FLÁVIO COUTINHO | QUEM NÃO DEVE NÃO TEME. | NÃO | SE EU FOSSE O SERRA TORNARIA PÚBLICA A DECLARAÇÃO DE IMPOSTO DE RENDA DA FILHA, DESDE, É CLARO, QUE ELA PERMITISSE. E PEDIRIA QUE O LULA FIZESSE O MESMO EM RELAÇÃO AO FILHO DELE. QUEM NÃO DEVE NÃO TEME. | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|----------------------------------|--|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 57 | 04/09/2010 | ROBERTO A. MOTTA | QUEM NÃO DEVE NÃO TEME | SIM | "COMO TODO O BRASIL, FIQUEI SABENDO QUE ESPIONARAM MINHA FILHA, UMA MULHER HONRADA QUE TRABALHA PARA SUSTENTAR OS TRÊS FILHOS. ESTOU INDIGNADO", DECLAROU O CANDIDATO DO PSDB. ESTA É, EXATAMENTE, A SITUAÇÃO DE MILHÕES DE BRASILEIROS: TRABALHAMOS DURO PARA SUSTENTAR NOSSAS FAMÍLIAS E O PODER PÚBLICO, MAS, TENHO QUASE CERTEZA QUE, SE TENTASSEM QUEBRAR O SIGILO FISCAL DA MAIORIA DESTES CONTRIBUINTEs, COMPROVARIAM, APENAS, QUE VIVEMOS DO RESULTADO DO PRÓPRIO SUOR E CREIO, TAMBÉM, QUE REAGIRÍAMOS SEM INDIGNAÇÃO. "QUEM NÃO DEVE NÃO TEME", DIZ O VELHO PROVÉRBIO. | | | X |
| 58 | 07/09/2010 | FLÁVIO CARVALHO BARBOSA | O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM DORME | SIM | GOSTARIA DE FAZER UMA PERGUNTA AO CANDIDATO SERRA E À SUA FILHA: SE ELAS SABIAM QUE O SIGILO DELA HAVIA SIDO QUEBRADO DESDE 2009, POR QUE NÃO ENTRARAM COM UMA AÇÃO CONTRA A RECEITA, EXIGINDO DANOS MATERIAIS E MORAIS COMO TODO CIDADÃO O FARIA, SE TIVESSE SEU SIGILO VIOLADO? SE NÃO PRECISAM DO DINHEIRO, PODERIAM DOÁ-LO A UMA INSTITUIÇÃO DE CARIDADE. AGORA, SOUBERAM E NÃO FIZERAM NADA? DIZ O PROVÉRBIO JURÍDICO: "O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM DORME." | | | X |
| 59 | 11/09/2010 | CARLOS VALERIO BATISTA DE AGUIAR | QUEM VIVER, VERÁ. | NÃO | HÁ ALGUNS MESES, VENHO NOTANDO ALGO DE ESTRANHO NO AR. DE MANEIRA ADREDE, EU PROVOCO ASSUNTO SOBRE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS COM PESSOAS CONHECIDAS E DESCONHECIDAS, E... INCRÍVEL: TODAS SE MANIFESTAM CONTRA A CANDIDATA PETISTA. ORA, COMO MORO EM SAQUAREMA E TRABALHO EM NITERÓI, É ESTRANHO QUE EU NÃO ENCONTRE NENHUM ELEITOR DA CANDIDATA. O QUE ME LEVA A ESTRANHAR A VANTAGEM ENORME DA CANDIDATA NAS PESQUISAS DE INTENÇÃO DE VOTOS EM RELAÇÃO AO CANDIDATO TUCANO. SERÁ QUE OS INSTITUTOS DE PESQUISAS FAZEM ABORDAGENS NAS PORTAS DE SINDICATOS E ESTATAIS? ENFIM, ACHO QUE TEREMOS UMA GRANDE SURPRESA QUANDO DA APURAÇÃO DAS URNAS... QUEM VIVER, VERÁ. | | | X |
| 60 | 11/09/2010 | MARCOS NEVES | FAÇA O QUE EU MANDO, MAS NÃO FAÇA O QUE FAÇO | NÃO | MUITO OPORTUNA A MATÉRIA SOBRE O CHOQUE DE DESORDEM NA BUSCA POR VOTOS. COMO PODEMOS VOTAR EM QUEM SE VALE DO PENSAMENTO DO "FAÇA O QUE EU MANDO, MAS NÃO FAÇA O QUE FAÇO" E MUITO MENOS COMO ACREDITAR NA GESTÃO DE UM FUTURO DEPUTADO ESTADUAL QUE NÃO SABE A DIFERENÇA (E SE É QUE EXISTE!) ENTRE CANTEIROS E JARDINS? SÃO ELAS POBRES DE ESPÍRITO, DE VERDADES E DE ARGUMENTOS. | | X | |
| 61 | 19/09/2010 | EDGARDO JOAQUIM DAEMON DO PRADO | QUEM VIVER VERÁ. | NÃO | A PREFEITURA DO RIO ANUNCIA A CRIAÇÃO DE ÁREAS DE VELOCIDADE MÁXIMA DE 30KM/H EM ALGUNS BAIRROS, COM A ALEGAÇÃO DE FAVORECER O TRANSPORTE ECOLÓGICAMENTE CORRETO. COMO FAZER PARA OBEDECER? ANDAR EM PRIMEIRA MARCHA? O ESTÍMULO AO TRANSPORTE ECOLÓGICO NAS GRANDES CIDADES PASSA PELA CRIAÇÃO DE ALTERNATIVAS EFICIENTES DE TRANSPORTES DE MASSA E NÃO PELO ESTABELECIMENTO DE UM LIMITE DE VELOCIDADE INCOMPATÍVEL COM OS VEÍCULOS E COM AS VIAS PÚBLICAS. A PREFEITURA DIZ QUE NÃO "DEVERÁ" INSTALAR PARDAIS DE MULTA. EM BREVE, ESSE "DEVERÁ" VAI DESAPARECER E ALGUÉM SERÁ PREMIADO PELA BRILHANTE IDEIA DE COMO ENCHER MAIS RAPIDAMENTE OS COFRES. QUEM VIVER VERÁ. | | | X |
| 62 | 20/09/2010 | NIVALDO DUARTE DE LIMA | DIZ-ME COM QUEM ANDAS, QUE EU TE DIREI QUEM ÉS | SIM | DIZ UM ANTIGO DITADO: "DIZ-ME COM QUEM ANDAS, QUE EU TE DIREI QUEM ÉS". POIS BEM, O QUE DIZER DIANTE DE TANTAS DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO ENVOLVENDO AMIGOS DO LULA NESSES ÚLTIMOS OITO ANOS? | X | | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|-------------------------------|-------------------------------|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 63 | 22/09/2010 | GIL CORDEIRO DIAS FERREIRA | QUEM VIVER, VERÁ. | NÃO | A HISTÓRIA SE REPETE. TODO GOVERNO POPULISTA E VOCACIONADO PARA A DITADURA, AO SER ACUADO POR DENÚNCIAS DE MALFEITORIAS DE SEUS INTEGRANTES, CULPA A IMPRENSA E CONVOCA AS MASSAS EM SEU APOIO. ASSIM FEZ JANGO, NO COMÍCIO DE 13 DE MARÇO DE 1964. ASSIM TENTOU COLLOR, PEDINDO AO POVO QUE SAÍSSE ÀS RUAS DE BRANCO, EM SEU APOIO. E AGORA, DIANTE DO "ERENICEGATE", O PT DE LULA APELA "ÀS MASSAS" COM UM ATO CONTRA A IMPRENSA, COM AS MESMAS FIGURINHAS DE 1964, FINANCIADAS COM RECURSOS PÚBLICOS: UNE, CUT (SUCESSORA DA CGT DE ENTÃO), MST (REENCARNAÇÃO DAS LIGAS CAMPONESAS) E PARTIDOS OPORTUNISTAS QUE ENDOSSARÃO ESSA ANARQUIA. JOSÉ DIRCEU JÁ ANUNCIOU O QUE SERÁ DA IMPRENSA E DO BRASIL, SE O PT PERMANECER NO GOVERNO. QUEM VIVER, VERÁ. | | | X |
| 64 | 04/10/2010 | MARILDA CAMPOS | QUEM VIVER VERÁ. | NÃO | PERCEBENDO QUE NÃO SERIA A INDICADA PELO PT PARA A SUCESSÃO DE LULA, MARINA SILVA INVENTOU UM PRETEXTO PARA SAIR DO GOVERNO APÓS SETE ANOS COMO MINISTRA DO MEIO AMBIENTE. SEM QUALQUER CHANCE DE CHEGAR AO SEGUNDO TURNO, MARINA CUMPRE SEU PAPEL: DIVIDIR PARA QUE SERRA POSSA GANHAR. O PV, LINHA AUXILIAR DO PSDB, JÁ FECHOU COM SERRA PARA O SEGUNDO TURNO. QUEM VIVER VERÁ. | | | X |
| 65 | 05/10/2010 | FRANCISCO JOSÉ FASSANO CÉSAR | A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS | NÃO | TANTO DILMA QUANTO MARINA TRABALHARAM MUITO BEM PARA O POVO NO GOVERNO LULA. AS DUAS PROVARAM NAS URNAS QUE OS BRASILEIROS QUEREM UMA MULHER NA PRESIDÊNCIA. ASSIM SENDO, SE A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS!, MARINA DEVE APOIAR DILMA NO SEGUNDO TURNO E TRABALHAR JUNTO COM ELA PARA O POVO BRASILEIRO. CREIO QUE AS DUAS FORTALECERÃO AINDA MAIS A NOSSA DEMOCRACIA. O MUNDO REALMENTE É DAS MULHERES! | | X | |
| 66 | 07/10/2010 | JOÃO CARLOS CARVALHO DA SILVA | CÃO QUE LADRA NÃO MORDE | NÃO | O PRESIDENTE LULA CHAMOU CIRO GOMES PARA A SUA TROPA DE CHOQUE. O DIFÍCIL DE ENTENDER É COMO UMA PESSOA QUE ALMEJAVA CANDIDATAR-SE AO CARGO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA, E QUE FOI DESCARTADA E HUMILHADA PELO PRESIDENTE, AINDA ACEITA UM PAPEL DE CABO ELEITORAL DA DILMA.CIRO, QUE SEMPRE GOSTOU DE ALARDEAR A SUA COERÊNCIA POLÍTICA, ALÉM DE CRITICAR TODOS AQUELES QUE A CONTRARIAM, MUITAS VEZES COM EXTREMA TRUCULÊNCIA, APARECE AGORA NO PALANQUE DO PT, COM A MISSÃO DE PREGAR OS MANDAMENTOS DO LULA, LOGO DEPOIS DO COMENTADO E SUSPEITO PASSEIO FAMILIAR NO POLÊMICO JATINHO, GRAVADO E MOSTRADO NA MÍDIA. É A VELHA HISTÓRIA DO CÃO QUE LADRA, LADRA, MAS NÃO MORDE. | | | X |
| 67 | 08/10/2010 | ANTONIO BANDEIRA CORRÊA | ANTES TARDE DO QUE NUNCA | NÃO | EMBORA TARDIAMENTE, COMO É DE SEU FEITIO, JOSÉ SERRA DECIDIU APEGAR-SE AO LEGADO DEIXADO POR FERNANDO HENRIQUE NA CAMPANHA DO SEGUNDO TURNO. SERRA ERROU AO DEMORAR A LANÇAR-SE CANDIDATO PELA OPOSIÇÃO; ERROU AO DEMORAR A ESCOLHER SEU VICE; ERROU AO ESCOLHER UM VICE JOVEM DEMAIS E PRATICAMENTE DESCONHECIDO PELA MAIORIA DOS BRASILEIROS. ESPEREMOS QUE NÃO SE TENHA DEMORADO DEMASIADAMENTE AO DECIDIR, APENAS SEGUNDA ETAPA DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS, A TENTAR RECUPERAR O ESPAÇO E O TEMPO PERDIDOS, COLOCANDO EM CAMPANHA OS FEITOS CONQUISTADOS POR FERNANDO HENRIQUE EM SEUS OITO ANOS DE MANDATO. ANTES TARDE DO QUE NUNCA. | | | X |
| 68 | 15/10/2010 | JORGE CALDEIRA | O ÓTIMO É INIMIGO DO BOM | SIM | O ÓTIMO É INIMIGO DO BOM, DIZIA MINHA AVÓ. O ÓTIMO TERIA SIDO UMA VITÓRIA DE MARINA NO PRIMEIRO TURNO. RESTARIA AGORA OPTAR PELO BOM, OU MENOS RUIM. PORÉM, O CONSENSO PELA NEUTRALIDADE DO PV E DA CANDIDATA DERROTADA NÃO FAZEM BEM AO PAÍS, NUMA HORA DE SITUAÇÃO POLÍTICA TÃO DELICADA. MELHOR SERIA QUE O SEU PARTIDO TENTASSE ENCONTRAR INTERFACES NEGOCIADAS COM ALGUM DOS CANDIDATOS, E EVENTUALMENTE SAÍSSE DO GOVERNO, MAIS UMA VEZ, NO CASO DE DESCUMPRIMENTO FUTURO DO ACORDO, MOSTRANDO COERÊNCIA E INTEGRIDADE. O ÓTIMO É INIMIGO DO BOM, MAS DECLARAR INDEPENDÊNCIA LIBERANDO SEUS FILIADOS À PRÓPRIA ESCOLHA É O PÉSSIMO. LANÇA O PV NA VALA COMUM DOS QUE ABDICAM DO SEU DEVER DE ESCOLHER E PARTICIPAR. | X | | |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|-----------------------------------|---|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 69 | 15/10/2010 | GERALDO DE PAULA E SILVA | PAU QUE NASCE TORTO, MORRE TORTO. | NÃO | ASSIM COMO SEU CHEFE, QUE TEVE DE ASSUMIR COM A GARANTIA DE UMA CARTA-COMPROMISSO, DILMA ASSINARÁ COMPROMISSO DIZENDO QUE NÃO FARÁ O QUE DISSE QUE FARIA. A PALAVRA NÃO VALE MAIS NADA. CERCEAMENTO DA IMPRENSA E LEGALIZAÇÃO DO ABORTO, TEMAS QUE FAZIAM PARTE DO PLANO INICIAL DO PT, SÃO COLOCADOS DEBAIXO DO TAPETE, PARA AGRADAR AO ELEITORADO. O QUE NENHUMA CARTA-COMPROMISSO PODE GARANTIR É QUE COM O GOVERNO NA MÃO NÃO SE POSSA DAR UMA LEVANTADINHA NESSE TAPETE. AFINAL, PAU QUE NASCE TORTO, NÃO TEM JEITO, MORRE TORTO. | | | X |
| 70 | 03/11/2010 | MAURO TAVARES BLANCO | OLHO POR OLHO | NÃO | OLHO POR OLHO. PARA COMBATER UMA ILEGALIDADE CRIMINOSA DO ARRASTÃO NO JARDIM BOTÂNICO, OS MORADORES FAZEM UMA PROPOSTA: FECHAR RUAS COM CANCELAS, UMA ILEGALIDADE. EMPRESAS DE SEGURANÇA COM SEUS MILICIANOS JÁ PODEM APRESENTAR PROPOSTAS PARA SEGURANÇA PRIVADA EM LOGRADOUROS PÚBLICOS, OUTRA ILEGALIDADE. JÁ ESTAMOS NOS ACOSTUMANDO: ILEGAL, E DAÍ? | X | | |
| 71 | 04/11/2010 | LUIZ NUSBAUM | PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS É REFRESCO | NÃO | LULA PEDE PARA A OPOSIÇÃO NÃO FAZER COM DILMA O QUE SEMPRE ELE E SEU PT FIZERAM QUANDO LÁ ESTAVAM. PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS É REFRESCO. FIQUE TRANQUILO. NÓS SOMOS CONSCIENTES E PATRIÓTICOS. | | X | |
| 72 | 14/11/2010 | EMANUEL CANCELLA | OS CÃES LADRAM E A CARAVANA PASSA | SIM | A TURMA QUE É CONTRA O TREM-BALA PERDEU O TREM DA HISTÓRIA. O MUNDO CIVILIZADO VIAJA DE TREM, DE METRÔ. A TURMA DO CONTRA QUER QUE CONTINUEMOS A ANDAR DE CARROÇA. O PROBLEMA DELES É QUE LULA, O PRESIDENTE OPERÁRIO E NÃO UM INTELLECTUAL, VAI COLOCAR OS TRANSPORTES DO BRASIL NOS TRILHOS! COMO DIZ O DITADO: "OS CÃES LADRAM E A CARAVANA (TREM-BALA) PASSA!" | | | X |
| 73 | 20/11/2010 | JOSÉ DE ANCHIETA NOBRE DE ALMEIDA | ERRAR É HUMANO, REPETIR O ERRO É BURRICE | SIM | COMO HISTORIADOR, ACHO SALUTAR E NECESSÁRIO ABRIREM-SE TODOS OS ARQUIVOS, OFICIAIS OU NÃO, E DOS DOIS LADOS, DA ERA DE CHUMBO DO PERÍODO 64/85. A FUNÇÃO DA HISTÓRIA NÃO É SÓ LEMBRAR O PASSADO, MAS, UTILIZANDO TAIS LEMBRANÇAS, ILUMINAR O FUTURO. DIZ UM DITADO POPULAR QUE "ERRAR É HUMANO, REPETIR O ERRO É BURRICE". ESTE DEVE SER O OBJETIVO DA ABERTURA DOS ARQUIVOS PARA QUE NÃO VENHAMOS A REPETIR OS DESCALABROS QUE TODO REGIME AUTORITÁRIO COMETE. | | X | |
| 74 | 25/11/2010 | ELSON DE AZEVEDO BURITY | A MELHOR DEFESA É O ATAQUE. | SIM | O RIO TODO SABE QUE AS DUAS MAIORES CONCENTRAÇÕES DE BANDIDOS, ATUALMENTE, ESTÃO NO COMPLEXO DO ALEMÃO E NA ROCINHA. PORTANTO, É HORA DE A PM SUBIR O MORRO E TENTAR DESALOJÁ-LOS. LEMBRAM QUANDO ESTA MESMA PM SUBIU O COMPLEXO DO ALEMÃO E MORRERAM DEZENAS DE BANDIDOS? HÁ UM VELHO E CONHECIDO DITADO QUE DIZ: A MELHOR DEFESA É O ATAQUE. NÃO ADIANTA A PM CERCAR AS PRINCIPAIS RUAS DA CIDADE, QUE NADA ACONTECERÁ. É HORA DE O GOVERNADOR AGIR MAIS, POIS É SUA A RESPONSABILIDADE PELA SEGURANÇA DO ESTADO. A POPULAÇÃO EXIGE PROVIDÊNCIAS ENÉRGICAS E IMEDIATAS. O RESTO É CONVERSA FIADA DE POLÍTICO. | | X | |
| 75 | 02/12/2010 | SAMUEL RODRIGUES DE SOUZA | DIZE-ME COM QUEM ANDAS, E EU TE DIREI QUEM ÉS | SIM | A FORMA COMO O PRESIDENTE LULA TRATA UM JORNALISTA, MANDANDO-O FAZER UM TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO, É O FIM DA PICADA. SÓ MESMO NO BRASIL, UM PAÍS DO TERCEIRO MUNDO, ISSO VEM A ACONTECER. É MESMO UMA REPUBLICUETA! LULA SEMPRE DEFENDE OS QUE NÃO PRESTAM, OS DO MENSALÃO, RENAN, SARNEY, COLLOR... DIZ O DITADO: "DIZE-ME COM QUEM ANDAS, E EU TE DIREI QUEM ÉS." | | | X |
| 76 | 02/12/2010 | IZABEL AVALLONE | QUEM VIVER VERÁ. | NÃO | O PRESIDENTE LULA VEM ESCOLHENDO OS MINISTROS DO GOVERNO DE DILMA ROUSSEFF A CADA DIA. UMA COISA TODO BRASILEIRO APRENDEU: QUANDO LULA DIZ "NÃO VOU DAR PALPITE" É PORQUE ELE PALPITA EM TUDO. CADA VEZ QUE SURGE A OPORTUNIDADE PARA DILMA ESCOLHER UM MINISTRO OU MINISTRA, LÁ VEM LULA DIZENDO QUE TAL PESSOA DEVE FICAR NO GOVERNO. OU SEJA, DILMA FOI ELEITA, MAS QUEM GOVERNARÁ SERÁ LULA. ESTA É UMA FORMA DE TERCEIRO MANDATO CAMUFLADO. QUEM VIVER VERÁ. | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|---------------------------------|-----------------------------------|---------------------------|--|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 77 | 02/12/2010 | ALOYSIO BRANDÃO | QUEM VIVER, VERÁ. | NÃO | CONFORME JÁ ERA PREVISTO, LULA É QUEM ESTÁ NOMEANDO OS FUTUROS MINISTROS DO GOVERNO DILMA. O PROBLEMA, DORAVANTE, É SABERMOS ATÉ QUE PONTO A SRA. DILMA SERÁ MONITORADA POR LULA. COMO VEMOS, É O TERCEIRO MANDATO QUE SE MATERIALIZA. E O PIOR É QUE APÓS OS QUATRO ANOS DE DILMA TEREMOS DE VOLTA LULA. QUEM VIVER, VERÁ. | | | X |
| 78 | 06/12/2010 | JOSÉ ARTHUR GUIMARÃES MOREIRA | ANTES TARDE DO QUE NUNCA | NÃO | SE, HÁ 50 ANOS, AS AUTORIDADES MUNICIPAIS, ESTADUAIS E FEDERAIS TIVESSEM INICIADO UM PLANO DE ASSENTAMENTO DAS POPULAÇÕES MAIS CARENTES E A URBANIZAÇÃO E REURBANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES POBRES, NÃO TERÍAMOS CHEGADO AO CAOS METROPOLITANO POR QUE PASSAMOS. MISÉRIA, FOME, DESEMPREGO, SUBEMPREGO, ANALFABETISMO, TODOS ESSES FATORES SOMADOS, REPRESENTANDO UM CALDO DE CULTURA PARA A DESUMANIDADE, VIOLÊNCIA, CRIMINALIDADE E APARTEID. A INCLUSÃO SOCIAL SÓ HÁ POUCOS ANOS TEM SIDO DISCUTIDA PELAS AUTORIDADES. PESSOAS QUE NÃO TÊM MORADIA, SANEAMENTO BÁSICO NEM UM SIMPLES REGISTRO DE NASCIMENTO! AO ACORDAREM DE MANHÃ NÃO SABEM SE TERÃO ALIMENTAÇÃO! O TRÁFICO DE DROGAS E OUTROS TRÁFICOS SE ESTABELECEM ONDE O ESTADO NÃO ESTEVE PRESENTE, E A POPULAÇÃO SOFRIDA, ABANDONADA PELO ADMINISTRADOR PÚBLICO, É REFÉM DO CRIME ORGANIZADO, QUE NÃO É TÃO ORGANIZADO ASSIM, CASO CONTRÁRIO... O ORÇAMENTO PÚBLICO NÃO SUBIU O MORRO, NÃO ENTROU NAS VIELAS, ISTO É, O ORÇAMENTO NÃO CONHECE AS CLASSES "D" E "E". A CORRIDA É CONTRA O TEMPO. ANTES TARDE DO QUE NUNCA! | | | X |
| 79 | 08/12/2010 | JOSÉ LUIZ VILLAS BÓAS | É DANDO QUE SE RECEBE | NÃO | INSATISFEITOS COM QUATRO MINISTÉRIOS QUE LHES SERIAM DESTINADOS PELA PRESIDENTE ELEITA, DILMA ROUSSEFF, OS CACIQUES — SEMPRE OS MESMOS — DO PMDB REAGEM, AFIRMANDO QUE "A GOVERNABILIDADE PODE FICAR PREJUDICADA", ISTO É, OU LHES DÃO MAIS DOIS MINISTÉRIOS, PREFERENCIALMENTE DE GRANDES ORÇAMENTOS, OU IRÃO DIFICULTAR AS VOTAÇÕES. CHANTAGEM CHULA, BARATA, EM TEMPOS DE CIDADANIA NO ALEMÃO. ALGUÉM ACREDITOU NO APOIO IRRESTRITO DO PMDB, ACOSTUMADO ÀS TROCAS DO "É DANDO QUE SE RECEBE"? O PMDB SOMOU VOTOS? OU A ELEIÇÃO ACONTECEU (90%) BASEADA NA POPULARIDADE — VIDE O NORDESTE — DO PRESIDENTE LULA? DEIXEMOS A PRESIDENTE TRABALHAR TECNICAMENTE, OU VAMOS REPETIR ERROS CRASSOS DO FISIOLGISMO. E NADA DE "PREMIAR" DERROTADOS NAS URNAS COM CARGOS NO GOVERNO. ESSE FILME JÁ VIMOS. | | X | |
| 80 | 10/12/2010 | ANTONIO CARLOS VOLOTÃO FERREIRA | PREVENIR É MELHOR DO QUE REMEDIAR | SIM | COMO SERÃO AS CHUVAS ESCOANDO PELOS RIOS DO RIO? A PREFEITURA, ATRAVÉS DA RIO-ÁGUAS, AFIRMA QUE AS LIMPEZAS DE MANUTENÇÃO OCORREM DENTRO DE UM PLANEJAMENTO. ESPERAMOS QUE ESTE TRABALHO NÃO SEJA AQUELE VISTO COM AÇÕES EMERGENCIAIS DEPOIS DAS CHUVAS. JÁ DIZ O DITADO: "PREVENIR É MELHOR DO QUE REMEDIAR." | | | X |
| 81 | 17/12/2010 | DÁRIO CARDOSO RODRIGUES | FARINHA POUCA MEU PIRÃO PRIMEIRO | SIM | CABE UMA REFLEXÃO SOBRE ESSE REAJUSTE, QUE SERÁ O EFEITO CASCATA E QUE SE ESTENDERÁ A DEPUTADOS ESTADUAIS, VEREADORES, PREFEITOS E GOVERNADORES. PREFEITOS SE COLOCAM CONTRA O REAJUSTE DO MÍNIMO, SOB A ALEGAÇÃO DE QUE NÃO TÊM CONDIÇÕES DE PAGAR. AGORA, O AUMENTO DOS SALÁRIOS DELES NÃO TEM PROBLEMA PARA OS CAIXAS DOS MUNICÍPIOS. PREVALECE AQUELE DITADO: FARINHA POUCA MEU PIRÃO PRIMEIRO. | | | X |
| 82 | 18/12/2010 | GILBERTO BORDALLO | FEITA A LEI, AVENTADA A TRAPAÇA | SIM | AFIRMOU O GOVERNADOR CABRAL QUE O JOGO PODERIA SER LIBERADO — "BASTA ESTABELECEM REGRAS RÍGIDAS E CONTROLE, E QUE NÃO LIBERÁ-LO É DEMAGOGIA E HIPOCRISIA". ORA, GOVERNADOR, BASTA A POLÍCIA E OS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA COIBIREM COM MÃO FORTE O JOGO ILEGAL, COMO FORAM OBRIGADOS A FAZÊ-LO NO COMPLEXO DO ALEMÃO, QUE A COISA FUNCIONA. SIMPLES, NÃO? TALVEZ O GOVERNADOR TENHA ESQUECIDO DA MISÉRIA SOCIAL, DA BANCARROTA MORAL, DA DEGRADAÇÃO DO TECIDO FAMILIAR SOFRIDAS PELAS FAMÍLIAS DAQUELES QUE NÃO CONSEGUEM SE AFASTAR DAS MESAS DE JOGO. O DANO É MUITO MAIOR DO QUE O BENEFÍCIO. ISSO SEM CONTAR OS CRIMES QUE A LEGALIZAÇÃO ENSEJA: LAVAGEM DE DINHEIRO, CORRUPÇÃO ETC. É COMO DIZ O PROVÉRBIO ITALIANO: "FEITA A LEI, AVENTADA A TRAPAÇA." | | | X |

| | DATA | AUTOR | PROVÉRBIO | ENUNCIADO METALINGÜÍSTICO | TEXTO INTEGRAL - CARTA DO LEITOR | OCORRÊNCIA | | |
|----|------------|----------------------|--|---------------------------|---|------------|------|-----|
| | | | | | | INÍCIO | MEIO | FIM |
| 83 | 25/12/2010 | JOÃO ROBERTO GULLINO | NÃO SE DEVE MEXER EM ÁGUA PARADA, PARA A LAMA NÃO VIR À TONA | SIM | EM POUCO MAIS DE 30 DIAS DE ELEITA E CONSEQUENTE ESCOLHA DE SEU MINISTÉRIO, JÁ PIPOCARAM ALGUNS PEQUENOS, MAS PREOCUPANTES, ESCÂNDALOS NA ÁREA MINISTERIAL. E AÍ FICA EXPLICADO POR QUE A PRESIDENTE ELEITA NÃO MEXEU MUITO NOS MINISTROS DE LULA, POIS JÁ DIZ O VELHO DITADO QUE "NÃO SE DEVE MEXER EM ÁGUA PARADA, PARA A LAMA NÃO VIR À TONA". ALIÁS, PARECE QUE A ERENICE ESCAFEDEU-SE, POIS NINGUÉM MAIS FALA NELA. SERÁ QUE VAI SE REPETIR O CASO JOSÉ DIRCEU, QUE SÓ REAPARECEU DEPOIS DE CINCO ANOS? BOTA-SE UMA PEDRA EM CIMA, O POVO ESQUECE E LULA SOLTA FOGUETES: ESTE É O ESQUEMA. | | X | |

ANEXO 2

PROVÉRBIOS ENCONTRADOS NAS CARTAS DO LEITOR

Nesta tabela os provérbios estão classificados em ordem alfabética, conforme foram encontrados nas coletâneas dos autores denominados pelas siglas:

- RL – Roberto Lacerda *et al.*
- AV – Álvaro Valle
- MS – Martha Steinberg

Os números próximos às siglas referem-se à numeração do provérbio na coletânea do autor citado.

| Nº | PROVÉRBIO | CLASSIFICAÇÃO | RECORRÊNCIA |
|----|---|----------------------|-------------|
| 1 | A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE | RL143, AV19, MS422 | 2 |
| 2 | A JUSTIÇA TARDA MAS NÃO FALHA | RL187, AV23 | 1 |
| 3 | A MELHOR DEFESA É O ATAQUE | RL59 | 2 |
| 4 | A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS | RL374, AV33, MS897 | 3 |
| 5 | ANTES TARDE DO QUE NUNCA | RL340, MS65 | 5 |
| 6 | CÃO QUE LADRA NÃO MORDE | RL70, MS38 | 1 |
| 7 | CAUTELA E CALDO DE GALINHA NÃO FAZEM MAL À NINGUÉM | RL230 | 1 |
| 8 | CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTO | MS881 | 1 |
| 9 | DE BOAS INTENÇÕES O INFERNO ESTÁ CHEIO. | RL116, AV79, MS748 | 1 |
| 10 | DEPOIS DA TEMPESTADE VEM A BONANÇA. | RL283, AV85, MS6 | 1 |
| 11 | DIGA-ME COM QUEM ANDAS QUE EU TE DIREI QUEM ÉS | RL143, MS588, AV87 | 6 |
| 12 | É DANDO QUE SE RECEBE | RL83, AV96 | 1 |
| 13 | ERRAR É HUMANO, REPETIR O ERRO É BURRICE | RL119, MS226/869/870 | 1 |
| 14 | FAÇA O QUE EU MANDO, MAS NÃO FAÇA O QUE FAÇO | MS47/166 | 1 |
| 15 | FARINHA POUCA MEU PIRÃO PRIMEIRO | RL58 | 1 |
| 16 | FEITA A LEI, AVENTADA A TRAPAÇA | * | 1 |
| 17 | HÁ MALES QUE VÊM PARA O BEM | RL208, AV118, MS801 | 1 |
| 18 | MAIS DEPRESSA SE APANHA UM MENTIROSO DO QUE UM COXO | RL220 | 1 |

| | | | |
|----|--|----------------------------|----|
| 19 | MANDA QUEM PODE E OBEDECE QUEM TEM JUÍZO | RL302 | 2 |
| 20 | MATAR DOIS COELHOS COM UMA CAJADADA SÓ | RL279 | 1 |
| 21 | MUITO AJUDA QUEM NÃO ATRAPALHA | * | 1 |
| 22 | NÃO SE DEVE MEXER EM ÁGUA PARADA, PARA A LAMA NÃO VIR À TONA | * | 1 |
| 23 | O APRESSADO COME CRU | RL165, AV147 | 1 |
| 24 | O BARATO SAI CARO | RL79, AV148 | 1 |
| 25 | O BOM CABRITO NÃO BERRA | AV149 | 1 |
| 26 | O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM DORME | * | 1 |
| 27 | O ÓTIMO É INIMIGO DO BOM | RL225 | 1 |
| 28 | O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER VER | RL26, AV161, MS656/654 | 2 |
| 29 | OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE | RL59, MS264 | 1 |
| 30 | OS CÃES LADRAM E A CARAVANA PASSA | RL73 | 1 |
| 31 | OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS | RL141 | 3 |
| 32 | PARA BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA BASTA | RL117, AV176, MS895/968 | 1 |
| 33 | PATA DE GALINHA NÃO MATA PINTO | RL6, AV185 | 1 |
| 34 | PATO NOVO NÃO MERGULHA FUNDO | AV183 | 1 |
| 35 | PAU QUE NASCE TORTO, MORRE TORTO. | RL39, AV184, MS984 | 1 |
| 36 | PELO ANDAR DA CARRUAGEM, VOCÊ SABE QUEM VEM DENTRO | RL253, AV186 | 1 |
| 37 | PERGUNTAR NÃO OFENDE: | MS554 | 1 |
| 38 | PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS É REFRESCO | RL54, AV188, MS478/681 | 1 |
| 39 | PREVENIR É MELHOR DO QUE REMEDIAR | MS487/722/789/958 | 1 |
| 40 | QUANDO TODOS PENSAM IGUAL FOI PORQUE NÃO PENSARAM | * | 1 |
| 41 | QUEM AVISA AMIGO É | AV201 | 1 |
| 42 | QUEM CALA CONSENTE | RL234, AV202, MS769/796 | 3 |
| 43 | QUEM DESDENHA QUER COMPRAR | RL14 | 1 |
| 44 | QUEM FALA O QUE QUER OUVI O QUE NÃO QUER | MS403 | 1 |
| 45 | QUEM NÃO DEVE NÃO TEME | AV210, MS669 | 3 |
| 46 | QUEM PLANTA COLHE | RL326, AV219, MS928 | 1 |
| 47 | QUEM TEM TELHADO DE VIDRO, NÃO ATIRA PEDRA AO DO VIZINHO | RL346, AV224, MS858 | 1 |
| 48 | QUEM VIVER VERÁ AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ | RL372 | 12 |
| 49 | TUDO DANTES COMO NO QUARTEL DE ABRANTES | RL301 | 3 |
| 50 | UM DIA DA CAÇA, OUTRO DO CAÇADOR | RL22, MS78 | 1 |
| 51 | UMA MÃO LAVA A OUTRA | RL180, MS999 | 2 |

* Estes provérbios não estão especificados na classificação dos pesquisadores supramencionados, entretanto são identificados pelos autores das cartas do leitor ora como provérbios ora como ditados.